ALL TOMORROWS

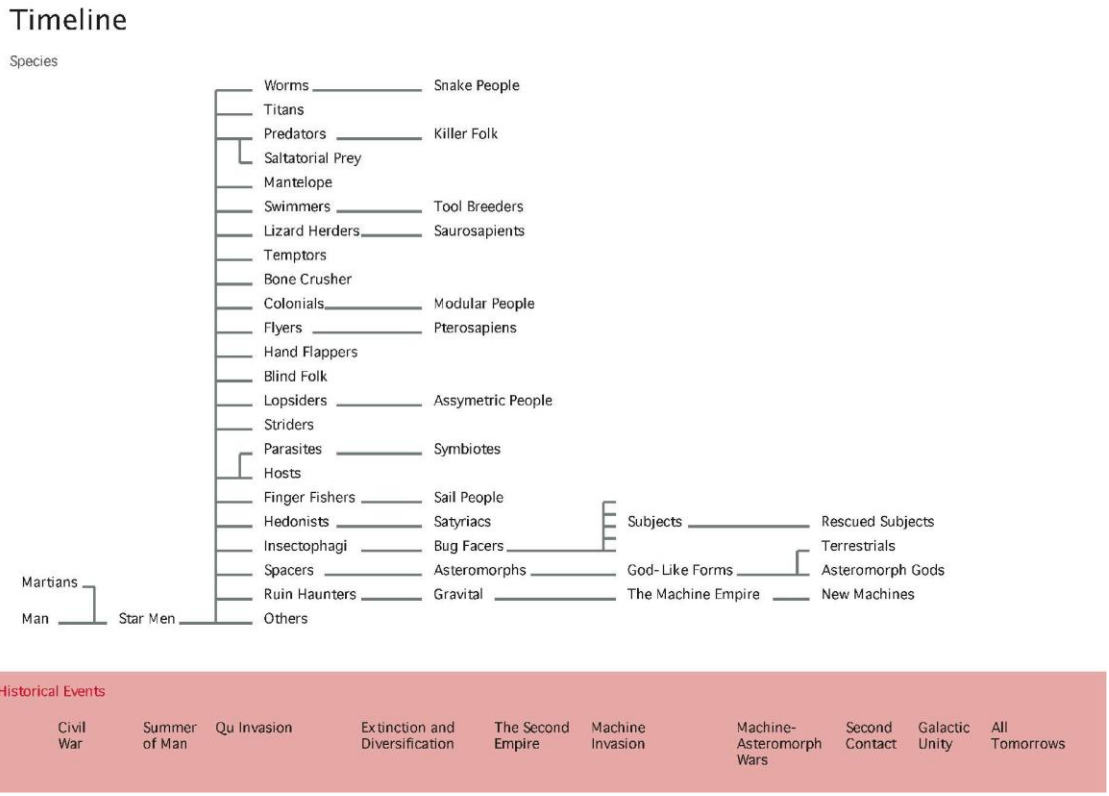
Uma crônica de um bilhão de anos sobre as variedades de espécies e os diferentes destinos da humanidade.

Nemo Ramjet

Tradução João Lopes

(***Essa é uma tradução não oficial, portanto não foi autorizada pelo autor, foi feita de fã para fã – Compartilhe se você gostou)***

Linha do Tempo



I

Para Marte

Depois de milênios de relações prévias na Terra, as conquistas da humanidade atingiram um nível digno de nota começando com sua unificação política e a colonização gradual de Marte.

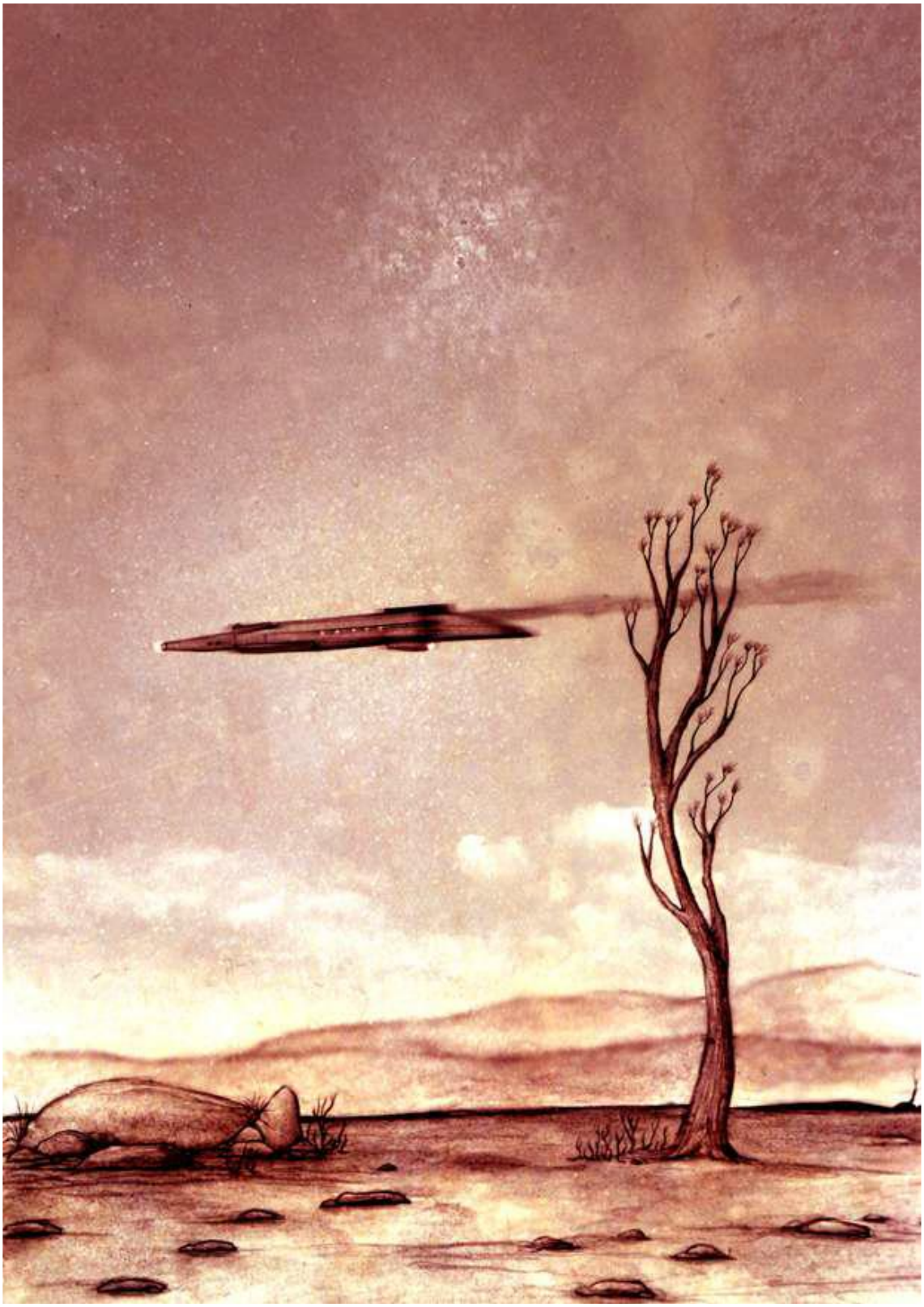
Embora a tecnologia para colonizar esse mundo já existia há algum tempo, mas as brigas políticas, as mudanças de agendas e a pura inércia da confortável exploração terrestre fizeram com que esse passo parecesse mais distante do que de fato era. Somente quando os riscos começaram a se apresentar claramente, somente quando ambiente da Terra começou a se dobrar sob a pressão de doze bilhões de almas industrializadas, a humanidade finalmente assumiu a importante tarefa.

Durante décadas, viajar para Marte e, posteriormente, estabelecer-se em Marte foi imaginado como algo rápido e relativamente fácil; complicado, mas factível e gerenciável em curto prazo. Quando finalmente chegamos ao fim, percebemos que esse não era o caso.

Era necessário avançar passo a passo. O bombardeio atmosférico por micróbios geneticamente adaptados gerou lentamente uma atmosfera respirável em um ciclo que levou séculos. Mais tarde, alguns fragmentos de cometas foram desviados de sua rota para gerar mares, oceanos e água. Quando a espera finalmente terminou, restos da flora e da fauna da Terra foram introduzidos como versões marcianas especialmente modificadas.

Quando tudo estava pronto, as pessoas saíram de seu mundo lotado. Elas vieram em naves só de ida; foguetes de fusão e planadores atmosféricos, lotados de colonos até a borda, sonhando com um novo começo.

Os primeiros passos em Marte não foram dados por astronautas, mas por crianças descalças em grama sintética.



Um módulo de pouso transporta as primeiras pessoas para o éden pré-formado de Marte.

II

Os Américo-marcianos

Por várias centenas de anos, Marte permaneceu como um remanso; próspero, mas ainda obscuro em comparação com o esplendor da Terra, que estava radiante como nunca antes. Graças à realocação de indústrias ambientalmente exigentes para Marte, a Terra podia usufruir de tudo, sem ter que danificar sua biosfera cansada. Essa foi a Era Terrestre. o clímax do desenvolvimento econômico, cultural e social da velha Terra.

Isso, no entanto, não durou muito. Assim como a separação gradual da América de sua Metrópole, os governos de Marte adotaram uma nova identidade marciana. Eles se tornaram os Americo-marcianos.

A diferença entre a Terra e Marte não era apenas política. Algumas gerações em uma gravidade mais leve deram aos novos americanos uma estrutura ágil e esguia que pareceria surreal em seu antigo lar. Isso, combinado com uma certa quantidade de engenharia genética, levou a separação dos marcianos a um novo patamar.

Por um tempo, o cisma silencioso entre os dois planetas foi mutuamente aceito, e a balança de poder se manteve em um equilíbrio nervoso. Mas o impasse entre Terra e Marte não poderia durar para sempre. Com recursos ilimitados e uma população enérgica, Marte estava fadado a assumir a liderança.

III

Guerra Civil

Esperava-se que a virada marciana ocorresse de duas maneiras: por meio de ganhos econômicos de longo prazo ou por um conflito armado muito mais curto, porém doloroso. Por quase duzentos anos, o primeiro método pareceu surtir efeito, mas essa tendência gradual acabou se rompendo da maneira mais destrutiva possível.

Quase desde seu estabelecimento, a cultura marciana foi impregnada de um tema explícito de rebelião contra a Terra. Músicas, filmes e publicações diárias repetiam essas noções repetidamente até que se tornassem internalizadas. A Terra era o lar velho e enrijecido que prendia a humanidade, enquanto Marte era novo, dinâmico, ativo e inventivo. Marte era o futuro.

Essa ideologia acabou atingindo seu ápice revolucionário e semiparanoico. Cerca de mil anos a partir de agora, as nações de Marte proibiram todo comércio e viagens não essenciais com a Terra.

Para a Terra, era uma sentença de morte. Sem os recursos e as indústrias de Marte, o auge terrestre rapidamente se transformaria em uma pálida sombra de sua antiga glória. Como como o comércio de bens essenciais continuava, ninguém passaria fome. Mas para cada cidadão da Terra, o boicote marciano significava a perda de até três quartos de sua renda anual.

A Terra não tinha escolha a não ser recuperar seus antigos privilégios, pela força, se necessário. Séculos depois de sua unificação política, a Terra se preparou para a guerra.

A maioria dos pensadores (e fantasistas) de épocas anteriores imaginavam guerras interplanetárias como um espetáculo glorioso e veloz de naves espaciais gigantescas, caças de um homem só e heroísmos de última hora. Nenhuma fantasia poderia estar mais longe da verdade. A guerra entre planetas era uma série lenta e estressante de decisões precisamente cronometradas que significavam destruição em escalas bíblicas.

Na maioria das vezes, os combatentes nunca se viam. Na maioria das vezes, os combatentes não estavam presentes. A guerra tornou-se um duelo entre máquinas

complicadas e autônomas, programadas para maximizar os danos ao outro lado e tentar durar um pouco mais.

Esse conflito causou uma destruição terrível em ambos os lados. Phobos, uma das luas de Marte, foi fragmentada, e enviada como chuva de meteoritos. A Terra recebeu um impacto polar que matou um terço de sua população.

Escapando por pouco da extinção, os povos da Terra e de Marte fizeram as pazes e reconstruíram um sistema solar unido. Isso lhes custou mais de oito bilhões de almas.

IV

O Povo das estrelas

Os sobreviventes concordaram que eram necessárias grandes mudanças para garantir que uma guerra nunca mais ocorresse. Essas reformas eram tão abrangentes que implicavam mudanças não políticas e econômicas, mas também mudanças biológicas.

Uma das maiores diferenças entre os povos dos dois planetas era que, com o passar do tempo, eles quase se tornaram espécies diferentes. Acreditava-se que o sistema solar nunca poderia se unificar completamente até que essa discrepância fosse superada.

A resposta foi uma nova subespécie humana, igualmente e melhor adaptada não apenas à Terra e Marte, mas também às condições da maioria dos ambientes recém-terraformados. Além disso, esses seres foram concebidos com cérebros maiores e qualidades excepcionais, tornando-os superiores aos seus antecessores.

Normalmente, seria difícil convencer qualquer população a fazer uma escolha entre a esterilização obrigatória e ser mãe de uma nova raça de seres superiores. No entanto,

as lembranças da guerra ainda estavam dolorosamente frescas, e era mais fácil implementar esses procedimentos radicais após o massacre. Qualquer resistência ao nascimento da nova espécie não se estendeu além de reclamações insignificantes e greves triviais.

Em apenas algumas gerações, a nova raça começou a provar seu valor. Organizados como um único estado e auxiliados pelos desenvolvimentos tecnológicos da guerra, eles rapidamente terraformaram e colonizaram Vênus, os asteroides e as luas de Júpiter e Saturno.

Logo, porém, até mesmo o domínio do Sol ficou pequeno demais. Os novos povos que herdaram o território queriam ir mais longe, para novos mundos sob estrelas distantes. Eles se tornariam o Povo das Estrelas.

V

Colonização e o Édipo Mecânico

Mesmo para o Povo das Estrelas, a viagem interplanetária era um grande passo. As mentes primitivas que se debruçavam sobre o problema fantasiavam viagens mais rápidas que a luz e viagens pelo hiperespaço como as únicas "soluções."

Em termos simples, era impossível levar um grande número de pessoas com suprimentos suficientes até a estrela mais próxima para tornar a colonização viável. As tecnologias existentes só conseguiam alcançar meras porcentagens da velocidade da luz, tornando a jornada épica. Enormes "naves de geração" foram concebidas e até construídas, mas sucumbiram a dificuldades técnicas ou à anarquia a bordo após algum tempo.

A solução era primeiro chegar até lá e depois "criar" os colonos. Para isso, naves automatizadas, rápidas e pequenas, foram enviadas para as estrelas. A bordo havia máquinas semi-sencientes programadas para replicar e terraformar o destino e "construir" seus habitantes a partir dos materiais genéticos armazenados a bordo.

Porém, um problema un tanto bizarro atormentava essas tentativas. A primeira geração de humanos que foi "fabricada", às vezes, desenvolvia uma estranha afeição pelas máquinas que os criaram. Eles rejeitavam sua própria espécie e morriam após uma enorme crise de identidade que se seguia. Esse complexo de Édipo tecnológico não era incomum; quase metade de todas as tentativas de fundação de colônias foi perdida por causa disso.

Mesmo assim, no entanto, a metade restante foi suficiente para povoar de humanos o braço espiral da galáxia.

VI

O Verão Humano

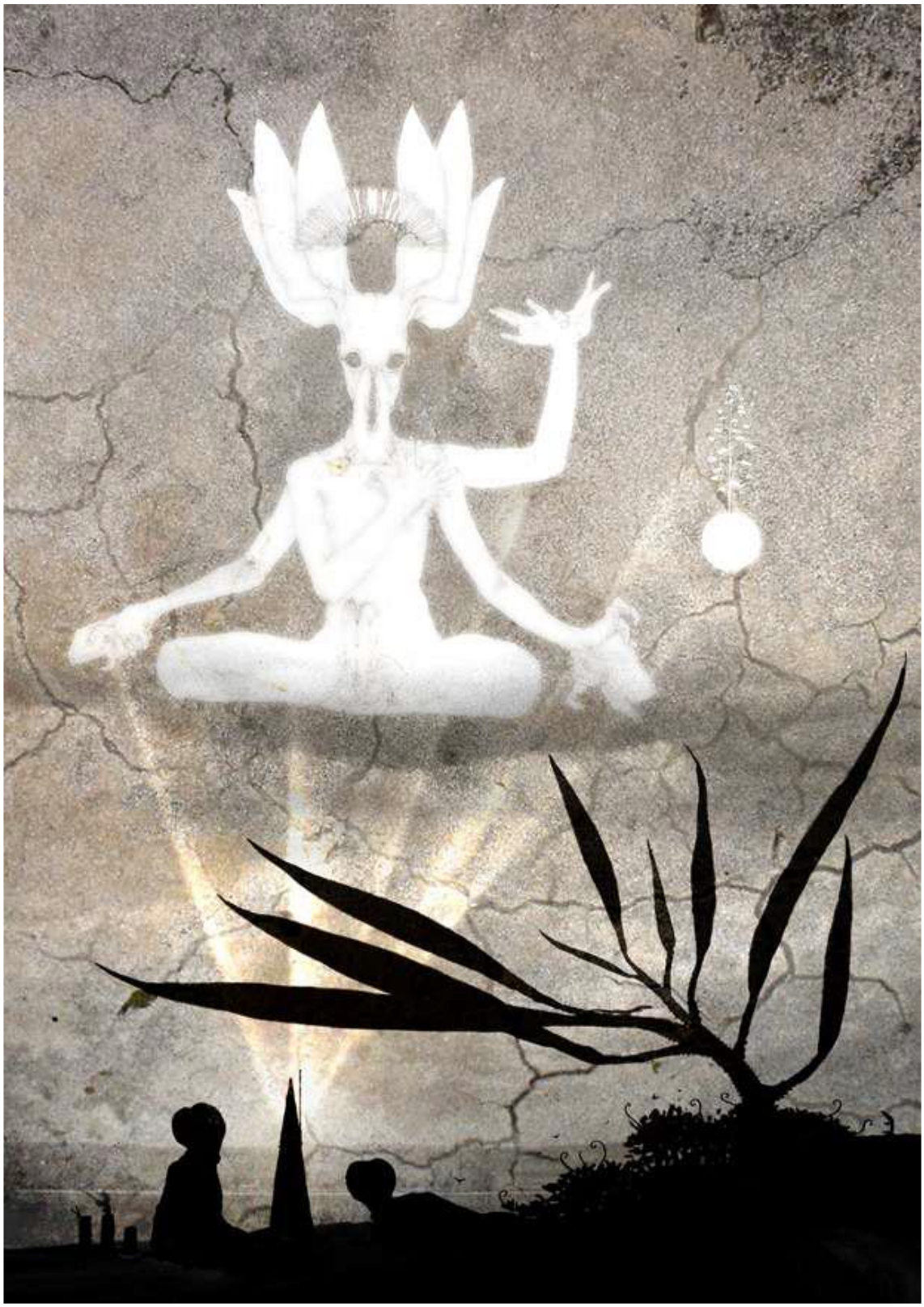
Logo após a colonização da galáxia pela humanidade, veio sua primeira verdadeira era de ouro. Criados por máquinas-profetas, os sobreviventes das pragas edipianas construíram civilizações que se igualaram e até superaram seus antepassados solares.

Essa dispersão pelos céus não significou uma perda de unidade. Por todos os céus, a comunicação eletromagnética constante ligava os mundos humanos com tal eficiência que não havia nenhuma colônia que não soubesse dos acontecimentos de seus irmãos distantes. O livre fluxo de informações significava, entre outras coisas, um ritmo muito acelerado e crescimento tecnológico. O que não podia ser descoberto em um mundo era ajudado por outro e quaisquer novos desenvolvimentos eram rapidamente divulgados a todos em um reino que que se estendia por séculos de luz.

Não é de surpreender que os padrões de vida tenham se elevado a níveis antes inimagináveis. Embora isso não significasse exatamente uma utopia galáctica, era seguro dizer que as pessoas da galáxia colonizada viviam vidas em que o trabalho, tanto braçal quanto mental, era puramente obrigatório.Graças à riqueza dos planetas e o auxílio das máquinas, cada pessoa tinha acesso à riqueza material e cultural maior do que a de algumas nações atuais.

Durante todo esse desenvolvimento, um fenômeno curioso foi observado. Embora a vida alienígena fosse abundante nas estrelas, ninguém havia encontrado sinais de verdadeira inteligência. Alguns atribuíram esse fato a uma raridade geral, enquanto outros chegaram a pensar em influência divina; ressuscitando a religião.

Independentemente da teorização, uma pergunta ficou verdadeira e totalmente sem resposta. O que realmente aconteceria se a humanidade encontrasse seus iguais ou superiores no espaço?



Dois seres estelares assistem a um filme holográfico enquanto descansam sob os restos da flora nativa de seu mundo colonizado. Para eles, é uma vida de felicidade contínua.

VII

Um aviso prévio

Naquela época, uma pequena descoberta de imensas implicações alertou a humanidade que ela poderia não estar sozinha.

Em um mundo recém-colonizado, engenheiros se depararam com os restos de uma criatura intrigante, considerada assim porque tinha todas as características de animais terráqueos em um planeta alienígena. Justificadamente chamado de Panderavis pandora, o fóssil colossal pertencia a uma criatura semelhante a um pássaro com garras enormes. Pesquisas posteriores determinaram que se tratava de um terizinossauro vindo diretamente de uma linhagem de dinossauros herbívoros que se extinguiu há milhões de anos na Terra.

Enquanto todos os outros animais terrestres de grande porte daquele mundo colônia tinham três membros, um sistema esquelético à base de cobre, o Panderavis era um vertebrado terrestre típico com ossos ricos em cálcio, quatro extremidades e músculos operados hidrostaticamente. Encontrá-lo lá era tão improvável quanto encontrar uma criatura alienígena nos estratos da própria Terra.

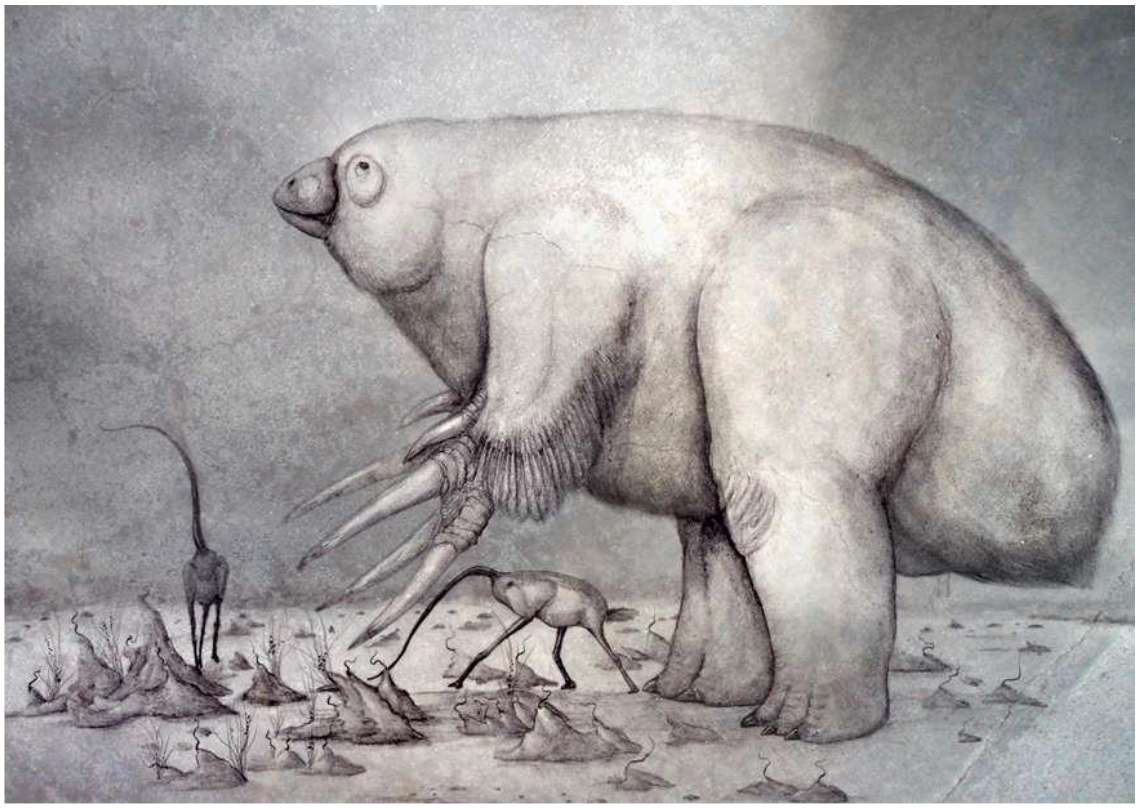
Para alguns, era uma prova irrefutável da criação divina. O ressurgimento religioso, alimentado inicialmente pela aparente solidão da humanidade nos céus, se intensificou ainda mais.

Outros viam isso de forma diferente. Panderavis havia mostrado aos humanos que entidades poderosas o suficiente para visitar a Terra, pegar animais de lá e adaptá-los a um mundo alienígena, estavam na galáxia. Considerando o abismo temporal do próprio fóssil, os seres misteriosos eram milênios mais antigos que a humanidade quando eram capazes de tais coisas.

O aviso era claro. Não havia como prever o que aconteceria se a humanidade se deparasse repentinamente com essa civilização. Um contato benevolente era obviamente preferível e até esperado, mas valia a pena estar preparado.

Em silêncio, a humanidade mais uma vez começou a construir e estocar armas, dessa vez de potência interplanetária. Havia dispositivos terríveis, capazes de fazer

estrelas se tornarem novas e destruir sistemas solares inteiros.Infelizmente, até mesmo esses preparativos se mostrariam ineficazes com o tempo.



Uma reconstrução do Panderavis mostra as garras em forma de ancinho, com as quais ela cavava sulcos no solo para encontrar seu alimento. Animais locais oportunistas caminham ao lado dos Panderavis, procurando por pedaços que sobravam de seu banquete.

VIII

Qu

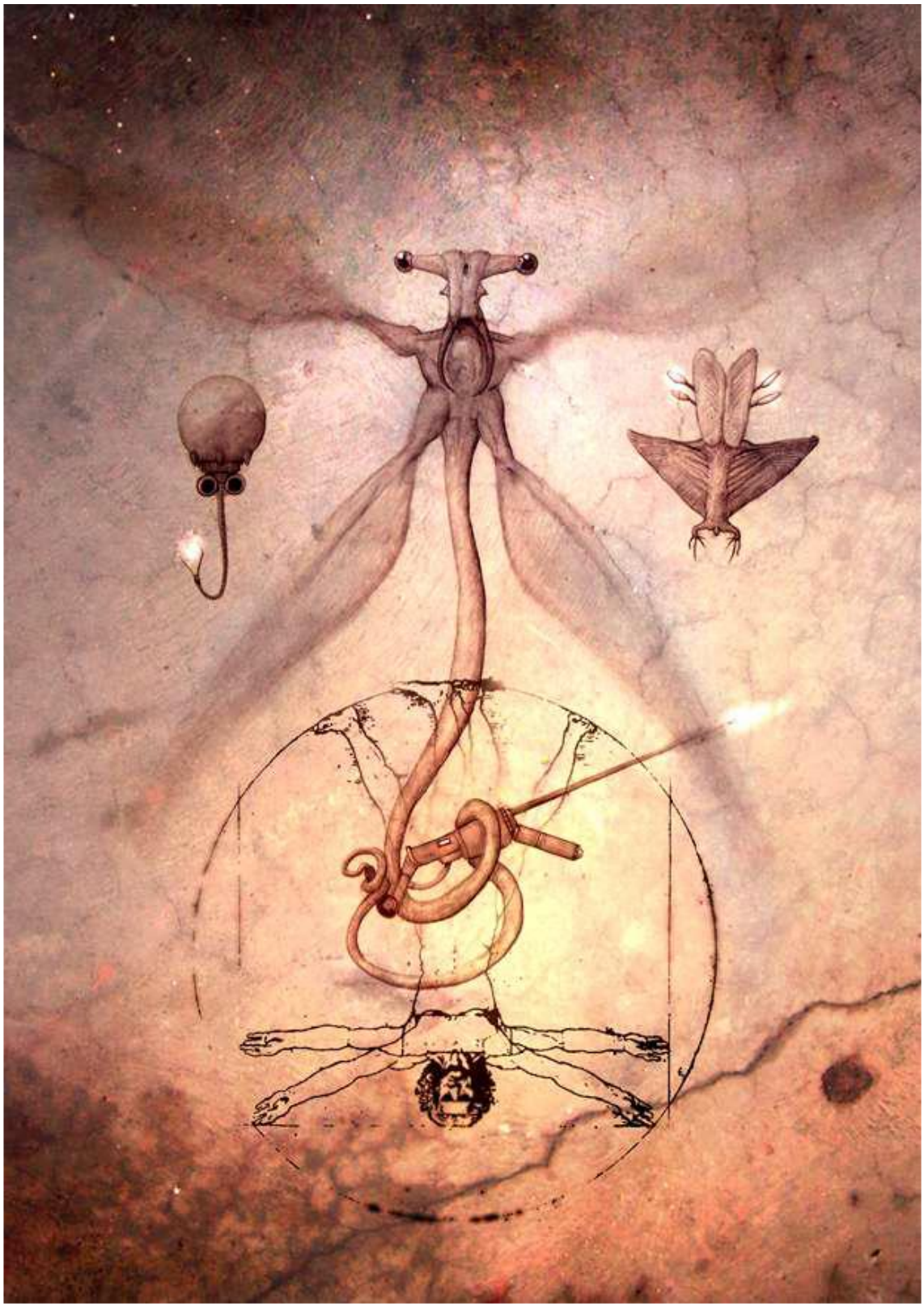
O primeiro contato estava destinado a acontecer. A galáxia, assim como o universo, era simplesmente grande demais para que apenas uma única espécie desenvolvesse inteligência. Qualquer atraso no contato significava apenas um aumento do eventual choque cultural. No caso da humanidade, esse "choque cultural" significava a extinção completa como ela era conhecida.

Com quase um bilhão de anos, a espécie alienígena conhecida como Qu eram nômades galácticos, viajando de um braço espiral para outro em migrações que se estendiam por eras. Durante suas viagens, eles se aprimoraram e se modificaram constantemente até se tornarem mestres da manipulação genética e nanotecnológica. Com essa capacidade de controlar o mundo material, eles assumiram uma missão religiosa e autoimposta de "refazer o universo como achassem adequado". Poderosos como deuses, os Qu se viam como arautos divinos do futuro.

Esse dogma estava enraizado no que havia sido uma tentativa benevolente de proteger a raça de seu próprio poder. No entanto, a obediência cega e inquestionável havia transformado os Qu.

Para eles, a humanidade, com todas as suas glórias relativas, nada mais era do que um objeto transmutável. Em menos de mil anos, todos os mundos humanos foram destruídos, despovoados ou, pior ainda, alterados. Apesar do fervoroso rearmamento, as colônias não conseguiram nada contra seus inimigos de bilhões de anos, exceto alguns lampejos de resistência efêmera.

A humanidade, que já foi a governante das estrelas, agora estava extinta. No entanto, os humanos não.



Qu triunfante na queda do homem. À sua esquerda flutua um drone nanotecnológico, à direita, uma criatura de rastreamento geneticamente modificada.

IX

Extinção do homem

Os mundos da humanidade, paradisíacos jardins terraformados, pareciam estranhamente vazios para os Qu. Em geral, não havia matéria-prima disponível além das pessoas, suas cidades e alguns nichos básicos de ecologia, povoados por animais e plantas geneticamente modificados da Terra. Isso porque os humanos inicialmente haviam apagado os ecossistemas alienígenas originais.

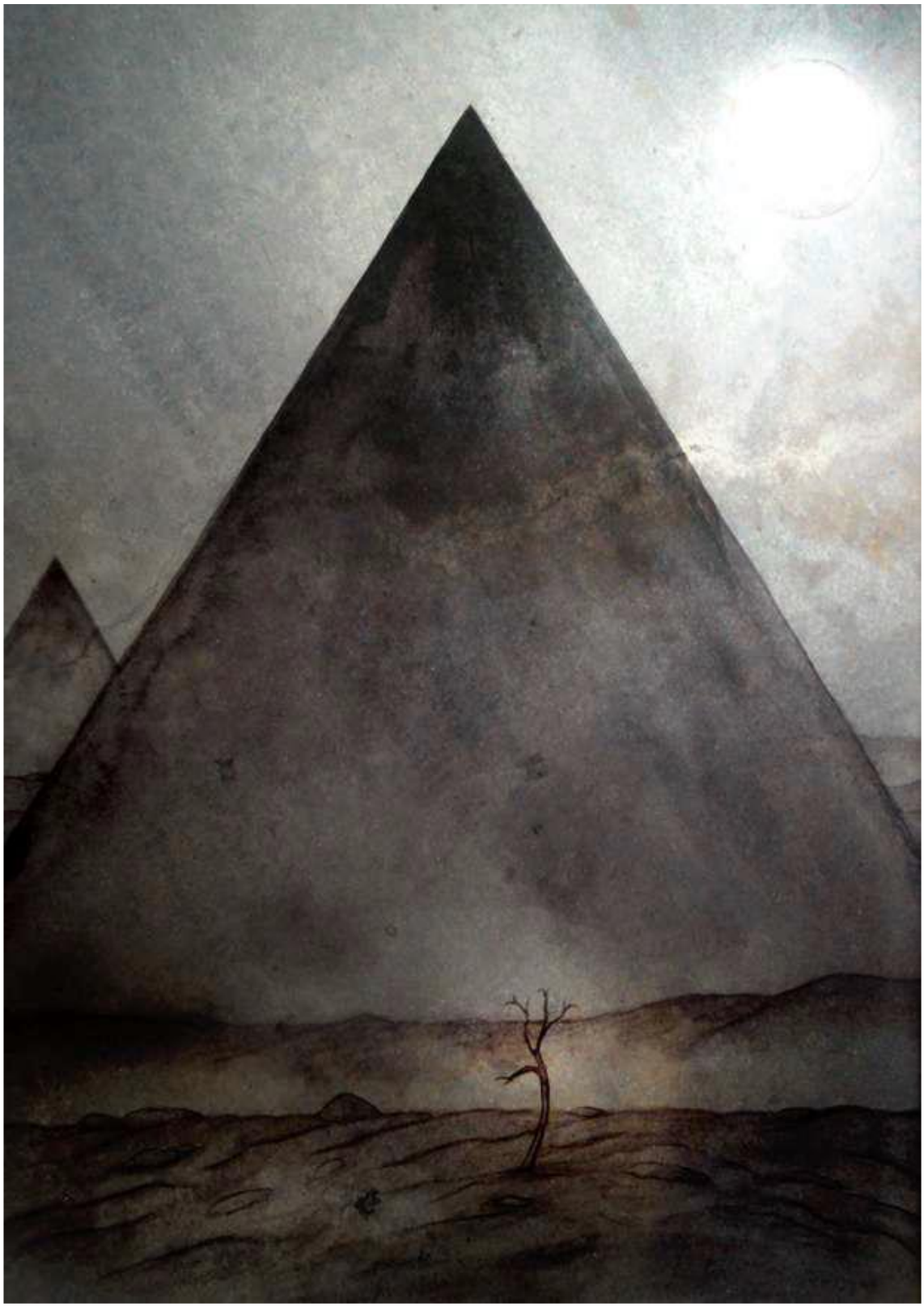
Sentindo-se ofendidos por outra raça que tentava refazer o universo, os Qu se dispuseram a punir esses "infiéis", usando-os como materiais para construir sua visão. Embora isso tenha levado à completa extinção da consciência humana, também salvou a espécie ao preservar preservando seu patrimônio genético em uma infinidade de novas e estranhas formas.

Povoado por humanos artificiais, agora sob todas as formas, de animais selvagens a animais de estimação e até ferramentas geneticamente modificadas, Os Qu reinaram supremos por quarenta milhões de anos nos mundos de nossa galáxia. Eles ergueram monumentos com quilômetros de altura e mudaram as superfícies de mundos inteiros, aparentemente por capricho.

Um dia, eles partiram como haviam chegado. Pois a busca deles era interminável e eles não parariam, não poderiam parar até que tivessem percorrido todo o cosmos.

Atrás deles, os Qu deixaram milhares de mundos, cada um deles repleto de criaturas bizarras que já foram homens e ecossistemas que outrora foram habitados pelos homens. A maioria deles pereceu logo após a partida de seus guardiões, outros duraram um pouco mais para sucumbir às instabilidades de longo prazo. Em poucos e preciosos mundos, os descendentes dos humanos realmente conseguiram sobreviver.

Neles estava o destino da espécie, agora dividida e diferenciada de forma irreconhecível.



Uma pirâmide dos Qu com um quilômetro de altura se ergue sobre o mundo silencioso que já abrigou quatro bilhões de almas. Essas estruturas são a marca registrada dos Qu e podem ser vistas em todos os mundos habitáveis por onde eles passaram.

X

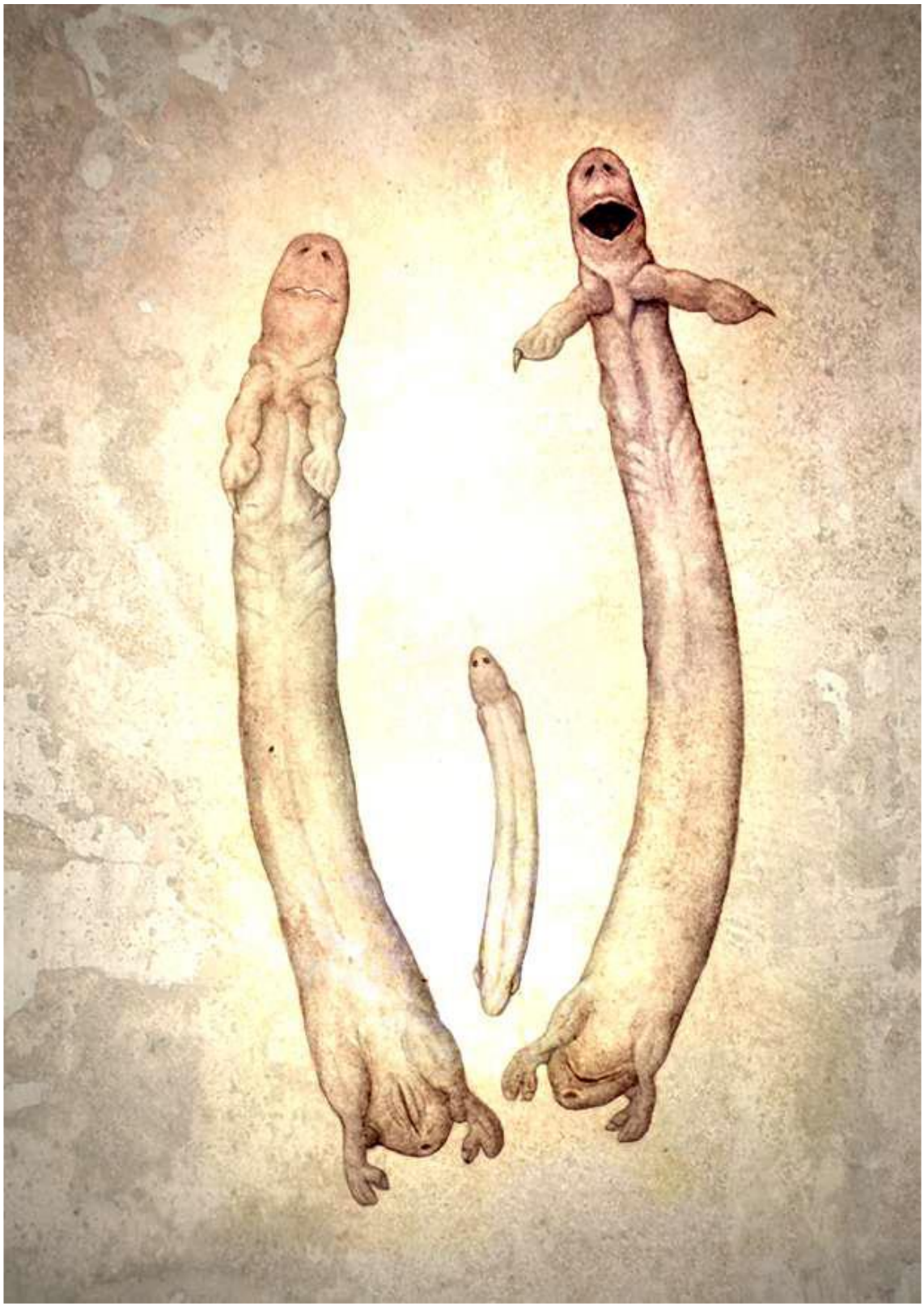
Vermes

O mundo deles jazia sob um sol escaldante, cuja intensidade se tornou monstruosa devido às intervenções dos desaparecidos Qu. A superfície estava repleta de ruínas de cidades mortas, "assando" infinitamente como estátuas despedaçadas em um forno abandonado.

No entanto, a vida persistiu nesse lugar implacável. Florestas de "plantas" cristalinas cobriam a superfície, reciclando o oxigênio para a vida animal que se aglomerava no subsolo. Uma espécie, pouco maior do que os braços de seus ancestrais, era o único vertebrado sobrevivente. Eram, portanto, os últimos herdeiros do povo das estrelas daquele planeta.

Distorcidos de forma irreconhecível pela modificação genética, eles pareciam, para todos os efeitos, vermes pálidos e crescidos demais. Pés minúsculos e fracos e mãos modificadas para cavar eram tudo que revelavam sua nobre herança. Com exceção desses órgãos, tudo foi simplificado para a vida subterrânea. Seus olhos eram pequenos, não tinham dentes, orelhas externas e a maior parte de seu sistema nervoso.

A vida desses seres não se estendia além de cavar sem rumo. Se eles encontravam comida, eles a devoravam. Se encontravam outros de sua espécie, eles às vezes também os devoravam. Mas, na maioria das vezes, eles se acasalavam e se multiplicavam, conseguindo preservar um único fragmento de sua humanidade em seus genes. Com o tempo, isso lhes faria bem.



Dois Vermes “pais” com sua cria.

XI

Titãs

Nas infindáveis savanas de um, há muito extinto, posto colonial, bestas enormes reinam supremas. Com mais de 40 metros de altura pelas medidas da Terra, esses gigantes são, na verdade, mutações do Povo das Estrelas.

Muitas de suas características entregam sua herança humana. Eles ainda mantinham polegares atarracados em seus pés dianteiros elefantinos, agora inúteis para qualquer tipo de manipulação precisa, exceto para arrancar árvores. Eles compensaram essa perda desenvolvendo o lábio inferior em um órgão órgão muscular, semelhante a uma tromba, que lembrava os elefantes do passado da Terra.

Por mais bestiais que parecessem, os Titãs estavam entre os mais inteligentes dos reduzidos sub-homens reduzidos que restavam na galáxia. Seu porte corpulento permitia um cérebro desenvolvido e, gradualmente, a inteligência voltou a emergir. Com seus troncos labiais, eles criaram esculturas de madeira ornamentadas, ergueram habitações semelhantes a hangares e até iniciaram uma forma de agricultura primitiva. Com a vida estabelecida, veio a inevitável inundação de linguagem e literatura; mitos e lendas de um passado remoto, meio esquecido, foram contados em vozes estrondosas pelas vastas planícies.

Não era difícil perceber que, em algumas centenas de milhares de anos, a humanidade poderia começar de novo através desses primitivos titânicos. Infelizmente, quando uma catastrófica era glacial tomou conta do mundo natal dos Titãs, os gentis gigantes desapareceram para nunca mais voltar.

XII

Presa e Predador

Predadores evoluídos eram comuns entre os mundos selvagens da humanidade. Na maioria das vezes vezes, eles se assemelhavam a vampiros, lobisomens e duendes das antigas tradições, caçando presas igualmente subumanas com uma combinação de um arsenal variado. Alguns tinham cabeças enormes com dentes grandes e matadores. Outros dilaceravam suas vítimas com pés semelhantes a garras. Mas os tipos mais comuns tinham dedos e polegares modificados, com garras afiadas como navalhas.

O mais eficiente desses predadores vivia em uma das primeiras colônias da humanidade. Além das mãos em forma de pata com polegares em forma de canivete, eles também tinham mandíbulas com dentes e cabeças desproporcionais com orelhas grandes e sensíveis. Tudo isso Tudo isso serviu para torná-los os predadores dominantes em seu planeta natal.

Eles corriam pelas pradarias, espreitavam nas florestas e percorriam as montanhas em busca de diferentes povos; saltadores herbívoros com pernas semelhantes às das aves. Enquanto suas presas caíram em completa animosidade, os caçadores conseguiram manter a centelha de inteligência viva em seu aperfeiçoamento evolutivo.

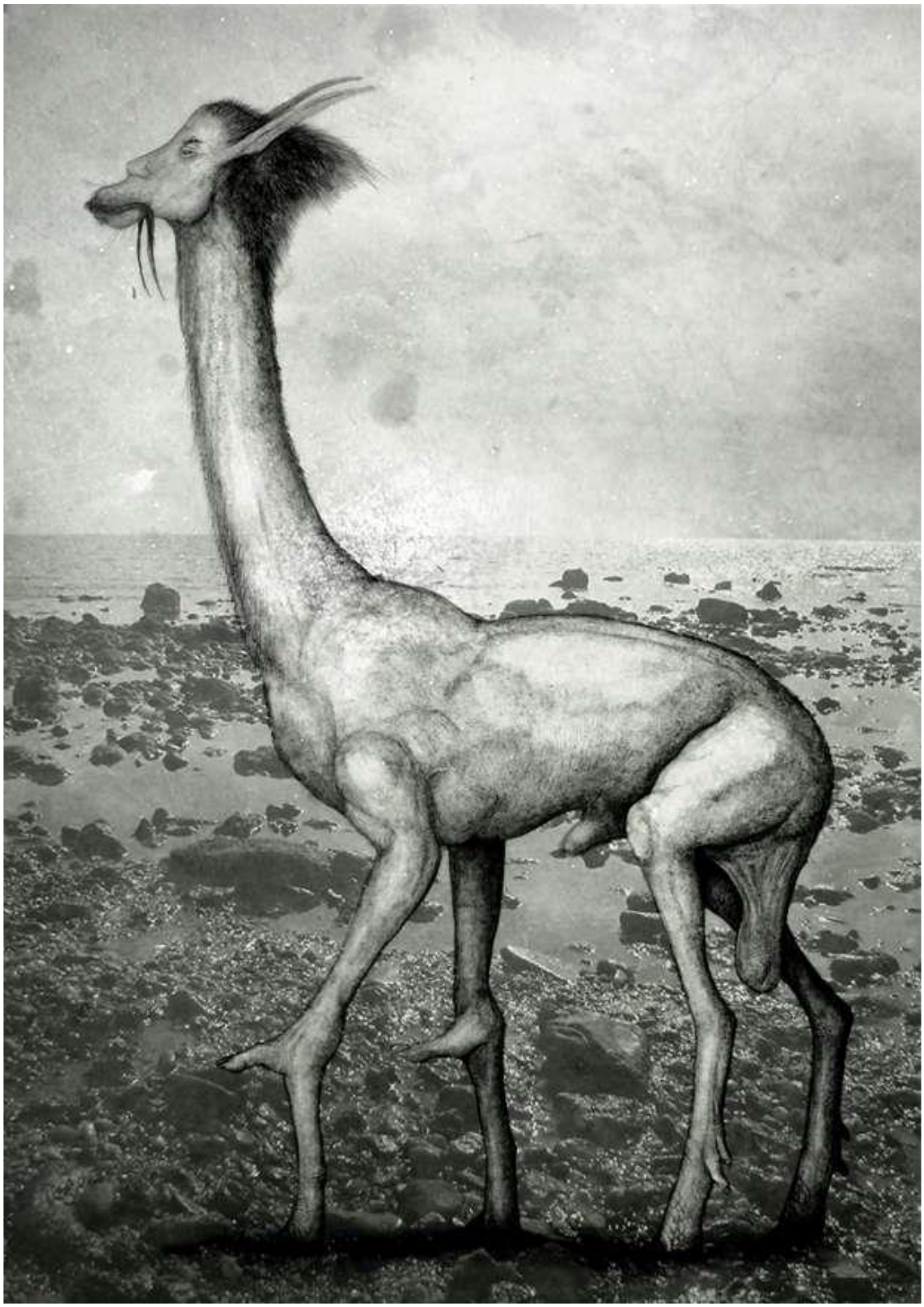
XII

Antílopes

Nem todas os povos caíram em completa e degenerada bestialidade. Alguns mantiveram suas mentes, enquanto perdiam todas as suas vantagens fisiológicas devido à interferência genética dos Qu.

Uma espécie singular foi um excelente exemplo. Eles haviam sido criados como cantores e retentores de memória, agindo como gravadores vivos durante o reinado dos Qu. Quando seus mestres partiram, eles mal sobreviveram, assumindo uma postura quadrúpede e ocupando um nicho como animais de pastoreio. Essa mudança foi tão abrupta que os recém-evoluídos mantílopes sobreviveram apenas devido à esterilidade tolerante de sua biosfera artificial.

Os Antílopes, equipados com mentes humanas completas (embora ligeiramente entorpecidas) e corpos de animais completamente incapacitados, tiveram uma vida agonizante. Eles podiam ver e entender o mundo ao seu redor, mas, devido a seus corpos, não podiam fazer nada para mudá-lo. Durante séculos, rebanhos tristes percorreram as planícies, cantando canções de desespero e perda. Religiões inteiras e tradições orais foram tecidas em torno dessa deficiência racial incapacitante, de forma tão dramática e detalhada quanto qualquer outra na antiga Terra.



XIV

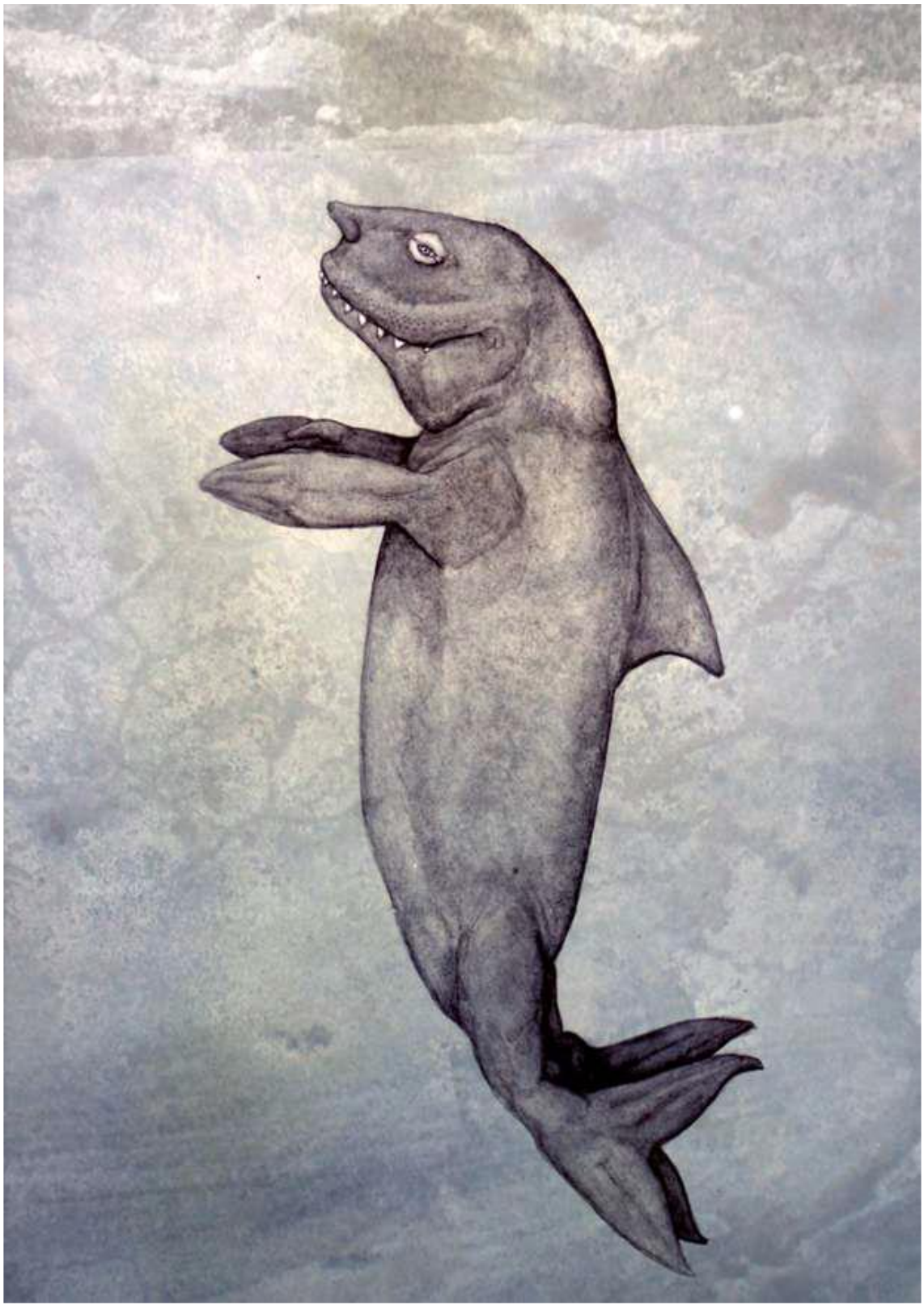
Nadadores

Talvez pelo fato de seu ciclo de vida envolver um estágio larval aquático, os Qu transmutaram um grande número de seus súditos humanos em uma variedade desconcertante de criaturas aquáticas. Cuidadas por assistentes especialmente criados, esses bebês aquáticos pós-humanos tinham todas as formas e tamanhos imagináveis. Havia variedades de enguias sem membros, parecidas com fitas, enormes colossos parecidos com baleias, seres decorativos que nadavam esguichando água de suas bocas hipertrofiadas e multidões horripilantes de animais sem cérebro que serviam como estoque de alimentos.

Todos eles foram perfeitamente domesticados. Todos eles foram extintos quando seus seus mestres foram embora. Todos, com exceção de algumas formas levemente mutantes e generalizadas. Esses nadadores ainda se assemelhavam em grande parte a seus ancestrais humanos; não tinham guelras artificiais, suas mãos ainda eram visíveis através de suas nadadeiras dianteiras, seus pés eram funcionais como um par de caudas. Olhos reconhecidamente humanos apareciam através de suas pálpebras gordurosas e eles falavam uns com os outros, embora não com palavras e nunca com entendimento.

Durante milênios, eles nadaram nos oceanos de seu mundo ecologicamente atrofiado, alimentando-se de diversificados tipos de peixes e crustáceos; sobreviventes do estoque de alimentos originalmente importados

da Terra. Com o fim da intervenção dos Qu, a seleção natural foi retomada. Os nadadores se tornaram mais ágeis para capturar melhor suas presas rápidas. As presas responderam ficando ainda mais rápidas ou desenvolvendo contramedidas defensivas, como armaduras, espinhos ou veneno. Com a evolução de volta aos trilhos, os nadadores se afastaram cada vez mais de seus ancestrais sencientes. De fato, eles esperariam por um longo tempo para saborear essa bênção novamente.



XV

Pastores de Lagartos

Eles foram os sortudos. Em vez de distorcê-los irreconhecivelmente, como haviam feito com a maioria de suas cobaias, os Qu simplesmente apagaram sua senciência e desenvolvimento de seus cérebros.

Muito parecidos com seus antigos antepassados na Terra, esses seres primitivos levaram uma vida selvagem por um tempo anormalmente longo. Eles nunca recuperaram a senciência depois que os Qu foram embora, apesar de apesar de terem todos os incentivos para isso. Isso se deveu, em parte, à ausência total de predadores em seu mundo jardim, resultando em nenhuma vantagem para o desenvolvimento da inteligência. Além disso, os Qu haviam feito algumas mudanças pequenas, mas integrais, em seus cérebros, ajustando a estrutura do cerebelo de modo que certas características associadas à inteligência fossem alteradas para que certas cacterísticas associadas ao aprendizado heurístico nunca mais pudessem surgir. Mais uma vez, as razões para essas mudanças desconcertantes permaneceram conhecidas apenas pelos Qu.

O povo estúpido acabou se estabelecendo em uma simbiose com algumas das outras criaturas que habitavam seu planeta. Eles começaram a "cultivar" instintivamente alguns dos répteis grandes e herbívoros, cujos ancestrais foram trazidos da Terra como animais de estimação.

Logo o equilíbrio desse mutualismo começou a pender a favor dos répteis. O clima tropical do planeta lhes deu uma vantagem inerente, e eles passaram por uma espetacular variação de espécies diferentes. Eles não encontraram concorrência dos únicos mamíferos de grande porte do planeta: os descendentes sem cérebro dos viajantes das estrelas. Diante de uma mudança reptiliana, a única adaptação que os sub-homens puderam fazer foi cair silenciosamente para o esquecimento bestial.

Um pastor de lagartos observa o mundo com olhos vazios enquanto seu rebanho se torna mais forte e mais inteligente. O futuro parece não pertencer a ele.

XVI

Temptors

No caso dos *Temptors*, a reforma foi feita com um entusiasmo quase artístico. Como eles conseguiram sobreviver em sua forma bizarra não está claro; seus ancestrais foram usados como decoração fixa e, por meio de algum milagre de adaptação, eles sobreviveram.

Nenhum humano os teria reconhecido como seus descendentes. As fêmeas eram cones bicudos de carne com cerca de dois metros de altura, enraizados no solo como grotescas plantas carnívoras. Os machos, por outro lado, assemelhavam-se a macacos bípedes contorcidos.

Ao contrário de suas companheiras, eles eram perfeitamente ambulantes; dezenas deles corriam em volta das colinas das fêmeas como se fossem muitos diabinhos. Alguns coletavam alimentos, outros limpavam as fêmeas e outros ficavam de guarda em caso de perigo. Embora suas ações parecessem intencionais, os machos não tinham vontade própria.

Na sociedade *Temptor*, as fêmeas controlavam tudo. Usando uma combinação de sinais vocais e fermônicos, elas guiavam as hordas masculinas em uma série de tarefas braçais, enquanto se acasalavam com os mais fortes, os mais obedientes e os mais burros para produzir drones ainda melhores. Em certos períodos, elas também davam à luz algumas preciosas fêmeas, que eram levadas por machos subservientes para se enraizarem.

Era uma hegemonia terrivelmente eficiente que certamente daria origem a uma civilização em questão de séculos, se o destino não tivesse intervindo. Quando um cometa perdido obliterou as florestas de montes dos *Temptors*, uma das melhores chances de ressurgimento da humanidade foi cruelmente varrida varrida.

Um Temptor macho e uma Temptor fêmea ilustram a discrepância sexual que é característica de sua espécie. Observe a vagina alongada e em forma de fossa da fêmea. Quando acasalam, os machos descem para dentro dela como passageiros do metrô.

XVII

Esmagador de ossos

Por meio das modificações deliberadas dos Qu e da moldagem cega da evolução, as alturas passaram a ser povoados por criaturas que envergonhariam os mitos de seus ancestrais.

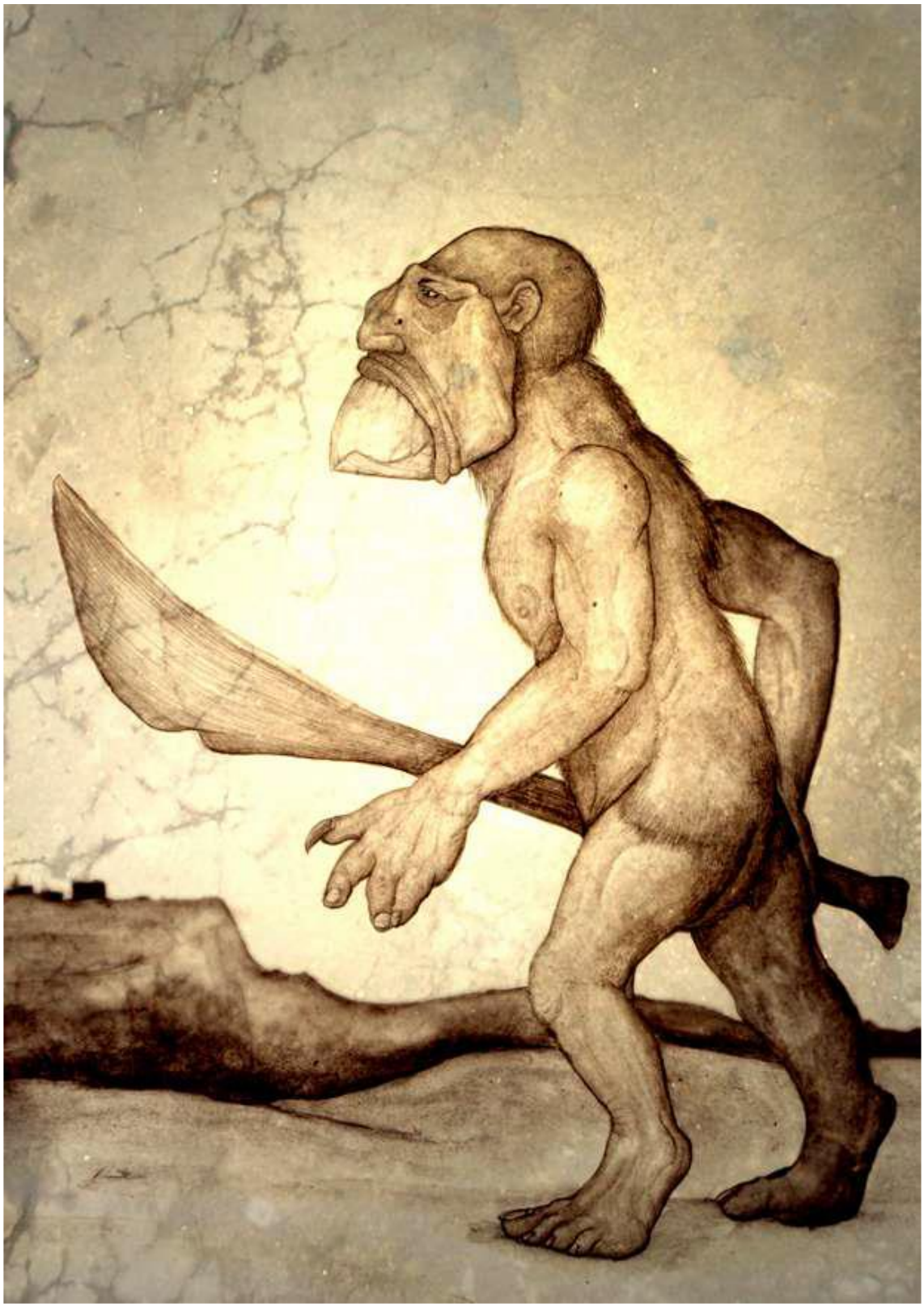
Seus ancestrais eram pequenos animais de estimação dos Qu que foram criados com base nas cores deslumbrantes de seus bicos derivados de dentes. Quando seus donos partiram, a maioria dessas criaturas mimadas morreu, sem ninguém ou nada para cuidar delas.

Mas alguns, que pertenciam às raças mais resistentes, sobreviveram. Em um piscar de olhos geológico de alguns milhões de anos, os descendentes dessas criaturas se disseminaram no vácuo evolutivo de seu mundo-jardim. Uma linhagem levou a uma profusão de herbívoros humanos. Eles foram predados por uma variedade de aves de rapina com bico de esmalte, cada uma desenvolvida para lidar com uma presa específica. Entre esses nichos generalizados havia conjuntos inteiros de animais especializados, que se assemelhavam a qualquer coisa, desde peneiras de pântano com bico de íbis até formas esplendorosas com cristas bizarras que saíam de seus bicos cheios de dentes.

Havia até mesmo formas secundariamente sencientes, na forma de trituradores de ossos semelhantes a ogros. Para um observador atual, eles seriam, de fato, um pesadelo; com três metros de altura e peludos, com garras ferozes e bicos enormes que se adequavam à sua dieta necrófaga.

Apesar de suas deficiências, esses primitivos comedores de cadáveres foram uma das primeiras espécies a obter inteligência e, embora primitivas, um nível de civilização. Tudo isso provou a falácia do preconceito humano na galáxia pós-humana. Uma criatura podia se alimentar de carne putrefata, cheirar mal como um túmulo e expressar sua afeição defecando nos outros, mas poderia muito bem ser seu próprio neto e a última esperança da humanidade.

No entanto, nem mesmo os trituradores de ossos cumpriram essa promessa. Sua A dependência de carniça como alimento limitou severamente sua população, e suas civilizações medievais desmoronaram após alguns milênios sem intercorrências.



XVIII

Coloniais

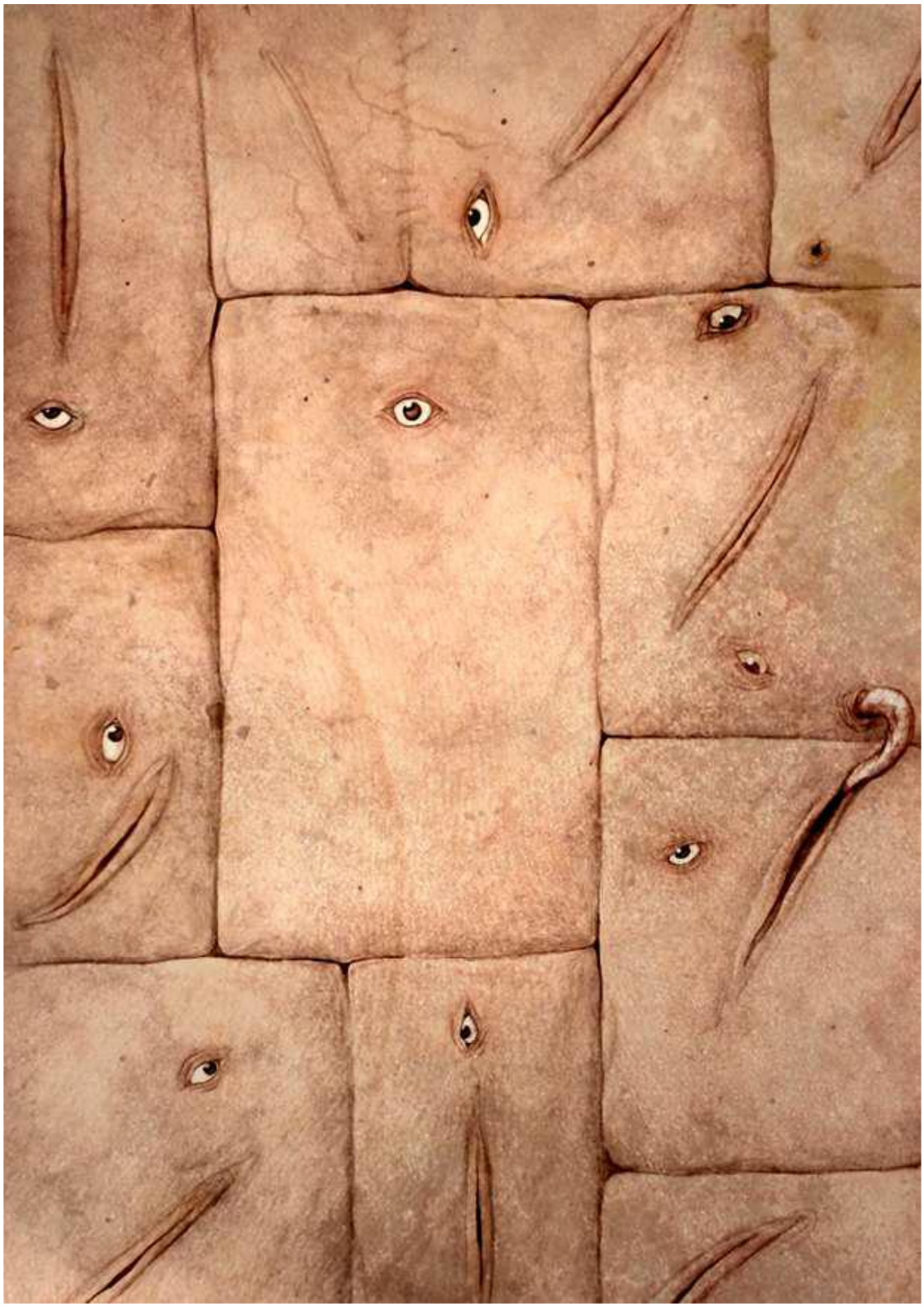
Seu mundo havia oferecido a maior resistência contra o ataque dos Qu. Tão forte, que, de fato, eles haviam se recuperado de duas ondas sucessivas dos invasores, apenas para sucumbir à terceira.

Os Qu, com seu senso distorcido de justiça, queriam fazer com que eles pagassem. Até mesmo a extinção seria uma punição leve demais por resistir aos deuses estelares. Os humanos desse mundo rebelde precisavam de uma sentença que os lembrasse de sua humilhação por gerações futuras.

Assim, eles foram transformados em culturas sem corpo de pele e músculos, conectados por uma rede de nervos mais básicos. Eles foram empregados como dispositivos vivos de filtragem, subsistindo dos produtos residuais da civilização Qu, como esteiras de células cancerígenas. E só para testemunhar e sofrer seu destino miserável, seus olhos, juntamente com sua consciência, foram mantidos.

Por quarenta milhões de anos, eles sofreram; geração após geração nasceram na mais miserável das vidas, enquanto absorviam a dor de tudo pelo que estavam passando.

Quando os Qu foram embora, eles esperavam uma rápida extinção. Mas sua condição inferior também os tornaram sobreviventes eficientes. Sem o controle dos Qu, os Coloniais se espalharam pelo planeta em campos de carne humana semelhantes a colchas de retalhos. Após uma eternidade de vidas torturadas, os campos humanos sentiram o gosto de algo que quase poderia ser descrito como esperança.



Uma seção de um campo colonial mostra a miséria que compõe toda a sua vida. Observe que essas criaturas desorganizadas podem se reproduzir por meio de métodos assexuados e mais familiares.

XIX

Flyers

Eles não eram incomuns nos domínios dos Qu. Pelo menos uma dúzia de mundos ostentavam espécies voadoras derivadas de humanos, de um tipo ou de outro. A maioria se assemelhava a morcegos ou pterossauros de um passado distante, dançando pelo éter como anjos. (Ou demônios, dependendo do ponto de vista). Havia alguns tipos bizarros que dependiam de glândulas de gás inchadas para flutuar também.

Infelizmente, a maioria dessas criaturas já estava especializada demais para ser qualquer coisa além de voadores. Elas haviam abandonado sua humanidade para conquistar o céu; tinham pouco potencial de se tornarem mais radicais além de suas funções limitadas.

A única exceção foi uma espécie semelhante a um macaco que voava com membranas de asas esticadas nos dois últimos dedos. Sua vantagem era um coração único, semelhante a uma turbina, desenvolvido artificialmente durante o reinado dos Qu. Nenhum outro humano voador da galáxia tinha essa adaptação. O órgão em forma de estrela-do-mar ficava no meio do peito, canalizando diretamente o oxigênio dos pulmões para a corrente sanguínea de forma extremamente eficiente. Isso significava que os Voadores puderam desenvolver adaptações que consumiam energia como cérebros grandes, sem ter que abrir mão de seu poder de voo.

Não que os *Flyers* fossem recuperar sua inteligência imediatamente. Em vez disso, eles literalmente explodiram nos céus, enchendo os céus com qualquer coisa, desde marinheiros do tamanho de bombardeiros a predadores incrivelmente rápidos que corriam com o som. Seu mundo era intocado e havia muitos nichos para explorar. A inteligência poderia esperar um pouco mais.

Um Flyer ancestral em seu ambiente nativo. Embora desajeitadas, essas criaturas têm uma vantagem metabólica artificial que lhes dá um tremendo potencial evolutivo.

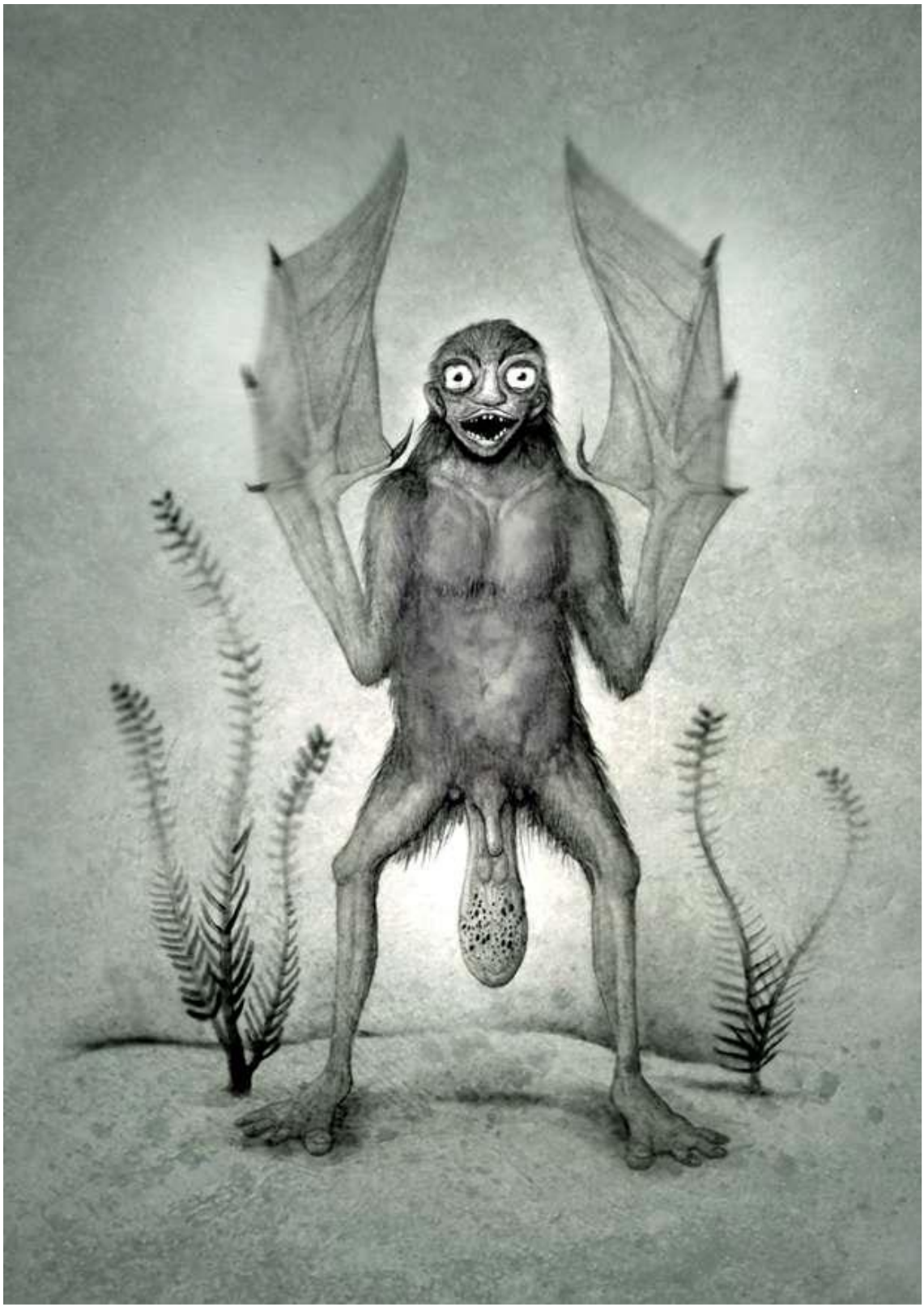
XX

Hand Flappers

Alguns pós-humanos voadores se reaproximaram da senciência de uma forma totalmente diferente. Sem os metabolismos aumentados ou as vantagens gravitacionais de seus irmãos em planetas distantes, eles não tiveram escolha a não ser abrir mão de seu poder de voo para se desenvolver mais.

Os *Hand Flappers* eram uma dessas espécies. Suas asas, antes usadas para bater como borboletas nos jardins extraordinários dos Qu, haviam se encolhido e voltado à sua condição manual. Suas pernas também foram readaptadas, mas eles carregavam uma estranheza de seus ancestrais empoleirados.

Apenas uma falha singular e quase sadicamente simples os impediu de de desenvolver a civilização. No curso de sua atrofia secundária, as asas dos *Hand Flappers* também se tornaram inúteis como mãos. Seus apêndices semelhantes a bandeiras eram muito úteis na sinalização e nas danças de acasalamento, mas eles não podiam lançar mísseis, construir abrigos ou mesmo fabricar ferramentas básicas de pedra. Tudo o que podiam fazer com suas mãos inúteis era exibir a disponibilidade sexual de cada um, então os *Hand Flappers* faziam exatamente isso; piscando e dançando até o esquecimento.



Um Hand Flapper no limite de seu terreno de acasalamento. Durante seu exagerado e quase cômico ato de exibição sexual, sua espécie começou a perder sua vantagem na adaptação. Sua existência será turbulenta, extasiante, mas, em última análise, efêmera.

XXI

Povo Cego

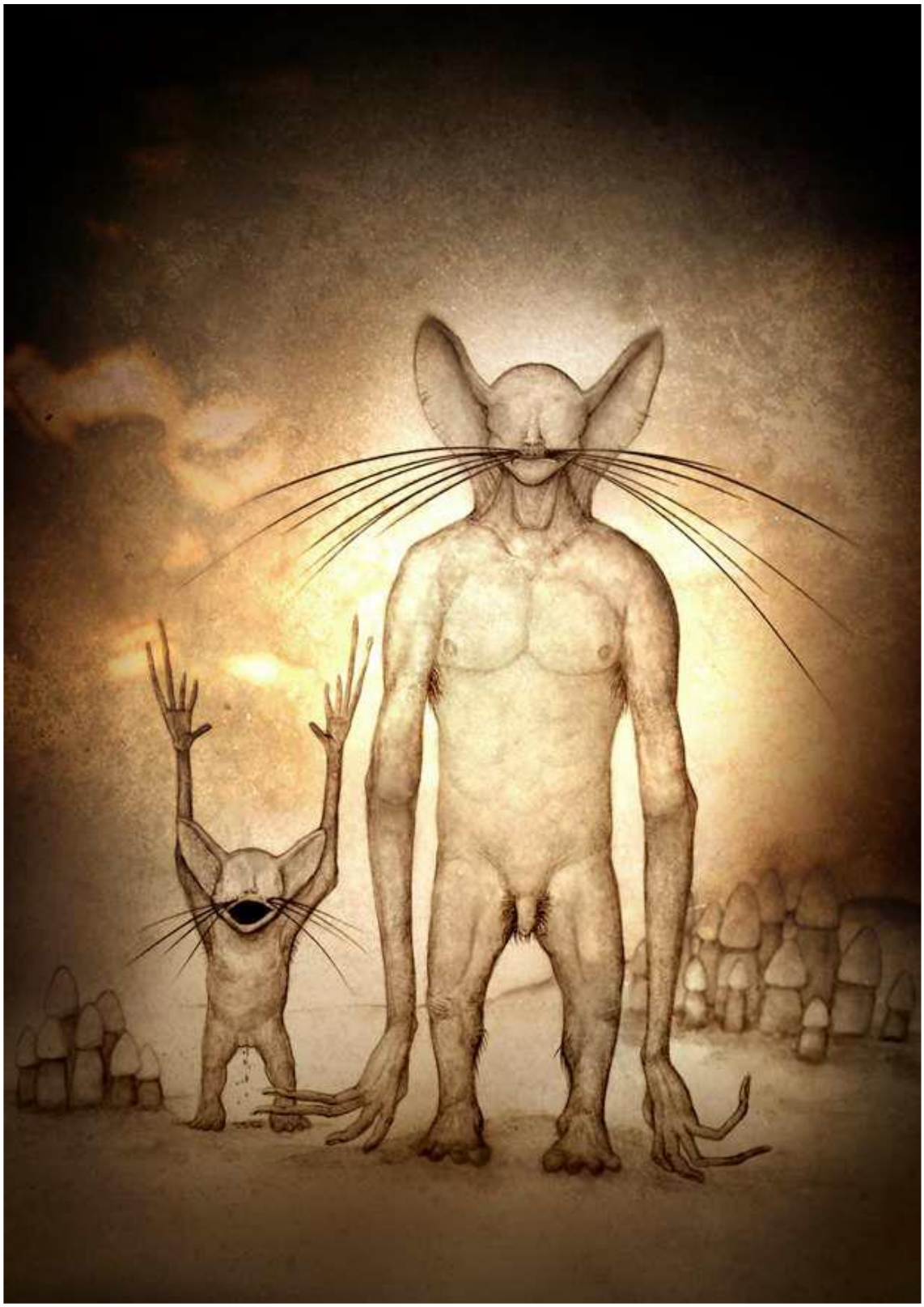
Quando os Qu chegaram, eles cavaram e cavaram fundo. Dentro de vários abrigos do tamanho de continentes sob seu mundo sitiado, eles esperaram que os invasores fossem embora. Foi uma aposta inútil. Os Qu localizaram as cavernas-abrigo e remodelaram seus habitantes sem esforço.

Os abrigos se tornaram o lar de uma ecologia totalmente diferente, um reino de escuridão perpétua, alimentado pelo gotejamento de água e nutrientes do mundo exterior. Uma ecologia surpreendentemente complexa se desenvolveu com esse recurso escasso; insetos gigantescos e pálidos, descendentes de pragas domésticas comuns, competiam com pássaros e roedores do tipo Dali em campos de fungos crescidos demais. Predadores não eram incomuns; peixes quase crocodilianos patrulhavam os córregos subterrâneos e imensos morcegos cegos, ecolocalizando com uma precisão enervante, cobraram seu preço dos moradores do chão da caverna. Os tetos de quilômetros de altura dos abrigos brilhavam no escuro com constelações proteicas de fungos bioluminescentes e, em alguns casos, animais.

As pessoas estavam presentes aqui também, embora em formas desconhecidas. Elas eram mais frequentemente mais ouvidas do que vistas, pois tentavam se orientar no escuro com gritos semelhantes aos de Banshees.

Esses troglodita albinos viviam em um reino em que o som e o tato, e não a visão, eram a a porta de entrada da percepção. Eles haviam desenvolvido dedos longos e táteis, bigodes enormes e orelhas móveis para viver no escuro. Onde seus olhos deveriam estar, não havia nada além de um pedaço de pele assombrosa e impecavelmente lisa. Sua adaptação perfeita ao mundo das trevas havia apagado a característica mais básica do reconhecimento humano.

Por mais adaptados que fossem, eles estavam condenados. Antes que o povo cego pudesse desenvolver qualquer tipo de inteligência para rastejar para fora de suas covas geográficas, a constrição glacial das placas continentais de seu mundo extinguiu os abrigos um a um.



Um pai cego assustado com sua filha de um ano. Embora ele saiba que é melhor ficar quieto para para confundir os predadores equipados com sonar, a criança grita e se suja de terror. Seus dedos atenuados são a marca registrada de uma vida inteira passada na escuridão.

XXII

Lopsiders

Os Qu foram grotescamente criativos em seu redesenho dos mundos humanos. Um grupo de almas infelizes que eles transportaram para um planeta com trinta e seis vezes a quantidade de gravidade "normal" e os prepararam para a vida nesse reino bizarramente inóspito.

Os resultados desses experimentos se assemelhavam a esboços de pesadelos de Bosch, Dali ou Picasso. Eles pareciam aleijados esmagados entre folhas de vidro. Três de seus quatro membros haviam se transformado em órgãos semelhantes a remos para rastejar; apenas um dos braços permaneceu como uma ferramenta de manipulação. Esse membro único e envelhecido também funcionava como um sensor extra, como as antenas de um inseto.

Seus rostos eram horrores completamente diferentes. Todas as pretensões de simetria, a marca registrada dos animais terrestres a partir dos peixes sem mandíbula, foram total e completamente eliminadas. Um dos olhos esbugalhados olhava diretamente para cima, enquanto o outro fazia uma varredura à frente, na direção das mandíbulas da criatura que se abriam verticalmente. As orelhas também estavam distorcidas.

Por mais monstruosos que fossem, esses ex-homens prosperavam em seu ambiente de gravidade pesada. Mais uma vez, houve a habitual explosão de espécies em todos os nichos disponíveis, e os *Lopsiders* consolidaram suas chances de renovar a senciência.

Um Lopsider alimenta alguns animais de estimação nativos de seu mundo de alta gravidade. A domesticação da fauna nativa é o primeiro passo dos Lopsiders no longo caminho em direção à civilização.

XXIII

Striders

Enquanto os *Lopsiders* foram redesenhados para viver sob gravidade extrema, outras espécies tinham sido adaptadas para viver exatamente nas condições opostas; numa lua Jovem com um quinto da gravidade da Terra.

Era um mundo de maravilhas, onde até a grama crescia quase dez metros de altura e as árvores eram inacreditavelmente altas, atingindo tamanhos só alcançados pelos arranha-céus da antiguidade. Nestas florestas surreais vivia uma fauna igualmente espetacular; os descendentes de animais de estimação, pestes e gado dos humanos, que por sua vez também tinham sido reduzidos à animosidade.

Podia-se vê-los nas florestas de grandes dimensões, quase dançando entre as árvores enquanto se erguiam cada vez mais alto para se alimentarem. Os seus braços, pernas e pescoços tinham sido esticados e grandes retalhos de pele floresciam por todo o corpo para eliminar o calor. Por vezes, até mudavam de cor para refletir a luz e se refrescarem. O sobreaquecimento era um grande problema para os seus corpos grotescamente altos e magros.

Apesar de imponentes, estes fantasmas giacomettianos eram demasiado desenvolvidos ao ponto de serem doentiamente frágeis. Mesmo no seu mundo gravitacionalmente indulgente, uma queda podia partir-lhes os ossos, e escorregar de um ramo seria fatal. Por vezes, nas planícies abertas, até mesmo um vento forte poderia derrubá-los como mastros tombados. Eles sobreviveram devido às condições misericordiosas do seu mundo-jardim, que estavam prestes a mudar drasticamente.

Cerca de dois milhões de anos após os Qu terem deixado as suas imponentes obras de arte humana, uma linhagem de predadores temíveis evoluiu das aves terrestres que se tornaram selvagens no planeta. Assemelhando-se a versões atenuadas dos seus antepassados dinossauros, os predadores varreram o mundo dos jardins como incêndios, extinguindo todas as espécies demasiado frágeis para escapar ou resistir. Os pacíficos e delicados S*triders* foram os primeiros a desaparecer.

XXIV

Parasitas

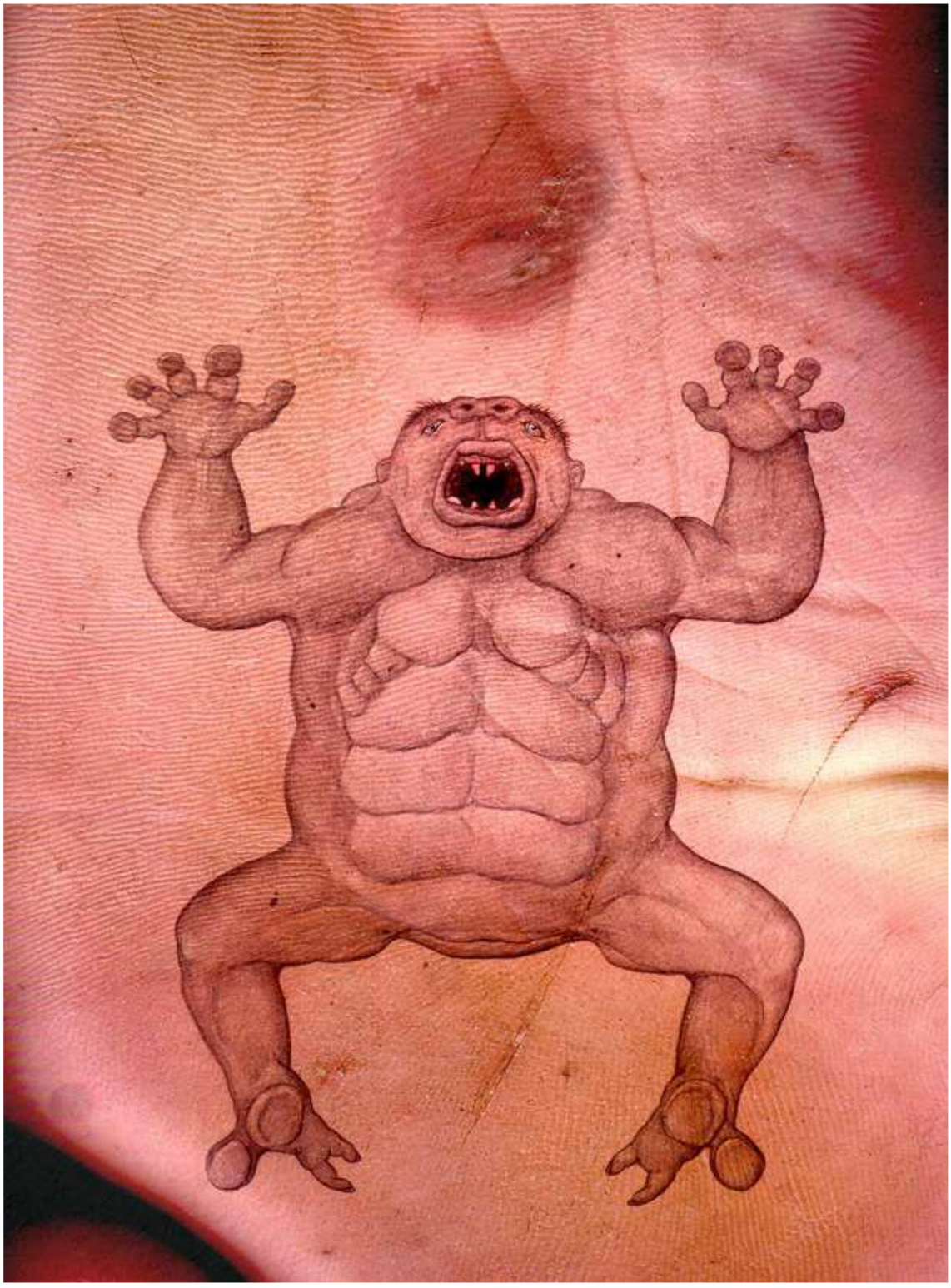
A humanidade tinha divergido em duas linhagens distintas no seu mundo. Por um lado, havia várias raças de aleijados quase Australopitecinos, degradados pelos Qu por terem conseguido fazer recuar a sua onda inicial de invasão. Mas o simples atavismo era um castigo demasiado leve para eles. Os seus parentes retorcidos, os parasitas, constituíam a segunda parte da sua sentença.

Na verdade, havia vários tipos de ex-pessoas parasitas, desde vampiros ambulantes do tamanho de tartarugas até à variedade mais comum, do tamanho de um punho, que vivia agarrada aos seus hospedeiros. Havia até um tipo minúsculo, endoparasita, que infestava os úteros das suas vítimas femininas como abortos vivos e horríveis.

Todas essas torturas evolutivas foram executadas sob o cuidadoso escrutínio dos Qu durante quarenta milhões de anos. O castigo foi tão barroco, tão elaborado que a maioria das relações artificiais parasita-hospedeiro morreram quando os Qu partiram. Alguns sub-homens aprenderam a purificar os seus parentes semelhantes a carrapatos afogando-os, queimando-os ou mesmo comendo-os. Outros, como os parasitas vaginais, morreram porque o seu método agressivo de parasitismo esterilizava efetivamente os seus hospedeiros.

No entanto, uma ou duas variedades conseguiram agarrar-se aos seus hospedeiros com ventosas abdominais, membros com ventosas abdominais, membros musculados que se agarram e uma saliva estéril que acalma a dor. Mas o seu sucesso não residia apenas na força das suas vantagens parasitárias. Eles também aprenderam a regular os seus hospedeiros mudos, não os matando por excesso de infestação e assegurando assim a sua própria sobrevivência a longo prazo.

Em todo o caso, as relações totalmente unilaterais são raras em qualquer ecologia, natural ou artificial. Em ciclos milenares, o parasitismo vicioso das espécies primas começou a dar lugar para algo mais benéfico para ambas as partes.



Uma pessoa parasita, mostrada em tamanho real. Embora seu rosto pareça desumano em todos os aspectos para um observador de hoje, sua própria sobrevivência mostra que esses valores subjetivos são ineficazes em questões de sobrevivência de longo prazo.

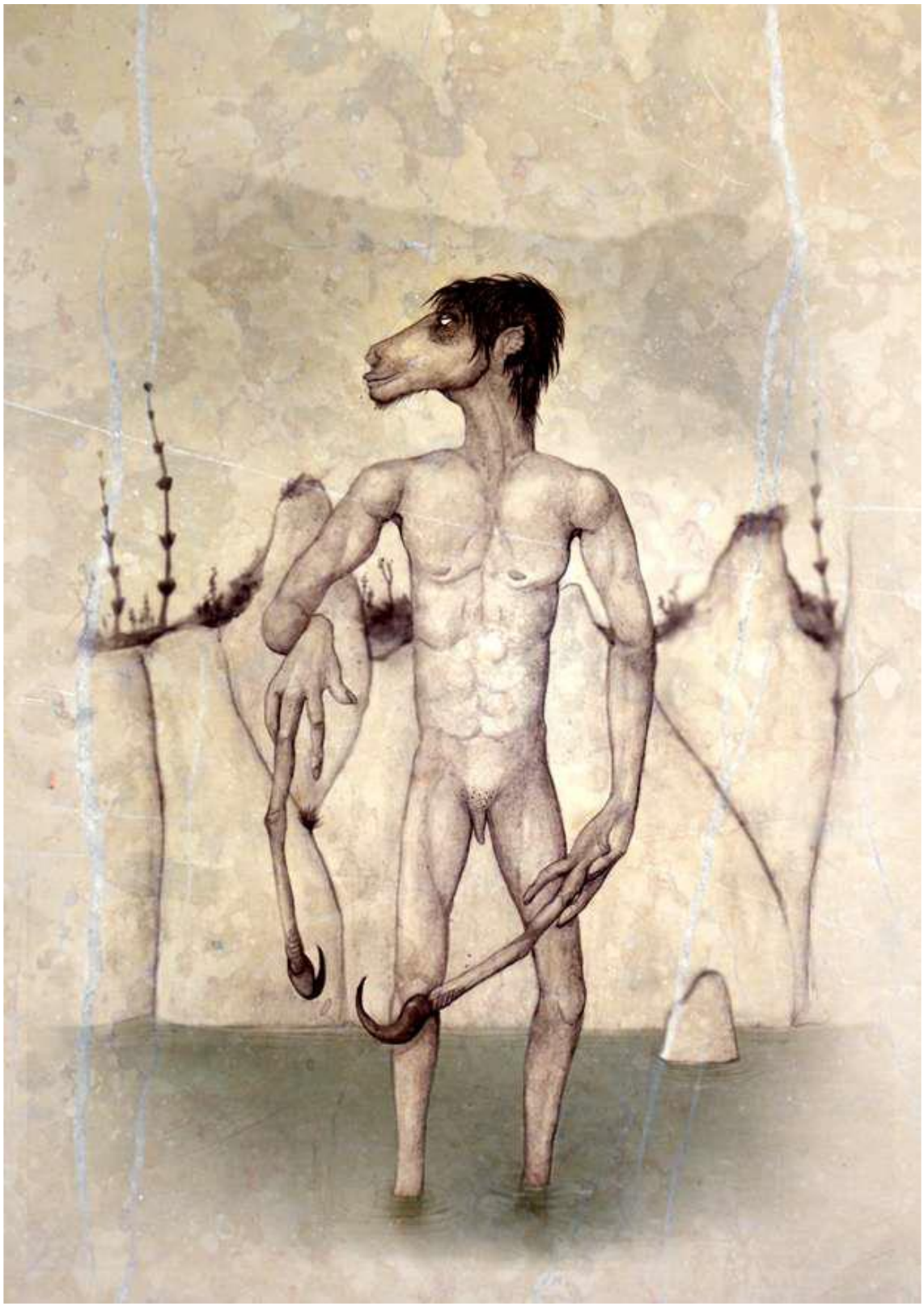
XXV

Finger Fishers

Esses seres foram aprisionados em um mundo arquipélago, um planeta repleto de muitos continentes pequenos e inúmeras ilhas em redes interconectadas de mares calmos e tranquilos. Como um Egeu ampliado, esse lugar era um paraíso terrestre em muitos aspectos. Exceto pelo fato de que, após os Qu, nenhuma mente foi deixada para apreciá-lo.

Nessa biosfera vazia, a evolução foi rápida em iniciar sua dança cega e imprevisível. Uma vez selvagens, os descendentes de humanos degenerados se adaptaram a todos os nichos disponíveis, por mais exóticos e estranhos que fossem. Um grupo aprendeu a pegar peixes das margens preguiçosas. Milênios se passaram e eles se adaptaram mais ao seu estilo de vida piscatório. Os dedos alongados tornaram-se anzóis ambulantes, os dentes modificados para uma dieta generalizada tornaram-se semelhantes a agulhas, alinhados ordenadamente em um focinho longo e fino. alguns milhões de anos, os *Finger Fishers* se estabeleceram como uma linhagem proeminente. Quase não havia uma praia, ilha ou estuário sem a presença de suas formas pálidas e esguias.

Por mais prolíficos que fossem, os Pescadores ainda não eram melhores do que os animais. Sua humanidade" só viria depois de outro surto de adaptações bizarras.



XXVI

Hedonistas

Até mesmo a existência feliz dos "Finger Fishers" teria parecido incômoda para os Hedonistas, pois sua espécie não foi desenvolvida, mas projetada para uma vida de prazer. Os Qu os mantinham como animais de estimação mimados; soltos em uma ilha-mundo tropical com frutas suculentas, árvores abundantes e lagos calmos e cheios de vida. Além disso, os Hedonistas foram deixados como a única vida animal nesse lugar. Eles não tinham escolha a não ser aproveitá-la ao máximo.

Em condições normais, qualquer espécie rapidamente se sobreporia a esse ambiente utópico. Mas as condições normais nunca foram o objetivo da reformulação dos Qu. Eles alteraram suas cobaias para que pudessem conceber somente após acasalar com um enorme número de pretendentes em potencial, continuamente em um período de décadas. Embora isso tenha resolvido o problema da população, também tornou a espécie menos adaptável. Sem nenhum ponto na competição sexual, a seleção natural progrediria em um ritmo glacial. Felizmente, seu microcosmo estável permaneceu livre de catástrofes ambientais mesmo depois que os Qu foram embora.

Suas vidas eram rotinas alternadas entre alimentação, sono e sexo alucinante, sem se preocuparem com doenças ou gravidez. Distantes e despreocupados, eles desfrutavam dos momentos mais agradáveis de todas as humanidades, embora com a capacidade intelectual de crianças de três anos.

Mas, na verdade, isso não importava. Quem precisava pensar quando estava se divertindo tanto?

Os favoritos do Qu. Uma fêmea Hedonista está sozinha em uma praia, contemplando absolutamente nada. Sem nenhuma pressão do mundo, seus dias se fazem à medida que as horas passam.

XXVII

Insetófagos

Espécies humanas pitorescas e sem descrição abundavam na galáxia pós-Qu. Centenas delas viviam vidas simples e despercebidas, nunca se desenvolvendo para se tornarem sencientes, nunca aprenderam sua verdadeira herança como seres humanos nascidos nas estrelas. A maioria deles foi extinta, para não ser esquecida ou mesmo lembrada. Os que permaneceram conseguiram sobreviver em nichos sombrios e silenciosos, sem nunca causar qualquer impacto no esquema celestial das coisas.

Uma dessas espécies eram os insetófagos. Eles se adaptaram discretamente a uma dieta de insetos coloniais e pequenos animais; eles tinham rostos cobertos por placas de couro, mãos em forma de garra para escavar a presa e línguas em forma de verme para capturá-la.

Em suma, eles não eram especiais em nenhum aspecto específico. Mas uma combinação de invasões galácticas, coincidência e pura sorte os tornaria, mais tarde, os mais duradouros de todos os seres humanos.

Os mansos herdariam o cosmos, mas ainda não. Por enquanto, os Insetófagos estavam preocupados apenas com a localização das colônias de insetos e o início da época de acasalamento.

XXVIII

Spacers

Deve-se lembrar que o Povo das Estrelas não sucumbiu totalmente às invasões dos Qu. Enquanto seus mundos caíam um a um, alguns povos das estrelas se refugiaram no vazio do espaço. Uma após a outra, comunidades inteiras entraram em espaçonaves de geração e se lançaram na escuridão, na esperança de passar despercebidas pelos seres que haviam invadiram sua galáxia.

Tempos de desespero exigem medidas desesperadas. Como os Homens das Estrelas haviam observado durante a colonização inicial da galáxia, a vida em espaçonaves de geração inevitavelmente levava à insanidade e à anarquia em massa. Desta vez, porém, os humanos tiveram que se adaptar ou enfrentar a extinção.

Campos de asteroides foram confiscados e esvaziados para a construção de naves espaciais de tamanho nunca visto. Essas conchas ocas abrigavam bolhas de ar e água preciosos, mas sem gravidade artificial de qualquer tipo. Acreditava-se que uma existência puramente etérea aliviaria o estresse do exílio interestelar, desde que seus habitantes estivessem adaptados à vida em um ambiente como esse.

Além disso, as pessoas foram forçadas a mudar a si mesmas. Em um ambiente atmosférico selado e livre de gravidade, seus ossos eram deixados livres para crescerem mais longos, mais finos e mais esguios. Os sistemas circulatório e digestivo foram pressurizados para evitar problemas cardíacos e congestão. Essa última mudança teve outro efeito colateral vantajoso: os humanos podiam navegar pelo vazio com jatos de ar expelidos pelos ânus modificados.

Esses experimentos foram numerosos e, em geral, fracassaram. No entanto, eles conseguiram criar um futuro. Bem fechados em seus refúgios do tamanho da lua, cheios de ar e sem peso os descendentes do Povo das Estrelas conseguiram escapar do flagelo dos Qu.

Era uma diáspora sem fim. Mesmo depois que os Qu partiam, eles se viam muito divergentes demais para ter algo a ver com seus estilos de vida ancestrais. Aqueles que sobreviveram ao desafio inicial nunca mais poriam os pés em um planeta novamente.

Quarenta milhões de anos a partir de hoje, os Spacers como este indivíduo são os únicos seres humanos verdadeiramente sencientes que sobrevivem. Eles estão tão confortáveis em seus refúgios sem peso que o destino de seus primos bestiais em outros lugares não os preocupa. Eles também são dolorosamente raros; sua população total na Via Láctea não ultrapassa algumas dezenas de arcas e uma centena de bilhões de almas.

XXIX

Assombradores de ruínas

Uma espécie humana em particular, destacada por sua oportunidade de acesso à herança de seus ancestrais estelares, acabaria desempenhando um papel de liderança na formação do futuro.

Eles haviam superado a invasão dos Qu com relativamente pouca degradação; sim, eles foram reduzidos ao nível de macacos, mas sua recuperação foi rápida. Aparentemente, os Qu não haviam se esforçado tanto para suprimir a inteligência deles. Tampouco nem fizeram um esforço comparável para apagar os rastros materiais dos Homens das Estrelas. Mesmo depois de milhões de anos, enormes ruínas dos espaços urbanos cobriam os continentes de seu mundo. Assim, os Assombradores de Ruínas ganharam seus nomes.

Com mentes desenvolvidas e acesso irrestrito à sabedoria das cidades antigas, o ritmo exponencial de seu desenvolvimento era natural. Um a um, eles decifraram e desenvolveram os segredos do antigo Povo das Estrelas, até quase se igualaram aos seus ancestrais galácticos em sabedoria e habilidade.

Todo esse desenvolvimento ocorreu em um período de tempo anormalmente curto e, às vezes, as tecnologias antigas nem sequer eram compreendidas, pois eram replicadas às cegas. Não é preciso dizer que esse ritmo de desenvolvimento causou um estresse prematuro nas estruturas sociais e políticas dos Assombradores de Ruínas. Eles mal sobreviveram às cinco guerras mundiais consecutivas que assolaram seu planeta, duas das quais foram trocas termonucleares.

Eles conseguiram sobreviver, seu batismo de fogo os endureceu e os despertou. As guerras os uniram politicamente e levaram suas capacidades tecnológicas além do nível dos Homens das Estrelas. Coincidentemente, eles também desenvolveram uma forma perigosa de loucura autóctone. Os Assombradores de Ruínas passaram a acreditar que eram os únicos descendentes e os verdadeiros herdeiros do Povo das Estrelas. E eles estavam prontos e dispostos a fazer qualquer coisa para reivindicar sua Idade de Ouro fictícia e passada.

Apenas mil anos após a partida dos Qu, um Assombrador de Ruínas vagueia entre os restos destruídos de uma cidade do Povo das Estrelas. A forma dominante de uma pirâmide Qu ainda maior pode ser vista ao fundo.

XXX

Renascimento da consciência

Se algum tipo de arranjo periódico puder ser trazido para a história da humanidade, a era pós-Qu dos animais humanos emergentes pode ser comparada a uma série de milenares eras das trevas. No entanto, como em qualquer situação de "idade das trevas", esses períodos de silêncio tiveram uma duração finita. Uma a uma, como estrelas emergindo da neblina, novas civilizações nasceram dos restos destroçados da humanidade.

Em alguns casos raros, a recuperação foi rápida e direta. Na maioria das outras situações, ela ocorreu somente após uma longa série de variações adaptativas, extinções e diversificações secundárias. Dentro dessas linhas de descendência, havia tanta distância entre os pós-humanos iniciais e seus descendentes inteligentes quanto entre as primeiras bolas de pelo do Cretáceo e o Homo sapiens.

Mais cedo ou mais tarde, a inteligência humana retornou ao cosmos. Mas, exceto por sua ancestralidade compartilhada, essas novas pessoas não tinham nada em comum com as "pessoas" de hoje, ou nem mesmo entre si.

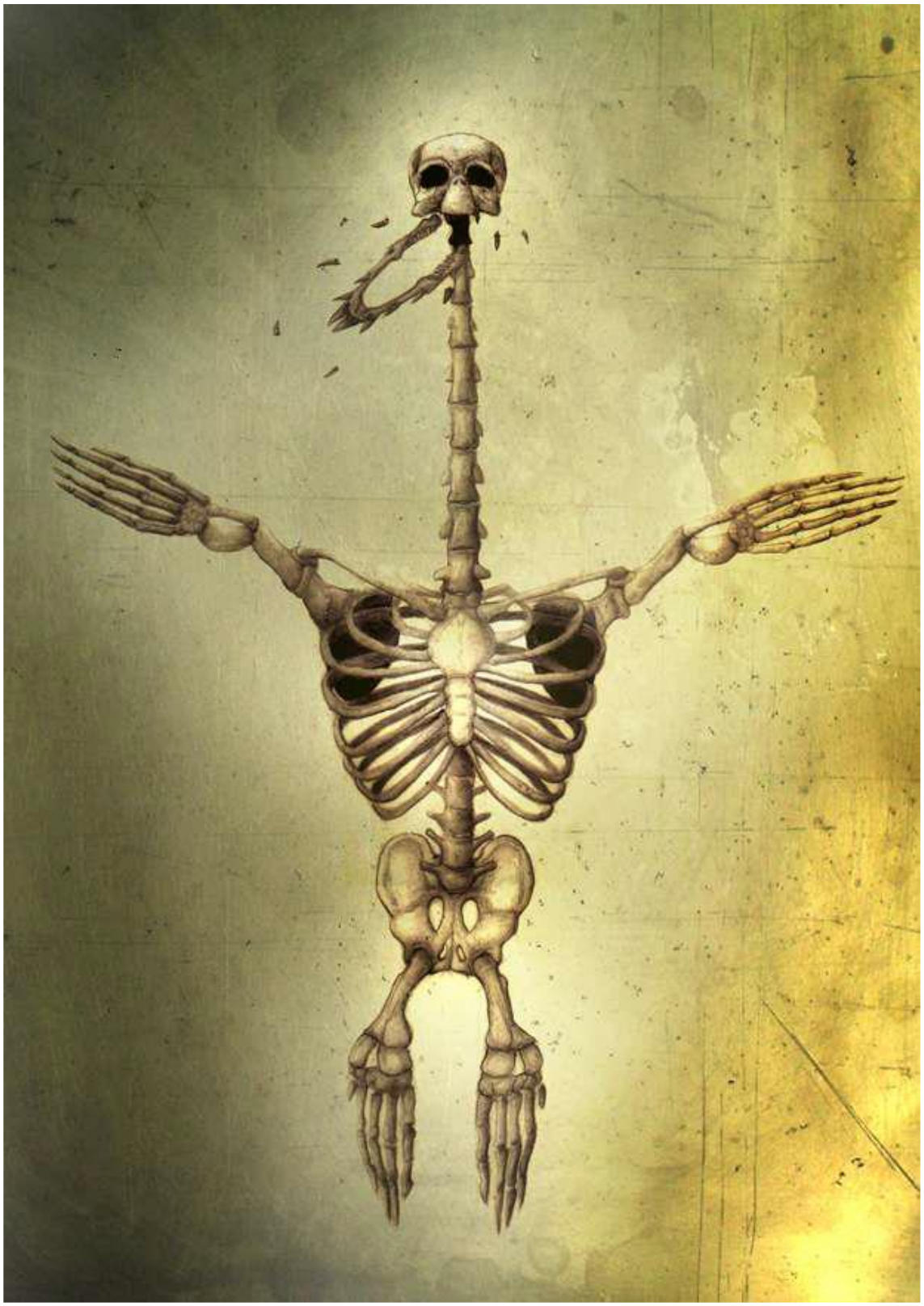
XXXI

Extinção

Nem todos os seres humanos conseguiram sobreviver. De fato, é preciso perceber que a maioria dos humanos pós-Qu morreu durante as eras de transição. A extinção, a morte total e absoluta de uma família inteira, de uma comunidade inteira, de uma espécie inteira, foi desenfreada na galáxia.

Não havia nada de cruel ou dramático em tudo isso. A extinção era tão comum e tão natural quanto a especiação. Às vezes, uma espécie simplesmente não conseguia se adaptar à concorrência ou à mudança abrupta das condições. Em outras ocasiões, seus números diminuíam em através de abismos imperceptíveis do tempo. De uma forma ou de outra, os seres humanos desapareceram.

Em toda essa morte, no entanto, havia uma nova vida. Quando uma espécie desocupava um determinado nicho, outras logo entrariam em seu lugar. As radiações adaptativas se seguiriam, preenchendo os espaços vazios com miríades de formas diversas e variadas. Apesar das quedas, o fluxo da vida continuaria brilhando em constante renovação.



O fóssil de um humano aquático extinto de um mundo colônia esquecido. Sem o conhecimento do universo, sua espécie se adaptou, floresceu e se extinguiu logo após a retirada dos Qu. Sua história serve para nos dizer que tudo o que está vivo inevitavelmente perecerá, e o que importa é a jornada, não a conclusão.

XXXII

Povo Serpente (Descendentes dos Vermes)

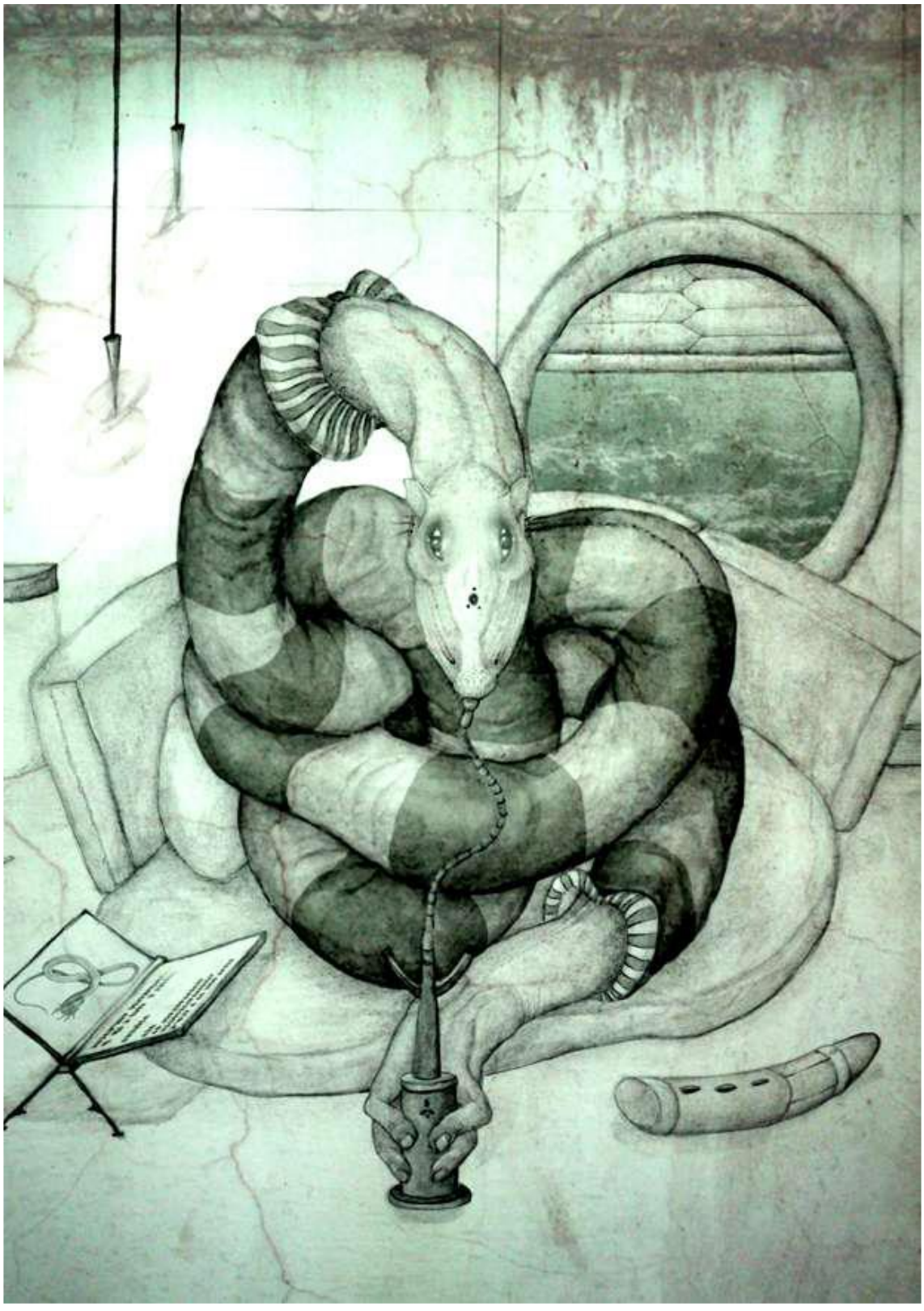
O sol escaldante acabou esfriando e a vida voltou à superfície de sua fortaleza subterrânea. À medida que animais de todos os tipos explodiam nos espaços terrestres que haviam sido deixados vagos por milênios, o mesmo aconteceu com os descendentes dos vermes. Na superfície, eles encontraram novas oportunidades como grupos inteiros de herbívoros serpentinos, nadadores, predadores...

...e pessoas. Uma forma, descendente de serpentes mamíferas que escalam árvores, reevoluiu a inteligência humana que havia permanecido adormecida por tanto tempo. Eles observaram, contemplavam e filosofavam com cérebros novos, enrolados em espiral, e lidavam com o mundo com uma singular "mão" pélvica, nascida dos restos dos pés de seus ancestrais.

Eles não se pareciam em nada com seus ancestrais humanos distantes, mas seu desenvolvimento social seguiu um caminho semelhante: vários impérios agrícolas mundiais, seguidos por revoluções industriais, experimentos sociais, guerras mundiais, guerras civis e globalização. Mas, por outro lado, o paralelismo sociopolítico na história não implicou necessariamente em um mundo semelhante ou esmo reconhecidamente humano.

As cidades modernas do mundo das Serpentes eram emaranhados de canos como "estradas", ramificações, ferrovias tridimensionais e edifícios sem janelas, semelhantes a buracos. Embora sua arquitetura emaranhada variasse de região para região, esses assentamentos geralmente pareciam bolas de vidro, metal, plástico e tecido com um quilômetro de largura, enroladas tão firmemente que um humano de hoje acharia impossível se mover dentro delas. As praças e áreas abertas eram totalmente ausentes, pois representavam obstáculos de navegação e áreas de insegurança. Seu passado evolutivo nas árvores havia transformado o Povo Serpente em agorafóbicos.

Nenhuma dessas situações, é claro, era incomum para as Serpentes. Seu estilo de vida relativamente "alienígena" era tão particular para elas quanto o nosso é para nós. Em todo o seu mundo, as cidades arteriais fervilhavam de pessoas, cada uma com suas próprias alegrias, tristezas e tarefas, vivendo uma vida tão humana quanto a de qualquer outro ser inteligente.



Um serpente em casa, lendo um livro, fumando e "ouvindo" música vibracional da terra. Pela porta aberta, pode-se ver o emaranhado caótico da cidade.

XXXIII

Killer Folk (Descendentes dos Predadores Humanos)

Os carnívoros também voltaram à civilização. Sua jornada envolveu uma série de mudanças durante as quais eles perderam as adaptações que lhes permitiram sobreviver como os como os principais predadores de seu mundo. Os dentes de sabre, antes usados para cortar tendões e traqueias, tornaram-se frágeis e finos, úteis apenas como órgãos de exibição social. As garras do polegar, semelhantes a ganchos, também foram reduzidas, mas não excluídas. Em seu lugar, os dois últimos dígitos giraram perpendicularmente para se tornarem novas garras. Toda essa graciosidade, no entanto, não significava fraqueza. Embora não fossem mais especializados em caça, os *Killer Folk* ainda podiam matar com suas próprias mãos, mas somente se realmente quisessem. O que as enormes garras e dentes não conseguiam fazer, eles conseguiam facilmente com arco, flecha, pistola de pederneira ou rifle a gás.

O fato de serem descendentes de predadores deu aos *Killer Folk* um perfil social único. Quase todas de suas religiões tinham rituais que permitiam períodos de caçadas e duelos completamente naturais e animalescos. Essa necessidade de dar vazão a esses impulsos atávicos também levou à formação de "nobrezas caçadoras" religiosas; guerreiros privilegiados que eram habilidosos nas artes da caça, guerra e assassinato. Sociedades inteiras foram montadas sob essas classes dominantes; comunidades ordeiras que irrompiam uma vez por ano em uma orgia de morte, sexo e oração. Por milhares de anos, guerreiros nômades, juntamente com seus vastos rebanhos de gado humanos, perseguiram e lutaram uns contra os outros em um tabuleiro de xadrez continental.

Todo esse caos seria destruído com o advento da modernidade. Em um desenvolvimento comparável a uma revolução industrial, um grupo de assassinos de uma nação desenvolveu métodos de agricultura industrial intensiva. Estrutura estatal organizada, secularismo e o salto tecnológico vieram logo em seguida.

Não é preciso dizer que esses desenvolvimentos polarizaram o mundo em grupos de "pastores de fábrica" progressistas e desenvolvidos e "estados de caça" cada vez mais fanáticos. Enquanto um lado condenava seus modos antigos e animalescos, o outro lado os adotava com zelo cego. Essa foi a crise da modernidade; a balcanização das facções progressistas e conservadoras no caminho para a unidade global. Felizmente, os *Killers* conseguiram se recuperar mesmo depois de se aproximarem perigosamente do conflito global em alguns momentos.

Um jovem Killer macho passeia por uma das inúmeras fortalezas em ruínas em seu país, testemunho da história sangrenta e proteiforme de sua espécie. O planeta dos Killers People é um paraíso para os arqueólogos. Ele tem mais eras das trevas enterradas, culturas arruinadas e reinos decaídos do que qualquer outro mundo.

XXXIV

Tool Breeders (Descendentes dos Nadadores)

Eles costumavam ser criaturas simples, descendentes de um povo maltratado que havia se refugiado no mar. Seus ancestrais sapiens remotos não teriam dado a esses seres chance de um retorno senciente, pois eles achavam que os avanços tecnológicos eram impossíveis no meio fluido dos oceanos. Mas os Nadadores refutaram essas previsões ao fundar uma das culturas mais avançadas e mais escandalosamente alienígenas de toda a linhagem humana.

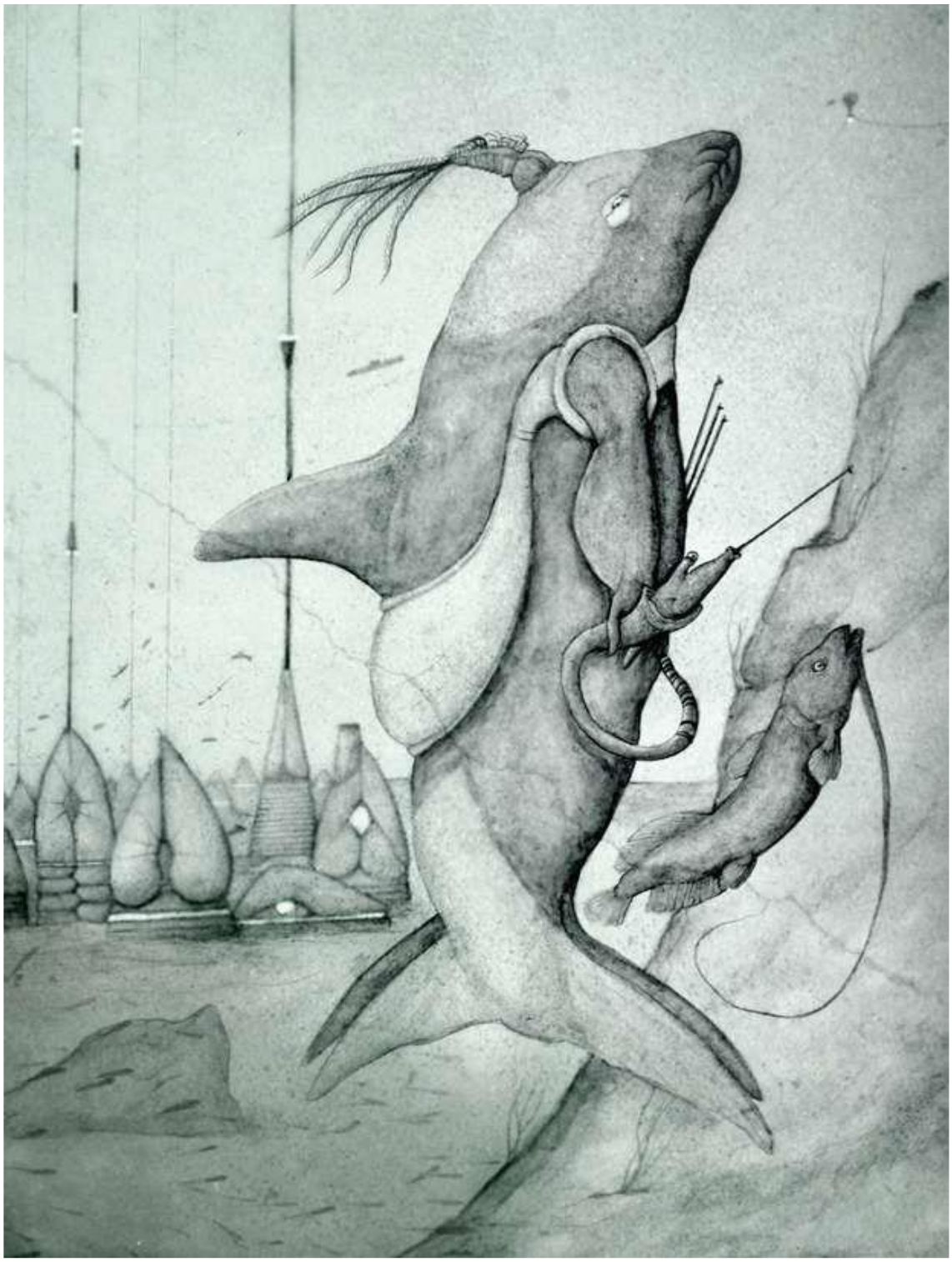
O fogo, a pedra angular da engenharia industrial, era quase impossível de sustentar e usar debaixo d'água. Mas os *Breeders* simplesmente escolheram outro caminho quando a fabricação de ferramentas complexas se mostrou impraticável. Eles começaram a criar suas ferramentas e máquinas.

Isso começou muito antes de a espécie ser inteligente. Na infinita variedade de vida nos mares, os Nadadores sempre adotavam e controlavam os organismos que eram úteis de alguma forma. Uma vez domesticadas, essas criaturas eram, voluntária ou involuntariamente modificadas por meio de seleção artificial e condicionamento. O processo era lento, mas, uma vez seus efeitos eram formidáveis.

Uma cidade moderna dos *Breeders* era um espetáculo para ser visto. Enormes criaturas semelhantes a corações bombeavam fluidos nutritivos para uma rede de condutos vivos e autorreparáveis. Esse era o equivalente a uma rede elétrica, que alcançava cada uma das enormes habitações exoesqueléticas dos *Breeders*, "alimentando" luzes bioluminescentes, televisores de pele de cefalópodes que piscam, e inúmeros outros dispositivos que haviam sido criados a partir de criaturas vivas. Os avanços na biologia aumentaram exponencialmente, até que a engenharia genética fosse completamente dominada. Os *Breeders* modernos nem mesmo precisavam usar animais; uma simples manipulação de tecidos cultivados e células-tronco poderia dar soluções para qualquer problema em questão.

O domínio da genética superou muitos obstáculos. As imensas profundezas do oceano, bem como as poucas e minúsculas massas de terra do planeta, estavam agora firmemente ao alcance dos *Breeders*. Entretanto, eles não se contentavam com meros sonhos planetários. Novas formas e criaturas bizarras ainda estavam sendo desenvolvidas, em tentativas ousadas de dominar os ambientes que eram mais hostis à vida.

Presos em suas naves vivas, os *Breeders* desejavam retornar às estrelas.



Uma caçadora Breeder em um recife de jardim. As ferramentas vivas são uma parte indispensável da vida diária desses seres; ela consegue respirar debaixo d'água por meio de um crustáceo filtrador de oxigênio colocado sobre seu espiráculo. Ela segura um rifle derivado de molusco que dispara dentes de peixe especialmente modificados, e seu companheiro é um peixe com cérebro aumentado que foi programado para matar de volta. Prédios feitos de conchas calcificadas brilham ao fundo, incandescentes com bioluminescência.

XXXV

Saurosapiens (animais de criação dos Pastores de Lagartos)

Um dos eventuais herdeiros da humanidade nem sequer era humano. Eles vieram de uma linhagem reptiliana que havia se proliferado durante a morte dos Pastores de Lagartos.

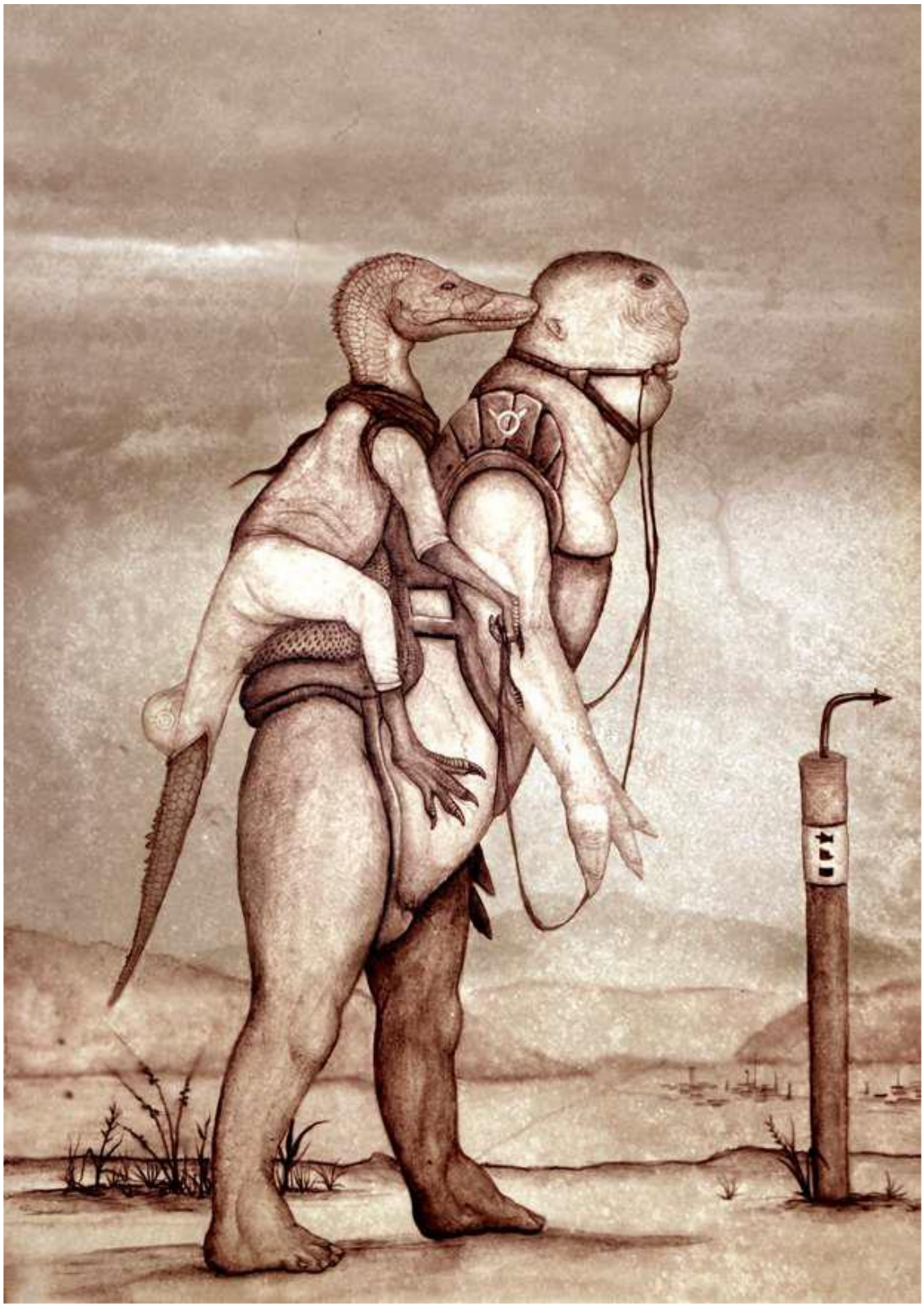
O caso deles era um verdadeiro caso de um mundo virado de cabeça para baixo. Enquanto os humanos se degeneravam em animais estúpidos, os répteis de sangue frio prosperaram no clima tropical de seu planeta. Os milênios se passaram e eles começaram a produzir formas cada vez mais inteligentes, uma das quais, distantemente parecida com dinossauros sem pena, era a mais avançada, de fato ultrapassou o limiar da senciência e construiu uma série de civilizações.

Essas novas culturas foram rápidas em entender a verdadeira origem das monstruosas ruínas espalhadas por seu planeta, ruínas que até então eram consideradas aberrações naturais ou memorabilia atemporal de deuses. Agora, no entanto, eles viram as ruínas misturadas dos Qu e do Povo das Estrelas pelo que elas realmente eram. Foi por meio dessa compreensão que os Sauros', biologicamente não aparentados, assumiram a identidade cultural da humanidade.

Em seus esforços arqueológicos, os Sauros começaram a entender que os animais que eles usavam como alimento e trabalho eram descendentes dos fundadores de sua própria existência. E em algum lugar nas estrelas se escondiam as forças que os mal formaram, forças maiores do que o Povo das Estrelas, forças obscuras que poderiam retornar algum dia. Os animais humanos serviam como um lembrete, assim como *Planderavis*, de que se os *Saurosapiens* quisessem garantir sua existência contínua no cosmos, eles precisavam estar atentos.

A pressão de tal realidade colocou suas culturas sob enorme estresse. Algumas facções se voltaram para religiões inventadas e permaneceram ignorantes sob um guarda-chuva de fantasias reconfortantes. Outras reconheceram as ameaças da galáxia, mas voltaram a uma retórica paranoica de conservacionismo. A galáxia os assustou muito. Por fim, havia aqueles que viram o reduto galáctico e agiram para enfrentar as adversidades, por maiores que fossem. Conflitos e até guerras não eram incomuns entre essas três facções.

No final, a disputa de séculos começou a se resolver em favor das facções progressistas. À medida que expandiam suas esferas de conhecimento, influência e atividade, os *Saurosapiens* se tornaram tão "humanos" quanto qualquer outra civilização que se abriu para a galáxia.



XXXVI

Modular People (Descendentes dos Coloniais)

O trabalho cego da evolução seguiu os caminhos mais improváveis e aproveitou as oportunidades mais efêmeras. A própria existência do *Povo Modular* era um testemunho desse fato. Seus ancestrais, os Coloniais, teriam sido vistos como aleijados sem esperança por muitos, limitavam-se a cobrir as margens da água como tapetes de algas. Mas, por mais degenerados que fossem, os Coloniais eram sobreviventes resistentes, capazes de manter a vida nas condições mais adversas.

Com o passar do tempo, eles começaram a se organizar em colônias diferenciadas em vez de tapetes homogêneos. Nas colônias, cada "célula" humana podia desempenhar uma função e se beneficiar da união de outras. Assim começou a grande era da organização, durante a qual diferentes colônias competiam entre si desenvolvendo células humanas especializadas que lhes dariam uma vantagem na luta pela vida. Algumas colônias desenvolveram enormes raízes que conseguiam extrair recursos de lugares distantes. Outras abandonaram as raízes e começaram a se mover em segmentos de pés semelhantes a estrelas-do-mar. Algumas colônias criaram unidades equipadas com garras e venenos, levando a competição a um nível totalmente novo e mortal. Outras responderam à ameaça com armaduras ou células-guia equipadas com olhos enormes.

O eventual vencedor dessa corrida armamentista colonial foi uma colônia senciente, organizada em torno de unidades hiper especializadas cujo único objetivo era dirigir as outras. Essas colônias se espalharam pelo planeta à medida que adaptavam as partes de seus rivais para funcionar dentro de si mesmas. Assim nasceu o Povo Modular.

Vivendo em megalópoles totalmente industrializadas, eles apresentavam uma variação indescritível de formas e tamanhos. Qualquer coisa, desde florestas guardiãs semelhantes a castelos até mensageiros era um membro do conjunto Modular. Eles podiam se combinar uns com os outros e dividir-se ou trocar partes conforme a necessidade. A única coisa constante em toda a sua existência proteana era sua unidade mental e cultural.

Devido à sua estrutura biológica, essas pessoas conseguiram o impossível. Elas Na verdade, estavam vivendo em um mundo de paz e igualdade utópica, onde todos estavam felizes por serem partes de um todo maior e unido.

Uma colônia modular trata uma unidade digestora especializada com sprays de medicação antiúlcera produzidos pelo drone médico mantido em suas "mãos". Observe os diferentes segmentos, cada um deles é um ser humano mutante em si mesmo.

XXXVII

Pterosapiens (Descendentes dos Voadores)

Os corações supercarregados dos Voadores lhes deram uma mão evolutiva vencedora, e eles se diversificaram para encher os céus. Foi apenas uma questão de tempo até que a competição nos céus se tornasse intensa demais, até mesmo para seus metabolismos acelerados.

Algumas linhagens desistiram de suas asas e voltaram ao solo, vivendo como diferentes tipos de predadores, herbívoros e até mesmo nadadores. Suas adaptações aéreas lhes deram uma vantagem no solo e produziram formas de tamanho e agilidade estupendos. Havia seres maravilhosos, mas nenhuma inteligência surgiu dos animais terrestres do céu. Em vez disso, a civilização floresceu nos céus. Uma espécie, proveniente de uma linhagem de predadores errantes e parecidos com cegonhas, desenvolveu um cérebro grande o suficiente para imaginar e agir sobre o mundo. Seus pés, que já eram versáteis para capturar presas escorregadias que habitavam os pântanos, ficaram ainda mais articulados e assumiram o papel de mãos. Em compensação, perderam um pouco de sua agilidade aérea, mas o que não podiam fazer com seus corpos, eram mais do que capazes de compensar com suas mentes.

Seu poder de voo fez dos Pterosapiens um povo global, antes que eles pudessem inventar nações e fronteiras. Com essa facilidade inerente de viajar, as ideias e os indivíduos se difundiram rápido demais para que as diferenças sociais se ossificassem. Agindo com uma consciência planetária, eles cultivavam seus gigantescos parentes terrestres, ergueram cidades com poleiros e torres, dominaram o átomo e passaram a olhar para as estrelas, sem ter muito o que compensar do bem-estar individual e sem se dividir em facções briguentas.

Por mais igualitária que sua vida parecesse, eles pagaram um preço difícil e inevitável. Seus corações, mesmo em seu estado de crescimento, tinham dificuldade em suportar seu poder de voo e cérebros absurdamente grandes ao mesmo tempo. Como consequência, eles tinham uma vida efêmera. Um Pterosapien era sexualmente maduro aos dois anos, de meia-idade aos dezesseis e geralmente morto aos vinte e três anos de nossa era. Esse ciclo sombrio fazia com que eles valorizassem cada momento de sua existência e ponderassem sobre ele com intensidade febril. Uma prateleira de pergaminhos de filósofos pterosapienianos teria sido a inveja de qualquer biblioteca humana. Em suas cidades, a vida transcorria com uma velocidade irreal, correndo para cumprir prazos fugazes.

Como espécie, os voadores angelicais eram vítimas de doenças cardíacas.

Um pterossauro posa ao lado dos edifícios bizarros de um resort à beira-mar. Com dez dias de duração, essas serão as únicas férias de sua vida efêmera.

XXXVIII

Povo Assimétrico (Descendentes dos Lopsiders)

Embora contorcidos pela gravidade, os Lopsiders conseguiram recuperar sua inteligência, e desenvolver uma civilização em poucos milhões de anos. Edifícios atarracados, parecidos com panquecas espalhadas por todo o planeta. Essas construções pareciam bunkers esmagados e nunca tinham mais do que alguns metros de altura. Não pareciam muito, mas essas estruturas eram entradas para casas subterrâneas, escolas, hospitais, templos, universidades, mas também embaixadas, prisões, asilos, centros de comando e arsenais. Eles viviam vidas estranhas, mas os Lopsiders eram humanos em todas as suas virtudes e maldades. Portanto, era assim, natural que eles se expandissem para o espaço e procurassem novas fronteiras para colonizar. Felizmente, seu sistema solar abrigava outros planetas, semelhantes ao planeta natal dos Lopsiders em quase todos os aspectos, exceto no que diz respeito à gravidade. Mas eles não estavam dispostos a deixar que esses detalhes triviais os impedissem.

Ao longo de sua história, os seres humanos sempre se arriscaram a mudar para preservar seu futuro. Era uma aposta arriscada, mas que havia compensado desde os dias dos marcianos-americanos. Mas reprojetar o corpo achatado do *Lopsider* para uma gravidade benigna era, de fato, uma tarefa monumental. Basta dizer que os experimentos levaram milênios para obter até mesmo um sucesso limitado. Após inúmeras tentativas, o Povo Assimétrico nasceu, ou melhor, foi criado. Seus corpos foram alterados consideravelmente; o que antes eram dedos dos pés semelhantes a pás para deslizar pela sujeira de alta gravidade se tornaram pernas centípedes, e a mão singular, que agarra, foi alongada em um grau extremo. Seus rostos grotescos foram invertidos e virados de cabeça para baixo após a reversão de uma existência semelhante à dos linguados. Por mais retorcidos que fossem, os membros dessa nova raça tinham enormes vantagens sobre seus antepassados achatados.

Seu desenvolvimento social também foi paralelo ao dos antigos marcianos-americanos. Mais uma vez, houve uma era de ouro, seguida por tensões crescentes e guerras interplanetárias. Mas, diferentemente dos marcianos, os assimétricos exterminaram impiedosamente sua raça-mãe e passaram a governar o sistema solar sozinhos. No caminho, eles se depararam com os vestígios dos Qu e do Povo das Estrelas e avançaram imensamente. Triunfantes em seu próprio reino, eles se voltaram para os céus em busca de novas façanhas.

Um nobre assimétrico posa nu para revelar sua anatomia bizarra. Normalmente, essas criaturas se vestem com roupas elaboradas que se assemelham a montes de meias interconectadas e alargadas.

XXXIX

Symbiontes (Descendentes dos Parasitas)

Com o passar do tempo, as relações entre os parasitas e seus hospedeiros ficaram conectadas a tal ponto que começaram a envolver uma cooperação entre os indivíduos. Essas relações não eram mais unilaterais; em troca do sangue nutritivo dos hospedeiros, os parasitas ofereciam seus sentidos aguçados como alerta precoce contra predadores e outros perigos.

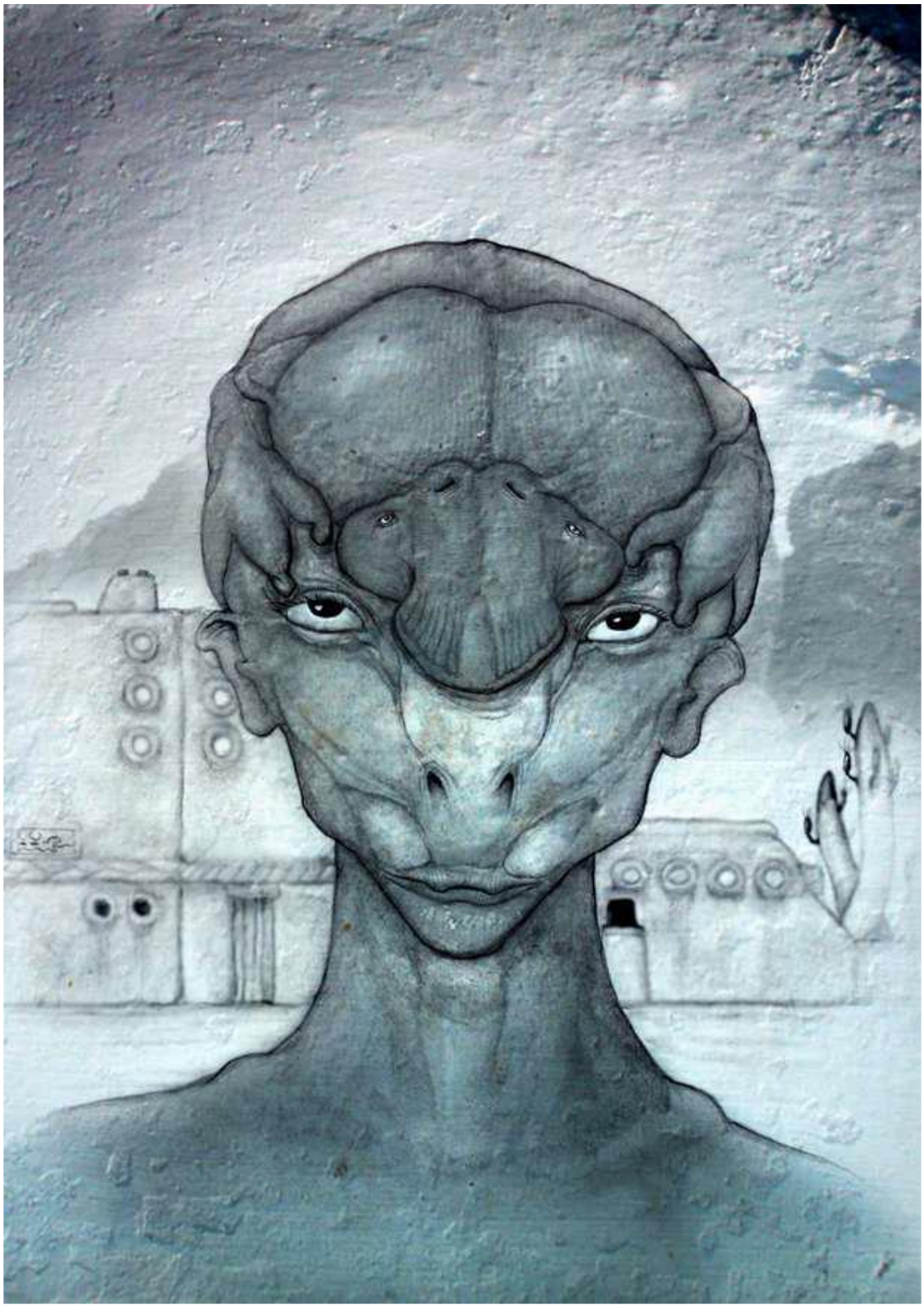
Assim, teve início uma grande "corrida armamentista" de relações simbióticas. Alguns "parasitas" ofereceram a seus hospedeiros olhos maiores, outros sentidos mais aguçados de olfato e audição ou até mesmo armas de defesa adicionais na forma de saliva venenosa, sprays desodorantes ou uma mordida extra. Os hospedeiros retribuíam o favor com pernas mais longas, corpos mais fortes e pontos de abrigo ergonômicos especializados, ricos em vasos sanguíneos e cobertos de pelos isolantes. Diferentes complexos de espécies de parasitas e hospedeiros evoluíram, compatíveis apenas entre si.

O desenvolvimento de tais criaturas lembrava, de certa forma, as grandes colônias do Povo Modular que prosperavam em seu próprio mundo situado a anos-luz de distância. Mas, ao contrário dos Modulares, os componentes dos Symbiotes pertenciam a espécies diferentes, em vez de variações modificadas do mesmo organismo básico. Eventualmente, ambos os relacionamentos levaram ao mesmo ponto: A senciência.

Nas florestas isoladas de um determinado continente, desenvolveu-se uma nova espécie de parasita. Eles não tinham os sprays de veneno balístico, as picadas infecciosas ou as garras de braço grosseiramente hipertrofiadas de seus parentes. Em vez disso, esses parasitas ofereciam uma barganha mais simples: a capacidade de pensar em troca de submissão total. Inicialmente, essa relação essa relação era mais parecida com a de um cavalo e seu cavaleiro, mas depois de algumas centenas de milhares de anos os Symbiotes podiam manipular seus hospedeiros como marionetes por meio de uma combinação de sinais táteis e olfativos.

Mais alguns milênios e esses seres combinados desenvolveram uma ordem não muito diferente da nossa, com países, políticas e até mesmo guerras, embora reduzidas na nova cultura mundial globalizada. Nessa época, a tecnologia preenchia a maioria das funções dos hospedeiros, mas uma próspera criação dessas criaturas ainda permanecia devido à tradição e à simples eficiência. Um Symbiote comum começava o dia em seu hospedeiro de trabalho e passava para um hospedeiro doméstico mais confortável quando voltava para casa depois do trabalho.

E talvez, na televisão olfativa, ele sentisse o cheiro das notícias sobre as escavações das ruínas dos Qu com milhões de anos, das descobertas maravilhosas ou dos enormes conjuntos de rádio que se erguiam por toda parte para ouvir as estrelas.



Um Symbiote posa em um de seus vários hospedeiros. Ao fundo, pode-se ver algumas de suas habitações rurais, com portas do tamanho de um homem para os hospedeiros sem mente e buracos menores para seus hospedeiros inteligentes.

XL

Velejadores (Descendentes dos *Finger Fishers*)

Os Finger Fishers já estavam entre as raças mais divergentes dos pós-humanos. Com dedos semelhantes a arpões e focinhos quase crocodilianos, eles não se pareciam em nada com sua linhagem parental. Mas mesmo essa forma pareceria conservadora para seus descendentes sencientes. Com muitas ilhas pequenas e dispersas, subcontinentes isolados e nichos diferenciados, seu mundo natal era um caldeirão evolutivo onde membros isolados de certas espécies poderiam, sob as circunstâncias certas, evoluir para formas extremamente diferentes. Essa condição era semelhante à das ilhas-reinos de Madagascar, Galápagos ou Havaí na antiga Terra, exceto que, dessa vez, era em escala global.

Alguns descendentes dos Fishers, presos em ilhas solitárias, ficaram menores e desenvolveram suas garras de pesca em asas graciosas. Outros foram diretamente para o mar e se tornaram os análogos das baleias, golfinhos e mosassauros. Nesse processo evolutivo, uma linhagem específica deu origem ao ancestral Povo Velejador.

Eles também alongaram seus dedos, transformando-os em asas, mas elas não eram usadas para voar. Em vez disso, transformaram-se em velas que os conduziam sem esforço pelos oceanos. Com os dedos transformados em velas, eles usavam a boca e a língua estendida para capturar suas presas pelágicas. Esses órgãos acabaram assumindo o papel das mãos atrofiadas e hábeis dos Fishers. A necessidade de navegar melhor pelos mares intermináveis exerceu uma pressão inevitável sobre sua memória, e o cérebro dos Velejadores cresceu de forma correspondente. Era apenas uma questão de tempo até que um desses navegadores se tornasse inteligente o suficiente para pensar.

Mesmo quando sencientes, os Velejadores ainda precisavam de muito tempo para alcançar qualquer tipo de estabilidade social. Seu mundo disperso gerou uma enorme diversidade de culturas, que competiam e lutavam com a mesma resistência. Ao longo das gerações, incontáveis flotilhas de guerreiros tribais lutaram entre si em conflitos inúteis que se estenderam por épocas. Guerreiros nômades e sociedades piratas surgiram inevitavelmente, prolongando o ciclo incontrolável de violência.

Somente quando uma determinada tribo guerreira desenvolveu a guerra em escala industrial e a sociedade estatal necessária para apoiá-la, e somente quando essa noção de modernidade deu origem a uma ideia de paz, os Velejadores finalmente conseguiram se unificar. Gerações de sangue mancharam os oceanos por tempo demais.

Um marinheiro vai caçar com seu companheiro que empunha um arpão ao fundo. Extremamente violentos por natureza, esses povos frequentemente recorrem a campanhas de caça selvagem para sua sede de sangue na vida moderna. Observe suas "mãos" derivadas da língua e a criatura voadora que as acompanha, na verdade um dos primos distantes dos Velejadores.

XLI

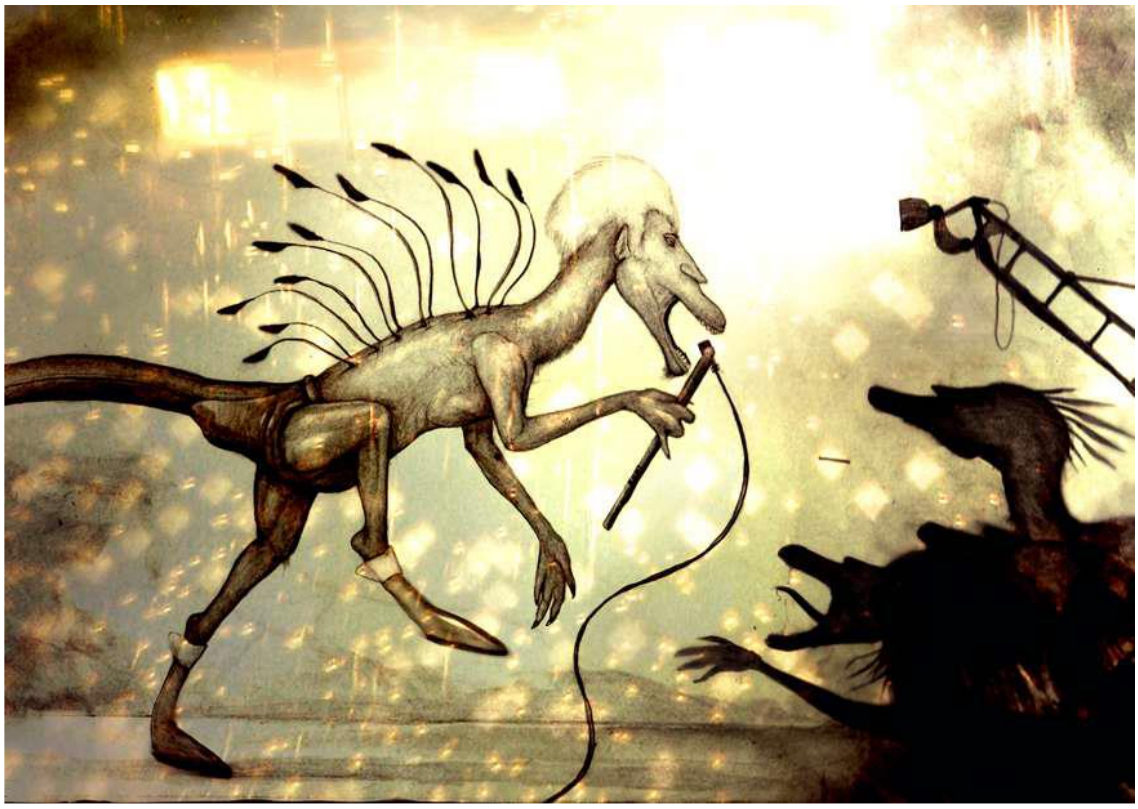
Satyriacs (descendentes dos Hedonistas)

Sua existência repleta de prazeres, presa entre seu mundo paradisíaco estático e seu ritmo inerentemente lento de evolução, parecia imune a mudanças. Talvez isso fosse verdade por um milhão de anos ou mais. Mas em escalas maiores, a estase completa era uma fábula.

Em uma determinada época, as convulsões geológicas lançaram enormes massas de terra sobre os oceanos rasos de seu mundo. Os hedonistas, até então presos em uma única ilha não maior do que a atual Islândia, não se atrasaram para colonizar esses novos territórios. Esse foi mais um êxodo necessário, já que os eventos que criaram as novas terras também lançaram enormes nuvens de cinzas que sufocaram a atmosfera e bloquearam o sol. Com sua inocência finalmente destruída, a maioria dos hedonistas morreu, incapaz de se adaptar. Os únicos sobreviventes eram aberrações de reprodução rápida que haviam abandonado as peculiaridades reprodutivas de seus ancestrais. Foram essas formas que colonizaram o continente recém-nascido e deram origem a uma infinidade de espécies, incluindo os *Satyriacs*, herdeiros sencientes dos Hedonistas.

Esses seres se assemelhavam muito a seus ancestrais, exceto pelo fato de que agora enormes "caudas", órgãos de equilíbrio desossados feitos de músculos pélvicos estendidos e gordura. Ao longo desse apêndice, seus corpos inteiros foram reorientados em posturas horizontais, quase dinossáuricas. Embora tenham abandonado as frenéticas estratégias reprodutivas de seus ancestrais, suas vidas sociais ainda mantinham um delicioso tom de promiscuidade casual.

A civilização Satyriac foi rápida em se estabelecer globalmente, pois mesmo com as massas de terra adicionais, o domínio terrestre de seu mundo não era maior do que a Austrália. Por um tempo, três e depois dois impérios terrestres competiram entre si, antes de se se dissolverem em uma miríade de nações menores e, finalmente, se reunirem em uma ordem mundial coerente. Desse ponto em diante, o mundo Satyriac mais uma vez se tornou um Valhalla de prazer, com festivais, concertos e orgias ritualizadas pontuando cada semana de trabalho. Dessa vez, No entanto, tudo isso poderia ser desfrutado pela verdadeira inteligência.



O público do Satyriac vai à loucura quando o artista atinge o clímax de sua música. Esses eventos são uma parte cotidiana da vida satírica.

XLII

Bug Facers (Descendentes dos Insetófagos)

Com o tempo, seus ancestrais insetívoros passaram a se assemelhar às suas presas. Endurecidas, suas faces de couro, antes usadas como defesa contra picadas e mordidas, ossificaram e se integradas à estrutura da mandíbula. Suas mãos e pés, com número reduzido de dedos e dedos dos pés, desenvolveram-se em forma de pinça. Até mesmo seu metabolismo reverteu parcialmente para a ectoderma no clima ameno e preguiçoso de seu planeta.

Mas não foi nenhuma dessas adaptações que lhes deu vantagem na sobrevivência. Simplesmente um defeito congênito permitiu que eles recuperassem a senciência. Mesmo após o abafamento pelos Qu, os genes do Povo das Estrelas permaneceram dormentes em suas células. Por pura coincidência, uma linhagem dos Insetófagos desenvolveu um retrocesso atávico, resultando em cérebros maiores. O que, por acaso, era útil para abrir ninhos de insetos com ferramentas de pedra rudimentares.

A partir daí, a viagem foi fácil. Embora o desenvolvimento do machado de pedra à espaçonave foi um piscar de olhos no tempo geológico. Como muitas outras espécies, os *Bug Facers* passaram por ciclos consecutivos como impérios agrários (no caso deles, de criação de colmeias) impérios, empreendimentos coloniais, industrialização, grandes guerras mundiais e, finalmente, estados mundiais globalizados. Mas havia uma coisa que diferenciava seu desenvolvimento de todas as outras espécies pós-humanas.

Eles enfrentaram outra invasão alienígena.

A história não registra muito sobre os invasores, exceto que, diferentemente dos Qu, o esforço deles era singular e foi derrotado em um ciclo intenso de guerras orbitais e terrestres. Embora vencidos, os invasores conseguiram deixar seus rastros. Eles introduziram sua própria flora e fauna, que floresceram no planeta natal dos *Bug Facers* muito depois que eles partiram. Mais importante ainda, eles impregnaram os pobres Bug Facers com uma xenofobia patológica entre espécies, a ponto de temerem até mesmo seus primos pós-humanos em outras estrelas.

Por uma irônica reviravolta do destino, seus temores seriam mais do que justificados, embora ainda não. Os *Bug Facers* ainda tinham tempo.

Uma celebridade Bug Face, provavelmente a garota mais bonita do planeta, posa diante de uma vila costeira. À distância, podem ser vistas criaturas arbóreas semelhantes a sacos de gás, relíquias deixadas pelos misteriosos invasores alienígenas.

XLIII

Asteromorfos (descendentes dos *Spacers*)

Inicialmente refugiados, os *Spacers* dominaram rapidamente a vastidão do espaço interestelar. Suas arcas espaciais isoladas se uniram e se multiplicaram para formar um artefato gigantesco e interligado, grande o suficiente para conter mundos inteiros. Mas não havia planetas dentro da capital dos Asteromorfos; apenas bolhas cavernosas e livres de gravidade onde os habitantes pudessem finalmente se desenvolver ao máximo.

Livres das restrições de peso, seus corpos se tornaram esguios e insetíveis, com dedos individuais se estendendo em uma infinidade de membros finos e versáteis. Além desses os únicos órgãos desenvolvidos foram seus esfíncteres derivados de jatos que se tornaram os principais meios de locomoção. Mas acima de tudo estavam seus cérebros protuberantes e inchados.

Sem o impedimento da gravidade, o cérebro humano poderia crescer em tamanhos sem precedentes. Cada geração criou experimentos que produziram descendentes com maior capacidade craniana, dando origem a seres que passavam por suas vidas cotidianas pensando em conceitos e estruturas dificilmente compreensíveis para as pessoas de hoje. As limitações fisiológicas da mente humana já haviam sido debatidas há muito tempo. Agora, foi estabelecido que esses limites eram de fato reais, e os indivíduos que conseguissem rompê-los também conquistariam novos territórios na filosofia, na arte e na ciência. Tudo mudou.

No entanto, alguns aspectos da humanidade, como o desejo básico de expansão, permaneceram. Para isso, os Asteromorfos construíram grandes frotas de submarcas globulares e espalharam sua influência pelos céus, em cada aglomerado estelar e em cada sistema estelar. Em menos de mil anos, a galáxia foi atravessada por um novo e muito mais estranho Império o do Homem.

Estranhamente, seu domínio não incluía nenhuma das novas espécies pós-humanas emergentes, pois seus mestres haviam perdido completamente o interesse em planetas; aquelas bolas de sujeira e gelo. As arcas recém-nascidas se estabeleceram confortavelmente nas bordas externas dos sistemas estelares, observando em silêncio a vida de seus parentes em dificuldades.

Pela primeira vez na história, havia deuses de verdade nos inúmeros céus humanos. Eles eram silenciosos e nem sequer eram notados na maior parte do tempo, mas sua vigilância acabaria valendo a pena.

XLIV

Segundo Império Galáctico

Com o tempo, os pós-humanos sencientes começaram a se expandir pela galáxia. Eles inevitavelmente se depararam com as ruínas dos Homens das Estrelas e descobriram sua herança interestelar. Essas descobertas foram seguidas de uma constatação: a de que poderia haver outros como eles, a distâncias inimagináveis. Assim, as novas civilizações começaram a sondar os céus.

Os contatos, todos estabelecidos por comunicação via rádio, não foram disseminados uniformemente. O Império começou pouco mais de alguns milhões de anos após a partida dos Qu, com o primeiro diálogo entre os primeiros *Killer Folk* e os *Satyriacs*. Alguns milhares de anos depois, os *Tool Breeders* se juntaram a eles, comunicando-se das profundezas do universo através de rádios vivos.

A segunda onda de espécies sencientes se juntou a eles durante os dez milhões de anos seguintes, quando o Povo Modular, os *Pterosapiens* e os jovens *Assymetrics* entraram em contato com seus primos celestes. Finalmente, nos vinte milhões de anos seguintes, novas civilizações em evolução como os Sauros, o Povo Cobra, os Parasitas/Simbiontes e os Velejadores, sucessivamente entraram em contato com o crescente Império Galáctico. Os *Bug Facers* estavam cientes de todo esse processo, mas, devido à sua experiência xenófoba, só se abriram depois de impressionantes quarenta milhões de anos de silêncio.

Essa união era um império da fala, pois a viagem real entre as estrelas era muito difícil para ser prática. Como as antigas colônias dos Homens das Estrelas, os pós-humanos cooperavam por meio da troca irrestrita de informações e experiências. Embora abrangendo todos os aspectos de uma variedade surpreendente de culturas, os esforços do Império se concentraram em duas questões principais: unificação política (embora não homogeneização) e consciência galáctica; prontidão constante para possíveis invasões alienígenas. Todos haviam se deparado com os restos dos misteriosos Qu. Ninguém queria repetir o mesmo cenário.

Quando o Segundo Império se deparou com os Asteromorfos (que haviam silenciosamente saturado a galáxia com seu próprio Império), eles temeram o pior. Mas, felizmente para eles, os seres divinos não estavam interessados no Segundo Império, nem em nenhum de seus mundos. Os Asteromorfos foram ignorados e aceitos como eram: incompreensíveis, forças onipotentes da natureza.

Esse esforço coordenado durou quase oitenta milhões de anos, durante os quais suas espécies membros atingiram níveis antes inimagináveis de cultura, bem-estar e tecnologia. Cada espécie colonizou algumas dezenas de mundos próprios, nos quais nações, culturas e indivíduos viveram o potencial máximo de sua existência.

Não é preciso dizer que tudo isso só foi possível por meio de comunicação constante e uma abertura total para a Galáxia. A maioria das comunidades considerou

isso um dado adquirido e participava dos diálogos galácticos. Mas havia outros, seres silenciosos e sombrios que se recusavam a participar. Por meio deles, viria a ruína do Império.

XLV

Gravital (Descendentes dos Assombradores de Ruínas)

Após a lição dos Qu, o Segundo Império Galáctico manteve uma vigilância constante contra invasão alienígena. Ironicamente, eles negligenciaram a vigilância entre si. A segunda grande invasão da galáxia não veio de fora, mas de dentro.

Os Assombradores de Ruínas, que tiveram a sorte de herdar os segredos dos Homens das Estrelas e dos Qu quando outras espécies eram meros animais, experimentaram um tremendo avanço em termos de proezas tecnológicas. Em suma, eles eram tão sofisticados quanto, se não mais, do que os Asteromorfos do vazio. Mas sua ascendência não era sadia. Lembre-se de que a maioria dos Assombradores de Ruínas já estavam perturbados com a suposição distorcida de serem os únicos herdeiros dos Homens das Estrelas. Eles se recusavam a se comunicar com seus parentes em outros planetas e se mantinham em seus próprios assuntos. Essa arrogância neurótica assumiu proporções realmente perigosas depois que os Assombradores de Ruínas se modificaram.

A origem dessa modificação está em uma catástrofe anterior. O sol dos Assombradores de Ruínas estava passando por uma fase rápida de expansão e a espécie, por mais avançada que fosse, não podia fazer nada para interromper o processo. Assim, os Assombradores fizeram o melhor que podiam e modificaram seus corpos.

As condições infernais da expansão solar significavam que uma reconstrução biológica estava totalmente fora de questão. Assim, os *Haunters* substituíram seus corpos por máquinas; esferas flutuantes de metal que se moviam e moldavam seu ambiente por meio de manipulações sutis dos campos gravitacionais. Nas versões anteriores, as esferas ainda abrigavam os cérebros orgânicos dos últimos *Haunters*. Mas, em gerações sucessivas, foram criadas formas de conter mente dentro de computadores quânticos, e a transformação se tornou absoluta. Os Assombradores de Ruínas foram substituídos pelos Gravitais completamente mecânicos.

Embora não fosse orgânico, o Gravital ainda mantinha, ambições humanas e ilusões de grandeza igualmente humanas. Isso, combinado com corpos mecânicos que que lhes permitiam atravessar o espaço com facilidade, tornou a guerra interestelar uma possibilidade assustadora.

XLVI

Invasão das Máquinas

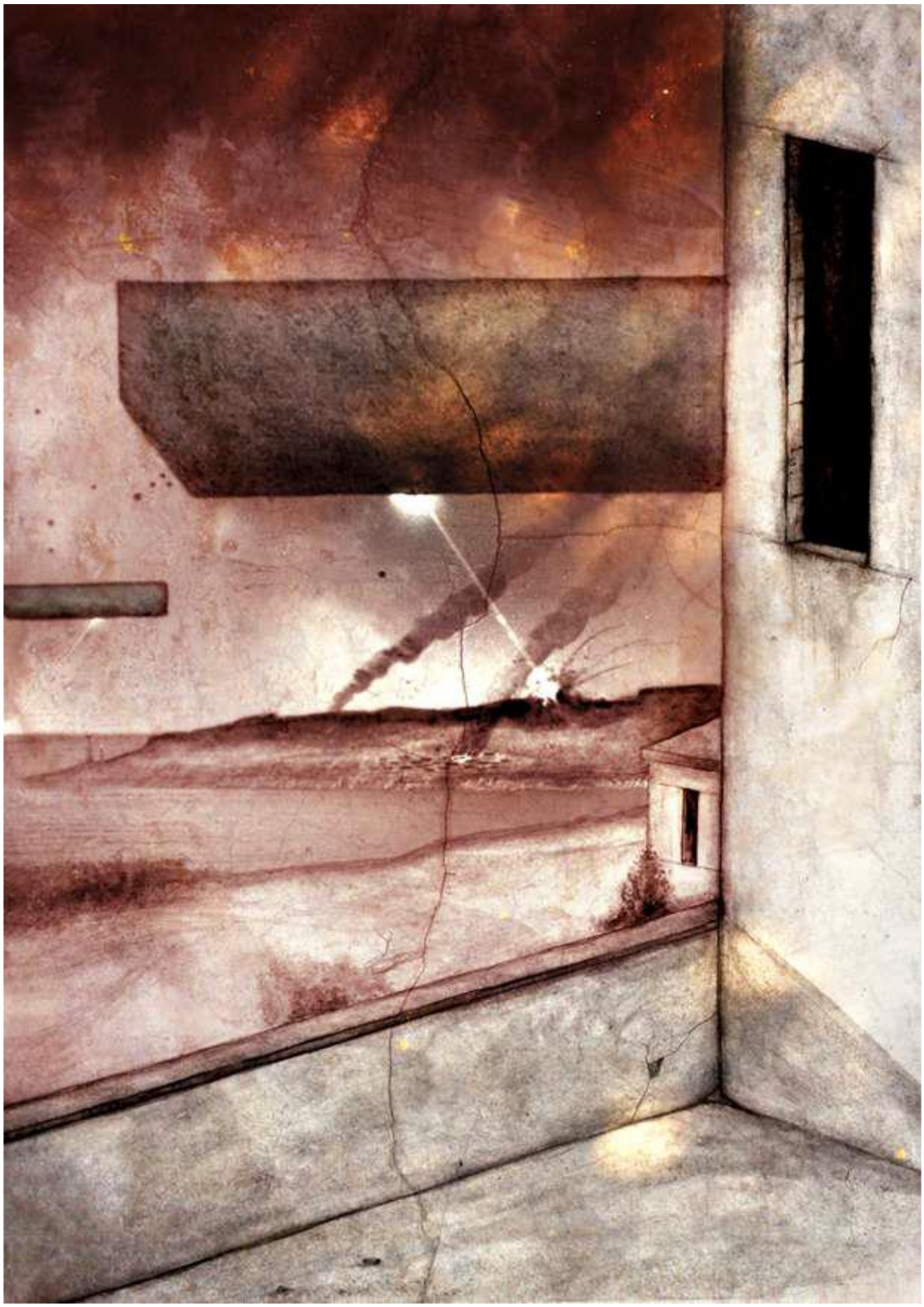
Levou muito tempo para os Gravitais se prepararem. Os sistemas de propulsão foram aperfeiçoados e novos corpos capazes de suportar os saltos interestelares foram desenvolvidos. Mas quando finalmente decidiram que a hora estava próxima, nada sobreviveu ao massacre.

As invasões seguiram um plano brutalmente simples. Os sóis dos mundos-alvo foram bloqueados e sua luz era aprisionada em velas de milhões de quilômetros especialmente construídas. Se os mundos moribundos conseguissem resistir, um ou dois asteroides acabavam com eles. Enormes frotas de invasão eram construídas, mas raramente era necessário usá-las. As Máquinas haviam pego seus primos completamente desprevenidos.

As grandes mortes, todas ocorridas em um período relativamente rápido de dez mil anos ampliaram os limites do genocídio e do horror. Quase todas as novas espécies humanas seres únicos que haviam sofrido extinções em massa, navegado pelos gumes da evolução e sobrevivido para construir seus próprios mundos desapareceram sem deixar rastros.

Até mesmo os Qu foram leais à vida, distorceram e subjugaram suas vítimas, mas, no final, permitiram que elas sobrevivessem. Para as máquinas, entretanto, a vida era um luxo.

Essa crueldade total não era, ironicamente, resultado de nenhum tipo de ódio real. Os Gravitais, há muito acostumados com seus corpos mecânicos, simplesmente não reconheciam a vida de seus primos orgânicos. Quando essa apatia foi misturada com suas reivindicações insanas como os únicos herdeiros dos Homens das Estrelas, as extinções eram realizadas com a banalidade de, por exemplo, um engenheiro demolindo um prédio abandonado. Sob o reinado das Máquinas, a Galáxia entrou em uma nova era de trevas.



Um raro exemplo de invasão direta pelas Máquinas, em uma das cidades costeiras do Killer Folk. Na maioria das vezes, os habitantes do Segundo Império foram exterminados globalmente, sem a necessidade de tais confrontos.

XLVII

Considerando a Invasão

A Invasão das Máquinas provocou a maior onda de extinções que a galáxia já havia visto, pois não se tratava de um simples ato de guerra de uma espécie contra outra, mas de uma destruição sistematizada da própria vida.

Ao considerar um evento tão vasto, é fácil se perder em ilusões românticas. É quase tão fácil descartar o Gravital como "maligno" quanto se considera o episódio inteiro como um cenário niilista do tipo "fim de tudo". Ambas as abordagens são, como como seriam em qualquer situação histórica, falácias monumentais.

Para começar, os Gravitais não eram malignos, pelo menos não em sua própria percepção. Esses seres, embora mecânicos, ainda viviam suas vidas como indivíduos e operavam em sociedades coerentes. Eles haviam renunciado à sua herança orgânica, mas suas mentes não eram os motores frios e calculistas das verdadeiras máquinas. Mesmo depois de dar ordens que destruiriam um bilhão de almas, um Gravital teria um lar para onde ir e, por incrível que pareça incrivelmente, uma família e um círculo de amigos pelos quais ele sentia afeição genuína. Apesar de serem dotados de compaixão, o tratamento severo que davam aos orgânicos era o resultado, como mencionado anteriormente, de uma simples incapacidade de entender o direito deles de viver.

Além disso, o Gravital não constituía um todo singular e indivisível cujo objetivo era destruir o universo. É verdade que seu avanço tecnológico permitiu que eles formassem uma entidade pan-galáctica, mas dentro de si o Império das Máquinas estava dividido em facções políticas e até mesmo em crenças religiosas. Sobrepostas a essas linhas de falha estavam as vidas cotidianas e os assuntos pessoais de famílias e indivíduos. Como qualquer ser senciente, eles tinham um senso de identidade e, portanto, agendas diferentes.

A invasão das máquinas também não significou o fim de tudo. Certamente houve uma destruição generalizada da vida, mas o que se perdeu foi "apenas" a vida orgânica. Consumindo energia, direcionando-a para a reprodução, o pensamento e até mesmo a evolução, as máquinas eram tão vivas quanto qualquer organismo baseado em carbono. Apesar da mudança, uma espécie de vida sobreviveu e, como como se veria, até preservou alguns de seus predecessores orgânicos.

XLVIII

“Sujeitos” (muitos descendentes dos Bug Facers)

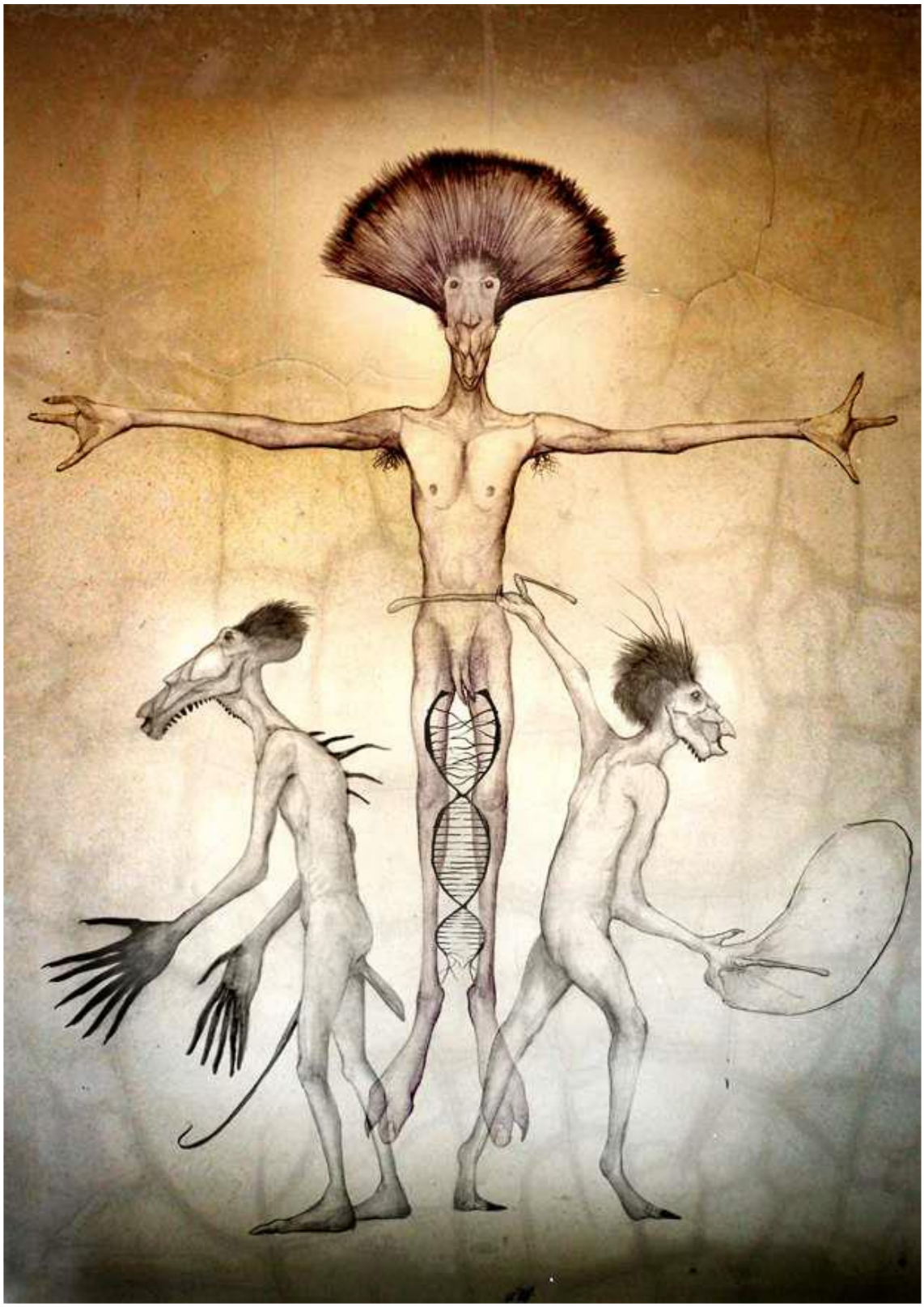
Os *Bug Facers*, racialmente tímidos e xenófobos devido ao seu histórico de repetidas invasões alienígenas, tornaram-se a primeira espécie a enfrentar o ataque Gravital. Por mais irônico que seu destino parecesse, os Bug Facers foram os mais sortudos entre os pós-humanos. Em vez de serem exterminados como o resto de seus primos, eles sobreviveram como os únicos seres orgânicos no Império das Máquinas.

Os motivos exatos de sua retenção permanecem desconhecidos até hoje. Talvez as Máquinas ainda não tivessem aperfeiçoado sua apatia implacável até então. Ou talvez eles tivessem pena dos pobres orgânicos e permitiram que eles mantivessem uma paródia atrofiada de uma existência.

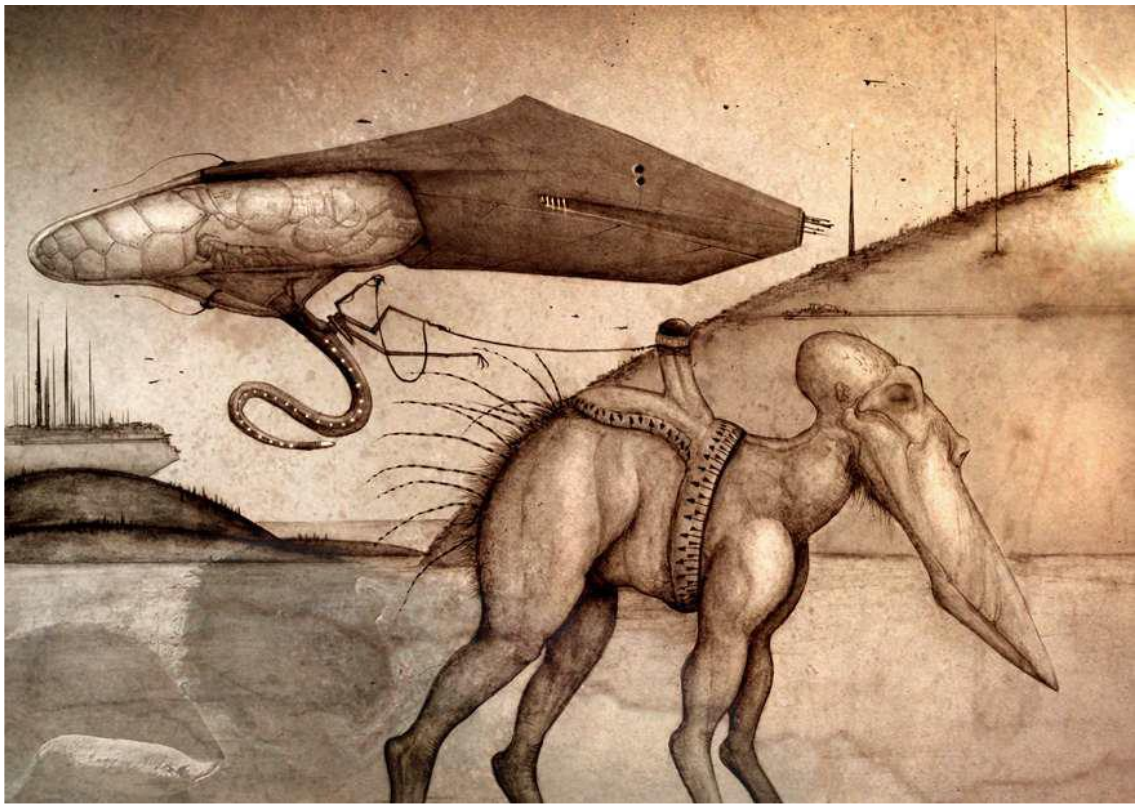
Seja qual for o motivo, os *Bug Facers* resistiram. Mas eles quase não se pareciam mais com seus ancestrais originais. A engenharia genética, a arte perdida dos Qu, (e, mais tarde, também dos *Tool Breeders*), foi dominada de forma quase tão abrangente pelas Máquinas. Sem hesitar em distorcer os seres que eles não consideravam realmente vivos, elas se inseriram no DNA dos Bug Facers, produzindo gerações de abominações literais. Será que uma mulher ou um homem de hoje demonstraria algum receio em remontar um computador ou até mesmo reciclar o lixo? Essa foi a atitude do triunfante Gravital.

Assim, foram produzidas multidões de Sujeitos, distorcidos a tal ponto que até mesmo a intromissão dos Qu parecia comparativamente tímida. A maioria deles foi usada como empregados, cuidadores e trabalhadores braçais. Esses eram os sortudos. Alguns sub-homens foram reduzidos ao nível de culturas celulares, úteis apenas para troca de gases e filtragem de resíduos. Outros foram moldados em ecologias totalmente artificiais; simulações barrocas que serviam apenas como entretenimento. Algumas máquinas, com suas ambições ainda humanas, levaram essa prática a um novo patamar e produziram obras de arte vivas; únicas criaturas condenadas que existiam apenas como anacronismos biológicos.

Seja como ferramenta, escravo ou entretenimento, a humanidade se agarrou por pouco à sua herança biológica, enquanto seus primos máquinas reinaram supremos por inacreditáveis cinquenta milhões de anos.



O arquétipo Bug Facer, ladeado por dois de seus descendentes distorcidos. À sua esquerda, um polidáctilo portador de falo, criado como oferenda de sacrifício em uma das muitas religiões diferentes das Máquinas. À direita, uma obra de arte única, projetada para tocar seus dedos modificados dedos como um conjunto de tambores enquanto ululam as melodias de uma certa música pop.



XLIX

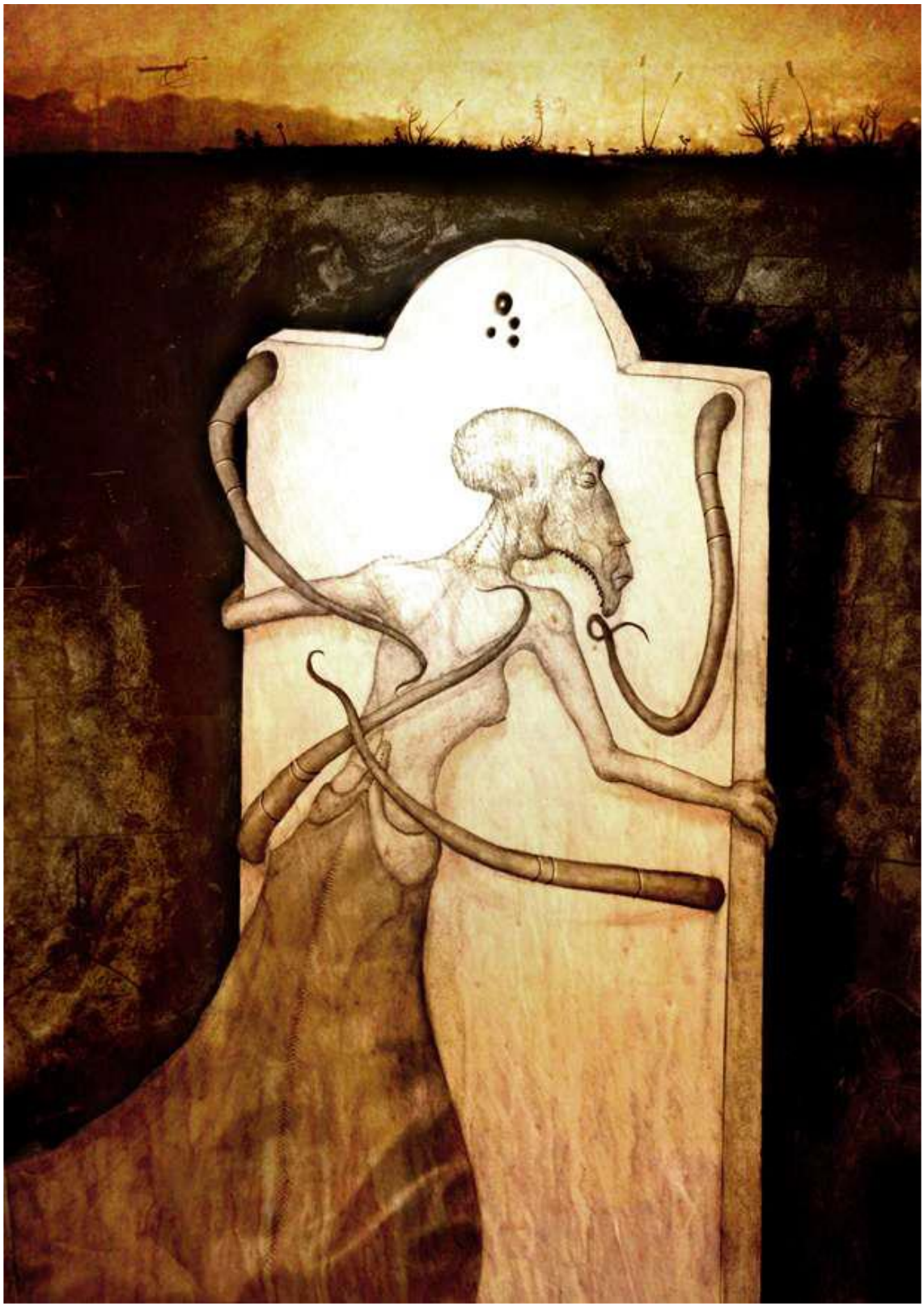
Outras Máquinas

Lembre-se de que, apesar de seu poderio na Galáxia, o Império das Máquinas não era homogêneo. Ele continha dezenas de facções diferentes que nem sempre concordavam em tudo, incluindo o tratamento de seus oprimidos súditos biológicos.

Algumas máquinas, em um processo que envolveu várias doutrinas religiosas, sociais e filosóficas, começou a compreender a universalidade da vida e a origem comum das humanidades orgânica e mecânica. Inicialmente, esses indivíduos viviam em reclusão ou escondiam suas crenças do mundo. Eles criaram secretamente linhagens de indivíduos que podiam viver, mover e pensar tão livremente quanto eles. Em alguns casos memoráveis, os engenheiros se apaixonaram por suas criações, e seu martírio inspirou outras Máquinas a pensar um pouco diferente.

Por fim, a ideologia ganhou força suficiente para ser praticada abertamente na vida cotidiana. No entanto, a seita da Tolerância logo entrou em conflito com seus rivais panmecânicos de linha dura. A intolerância fervilhante entre as duas facções finalmente se rompeu quando algumas Máquinas Tolerantes quiseram reservar vários mundos para o desenvolvimento irrestrito da vida biológica. O inferno começou e o Império das Máquinas, o aparentemente sem falhas da galáxia, passou por sua primeira guerra civil curta e amarga.

A guerra não causou nenhum dano duradouro, mas deixou claro um fato. A maior entidade que a galáxia já viu não estava livre de seus problemas.



L

A queda das Máquinas – o Retorno dos *Spacers*

Em longo prazo, as lutas internas do Império das Máquinas podem ter levado à sua queda. Mas não havia necessidade de esperar tanto tempo, pois o Império teve uma morte mais curta, mas imensamente mais cataclísmica.

Durante muito tempo, o Império das Máquinas e o Império dos Asteromorfos ficaram se olhando nervosamente. Eles ainda não haviam entrado em confrontos abertos, pois os Asteromorfos se mantinham principalmente em suas arcas no espaço sideral e o Império das Máquinas ocupava os planetas. Em quase todos os sistemas solares habitáveis da galáxia, a mesma tensão de cabeça para baixo se acumulava entre seres orgânicos que viviam no vazio e máquinas que habitavam mundos perfeitamente terrestres.

O poder estava equilibrado entre os dois impérios rivais. Além disso, esse equilíbrio envolvia forças fortes o suficiente para destruir planetas em massa. Cada lado sabia que qualquer tipo de guerra resultaria em aniquilação mútua, e que somente a insanidade poderia iniciar tal conflito.

Bem, o pós-guerra civil do Império das Máquinas os enlouqueceu, de certa forma. Para desviar a atenção das lutas internas, eles precisavam de um novo inimigo para unir suas facções rivais. Imprevisivelmente, esse inimigo veio a ser os Asteromorfos.

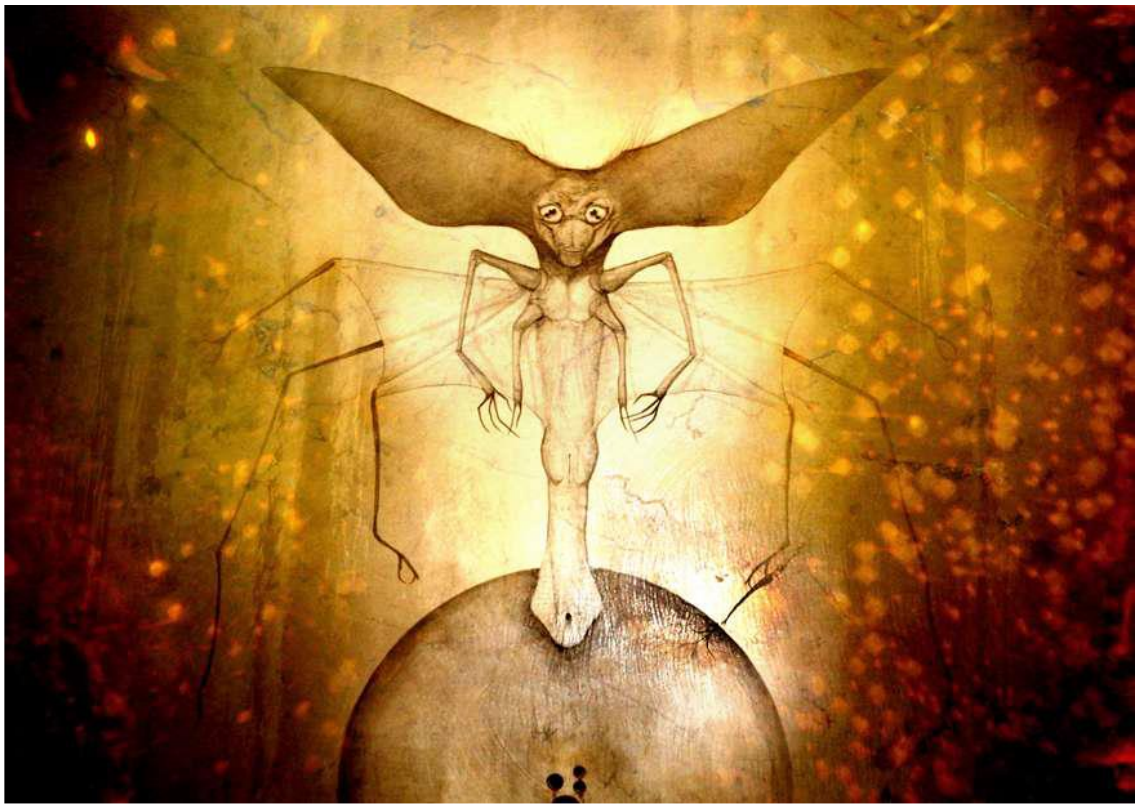
É desnecessário e quase impossível descrever a carnificina que se seguiu. Os conflitos duraram cerca de alguns milhões de anos, e a perda de vidas resultante (tanto mecânica e orgânica) fez com que o Genocídio das Máquinas inicial parecesse irrelevante.

Quando a poeira cósmica baixou, os vencedores se mostraram. Os conquistadores foram os Asteromorfos, alterados de forma irreconhecível após cinquenta milhões de anos de aperfeiçoamento contínuo. Seus cérebros grosseiramente hipertrofiados se estendiam como asas de ambos os lados, e seus membros derivados dos dedos formaram um intrincado conjunto de velas e pernas. Dotados de tecnologia superior e paciência ilimitada, esses seres destruíram quase completamente as Máquinas, apesar de terem perdido um número substancial de sua própria espécie.

O conflito também colocou os Asteromorfos nos assuntos de seus primos humanos, há muito negligenciados. Por mais impossível que parecesse, alguns dos Súditos das Máquinas haviam sobrevivido a provação. Agora, os Asteromorfos não podiam mais desviar o olhar.

Com o desaparecimento das Máquinas, coube aos Asteromorfos fazer a limpeza. Eles assumiram o controle e usaram sua herança genética para povoar planetas inteiros. Durante essa era de reconstrução, que durou mais dois milhões de anos, muitos

Asteromorfos construtores de mundos surgiram como verdadeiros deuses, criando mundos do zero. Enquanto isso, seus Súditos tornaram-se herdeiros de uma Fênix Galáxia verdadeiramente nova e devastada pela guerra.



LI

A Galáxia do Pós-Guerra

Ao reconstituir os mundos perdidos, os deuses Asteromorfos também tomaram medidas para garantir a segurança contínua de suas criações. O surgimento abrupto das Máquinas mostrou que, se não fosse cuidadosamente regulada, a riqueza das estrelas sempre poderia abrigar uma raça de usurpadores pangalácticos.

Os Asteromorfos, atentos, mas sempre transparentes, não queriam interferir diretamente. Em vez disso, eles produziram versões terrestres de sua própria espécie para regular a galáxia. Eles adaptaram seus dedos delicados e etéreos em membros arenosos e encolheram seus cérebros consideravelmente para se reajustarem aos rigores da gravidade. A linhagem resultante era inferior para os padrões dos Asteromorfos, mas ainda assim produziu semideuses em todos os sentidos da palavra.

Esses seres, conhecidos frequentemente como *Spacers* Terrestres ou simplesmente Terrestres, nutriram e controlaram o desenvolvimento das civilizações do pós-guerra em muitos planetas. Eles atuaram como zeladores, profetas, reis e imperadores, mas também como ceifadores, conforme a ocasião.

É claro que a empreitada nem sempre ocorria de forma tão tranquila quanto o planejado. Na maioria das vezes, as raças recém-nascidas se recusavam a ouvir seus mentores e, em vários casos se rebelavam contra eles. Não é preciso dizer que esse crime era sempre punido com uma rápida extinção. Além disso, até mesmo os Terrestres se corrompiam. Em vez de oferecer orientação, os Terrestres em muitos planetas simplesmente brincavam de deuses, tecendo religiões inventadas em torno de si mesmos para explorar descaradamente seus súditos. Isso não era ético ou mesmo produtivo, mas esse método parecia garantir mais estabilidade do que tentar de fato educar as novas raças.

De uma forma ou de outra, a consciência orgânica recuperou seu domínio na galáxia. O Novo Império, administrado por Terrestres, povoado por uma miríade de descendentes dos antigos seres e supervisionado, em última instância, pelos oniscientes Asteromorfos, alcançou maior progresso e uma paz mais duradoura na galáxia do que todos os seus antecessores juntos.

Um Terrestre nu mostra a anatomia altamente divergente, mas ainda assim bizarramente humana, que é característica dessa espécie. Esses Terrestres em particular mantêm uma hegemonia religiosa sobre seus súditos ignorantes; vestindo elaborados mantos e chapéus para afirmar sua herança "divina".

LII

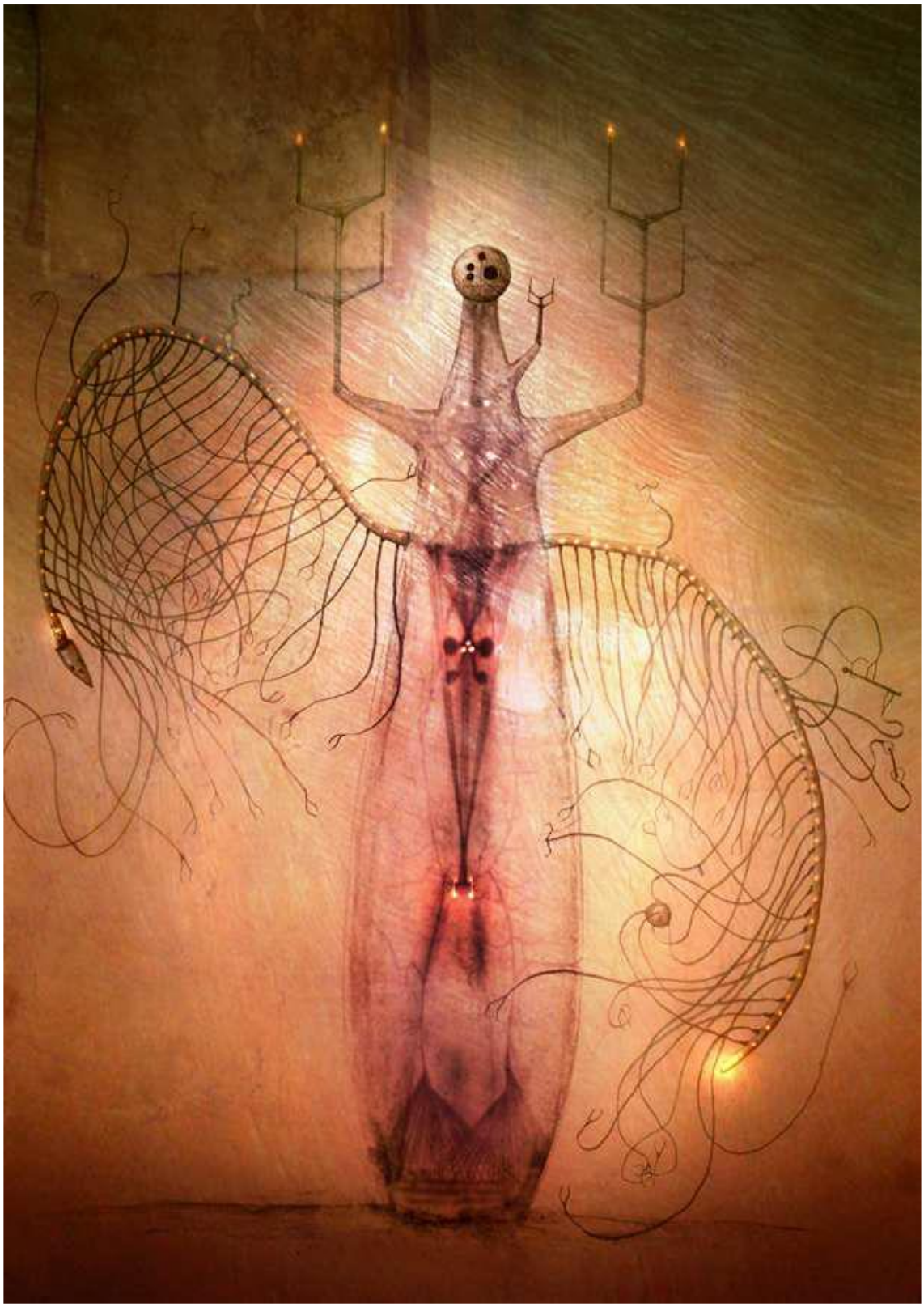
As Novas Máquinas

Muito tempo depois de sua queda em desgraça, as Máquinas ainda se agarravam à existência. Durante o rescaldo inicial da guerra, os Asteromorfos planejaram exterminar até o último deles, apenas para descobrir que as Máquinas eram úteis demais para serem destruídas. Durante milhões de anos, elas aperfeiçoaram a interface entre a mente e a máquina a tal ponto que podiam viver e operar nas condições mais inóspitas. Esses seres, privados de seu poder de dominar galáxias, fariam contribuições inestimáveis para a pesquisa e exploração no Novo Império.

Havia um senso de justiça poética em tudo isso. As Máquinas, que antes distorciam formas de vida biológica a seu bel-prazer, finalmente tiveram um destino semelhante. Para começar, os Asteromorfos eliminaram completamente sua capacidade de manipulação gravitacional autônoma a própria força que os tornara invulneráveis em primeiro lugar. Eles receberam um tempo de vida finito e uma imaginação levemente entorpecida, para que a história não se repetisse. A natureza degradante dessas mudanças, no entanto, não implicou em uma regressão total.

Ao contrário de seus ancestrais, as Novas Máquinas eram dotadas de corpos nanotecnológicos que podiam se remodelar continuamente, o que significava que podiam ter todas as formas e tamanhos imagináveis, além de alguns que não podiam. Um cidadão-máquina podia viver por algum tempo no vazio do espaço, realizando pesquisas, e depois se transformar em um plano corporal completamente diferente para passar férias em um halo cometário, em uma selva tropical ou em um oceano de metano. Ele ou ela também faria a viagem pessoalmente, desenvolvendo hiperdrives e motores a jato temporários!

Apesar de sua versatilidade impressionante, as Máquinas nunca foram tão comuns ou proeminentes, mesmo depois de aceitarem completamente seu papel como cidadãos humildes do Novo Império. As maiores guerras da história concebível haviam incutido nos orgânicos uma desconfiança muito profunda em relação a seus vizinhos mecânicos e as Novas Máquinas sempre foram tratadas com um certo grau de discriminação. Os pecados de seus pais haviam se tornado um grilhão para essa mais esplendorosa de todas as espécies humanas.



Uma máquina cidadã do Novo Império. Ela ostenta um deslumbrante par de braços ramificados que que se adequam tanto às últimas tendências da moda quanto ao seu trabalho como artesã. Máquinas seguindo a moda podem parecer incomuns para um leitor desta época, mas nunca se esqueça de que esses seres são inteligências humanas, apenas em corpos diferentes.

LIII

Segundo Contato

Com sucessivas ondas de descoberta e colonização auxiliadas por máquinas, o Novo Império cresceu exponencialmente. O crescimento da riqueza e do progresso foi tão grande que sua descrição necessitaria do uso de conceitos que ainda hoje não foram explorados. Para conversar com um homem de hoje sobre as idas e vindas do Novo Império seria semelhante a dar palestras sobre geopolítica do século XX a um caçador-coletor.

Essa entidade magnífica não era cega para o universo ao seu redor. Ela sintonizou seus olhos, ouvidos e sensores, e sondou os eventos das galáxias ao redor. Os Novos Galácticos suspeitavam que as nebulosas vizinhas também poderiam ter seu povo nativo, e era prudente entrar em contato com eles antes que ocorresse um mal-entendido ou conflito. Em um lado mais sombrio, essas observações também serviam como vigias para possíveis invasores. Mesmo assim, a memória dos Qu não foi esquecida.

A descoberta acabou sendo feita. Uma das galáxias vizinhas estava mostrando padrões de atividade que eram os sinais inconfundíveis de uma organização senciente. Alguns pensadores se regozijavam com a descoberta de uma nova civilização, enquanto outros temiam um retorno dos Qu. Felizmente, esse segundo encontro com uma espécie alienígena provou ser pacífico. Talvez as inteligências de ambas as galáxias estivessem finalmente maduras o suficiente para se encontrarem sem brigar.

A outra galáxia era dominada por uniões conectadas de diferentes seres, presididas por vários tipos de Amphicephali; criaturas bizarras que se assemelhavam a cobras gigantes com cabeças em ambas as extremidades, uma das quais tinha um corpo secundário retrátil que eles usavam para interagir com o mundo. Aparentemente, eles haviam passado por séries alternadas de regressões, radiações evolutivas e transformações genéticas autoimpostas, assim como a humanidade.

Com todas as suas diferenças selvagens, os Amphicephali eram bem-vindos. Eles foram os primeiros, mas certamente não os últimos.

Um embaixador Amphicephalus com naves espaciais típicas de sua espécie. Seu estranho corpo revela uma história evolutiva tão complicada quanto a da humanidade.

LIV

Terra redescoberta

O objetivo deste trabalho não é descrever o progresso ilimitado que se seguiu ao contato intergaláctico. Poderíamos nos alongar indefinidamente, relatando como as galáxias unidas reencontraram e subjugaram os Qu, como elas revestiram seus sóis com conchas artificiais, multiplicando suas zonas habitáveis em um bilhão de vezes, como elas cruzaram o espaço interestelar com buracos de minhoca e tornaram as viagens uma coisa do passado. Por fim, os descendentes desses seres conquistaram até mesmo o próprio Tempo, prolongando a existência de suas mentes indefinidamente por meio de tecnologias de rejuvenescimento.

Por um tempo, todos os homens foram deuses.

Mas, do nosso ponto de vista, uma descoberta realmente se destacou nessa profusão de avanços. Comparada a conquistas gigantescas, como a domesticação do espaço e a construção das conchas estelares, ela foi um mero pontinho, uma revelação de trivialidades há muito esquecidas. Essa foi a redescoberta da Terra, o local de nascimento da humanidade, onde o onipresente Asteromorfo, a Máquina que desliza pelas estrelas e as milhões de humildes raças residentes todas puderam traçar suas origens.

Ela foi feita discretamente, por um pesquisador singular que vasculhava os vestígios de uma história esquecida, década após década. Milhões de anos de guerras, invasões e extinções haviam enterrado as evidências de forma completa e abrangente. Quando ela finalmente se deparou com provas irrefutáveis, ninguém estava por perto para comemorar. Isso viria mais tarde.

Na época da redescoberta da Terra, os seres humanos divergiram consideravelmente de seus ancestrais.

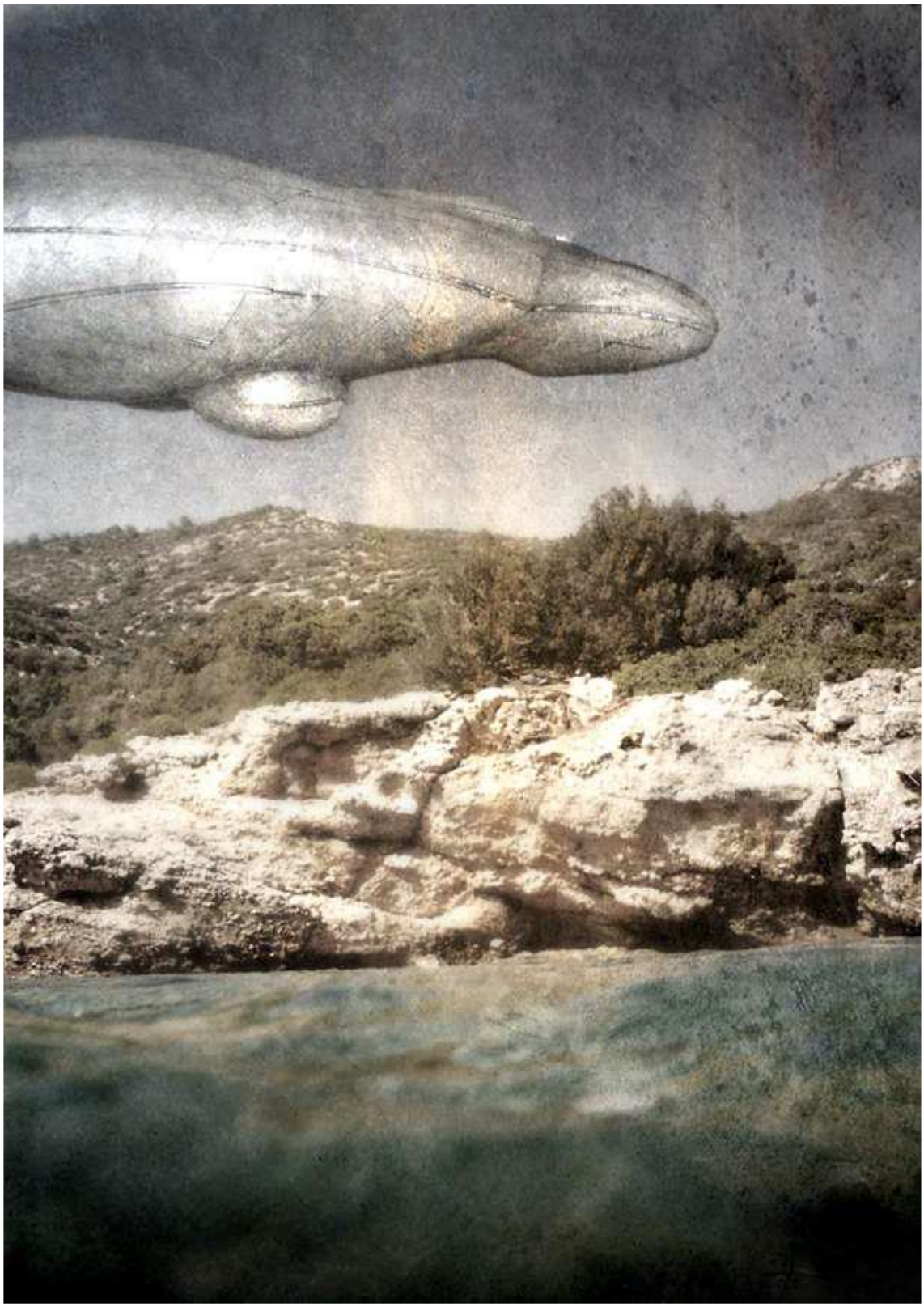
LV

Retorno

A descoberta despertou um certo interesse, embora não tanto quanto outras descobertas. Para a maioria dos humanos do cosmos, o local de nascimento de seus ancestrais era simplesmente uma informação interessante, uma trivialidade com a qual eles haviam perdido todos os laços.

Ainda assim, uma nave foi enviada e pousou sem cerimônia, pois agora não havia mais inteligência na Terra. Muito longe dos principais centros populacionais, ela havia sido completamente ignorada, estagnada e feroz. Mas, ainda assim, era o Lar.

Quando os exploradores saíram, os pés humanos pisaram na velha Terra mais uma vez, após uma ausência de 560 milhões de anos. A humanidade estava de volta ao lar.



LVI

Todos os Amanhãs

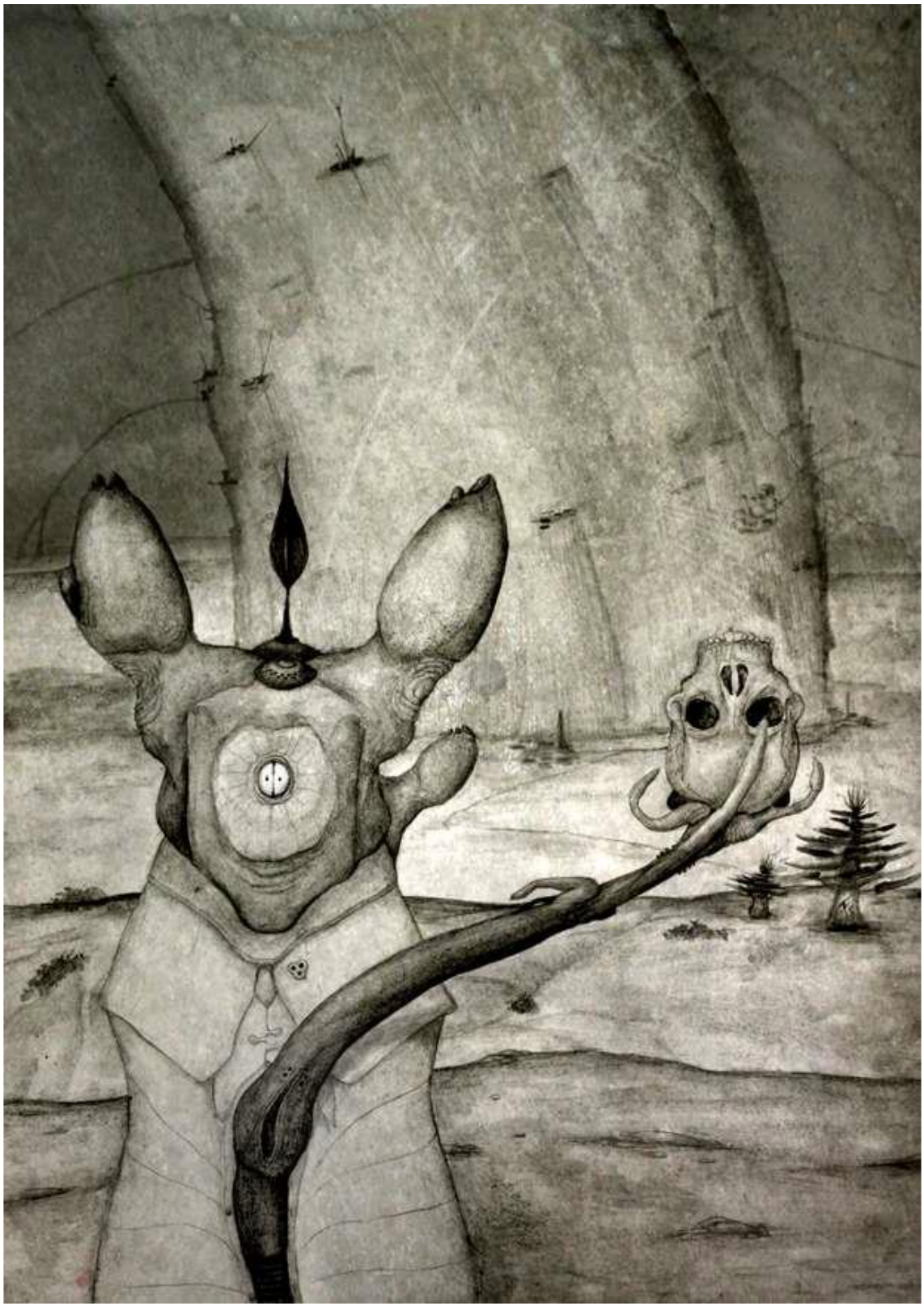
Devo concluir minhas palavras com uma confissão. A humanidade, a mesma espécie que eu venho descrevendo desde sua infância terrestre até o domínio das galáxias, está extinta. Todos os seres que você viu nas páginas anteriores, desde a humilde minhoca até o do megalomaníaco Gravital aos cidadãos galácticos supremos, estão mortos há um bilhão de anos. Estamos apenas começando a juntar as peças da história. O que você leu foi nossa melhor aproximação da verdade.

Por que eles desapareceram? Talvez tenha sido uma guerra de aniquilação final e inimaginável, uma que transcendeu o próprio significado de "conflito". Talvez tenha sido um desmembramento gradual das galáxias unidas, e cada raça enfrentando seu fim particular lentamente depois disso. Ou talvez, como sugerem as teorias mais loucas, tenha sido uma migração em massa para outro plano de existência. Uma viagem para algum lugar, em algum momento, para outra coisa. Mas o ponto principal é; honestamente, não sabemos.

No entanto, em última análise, o que aconteceu com a humanidade não importa. Como toda como qualquer outra história, ela foi temporária; de fato, longa, mas, em última análise, efêmera. Ela não teve um final coerente, mas, por outro lado, não precisava ter. A história da humanidade nunca foi sua dominação definitiva de mil galáxias ou sua misteriosa saída para o desconhecido. A essência do ser humano não era nada disso. Em vez disso, ela estava nas conversas de rádio das máquinas ainda humanas, na vida cotidiana dos bizarramente distorcidos *Bug Facers* nas intermináveis canções de amor dos despreocupados Hedonistas, nas demonstrações de rebeldia dos primeiros verdadeiros marcianos e, de certa forma, na própria vida que você leva neste momento.

Muitos, ao longo da história, não tinham conhecimento desse fato básico. Os Qu, em sonhos de um futuro ideal, distorceram os mundos que encontraram. Mais tarde, os Gravitais, com seu desejo insano de recriar o passado, causaram os massacres mais horríveis da história da galáxia. Mesmo agora, é assustadoramente fácil para os seres se perderem em falsas grandes narrativas, vivendo vidas completamente dirigidas em busca de códigos, ideais, clímaxes e eras de ouro inexistentes. Ao pensar cegamente que suas histórias servem a fins absolutos, essas criaturas quase sempre acabam prejudicando a si mesmas, se não as outras ao seu redor.

Para aqueles que estão equivocados, vejam a história do Homem e caiam em si! O que importa não é o destino, mas a viagem. O que você faz hoje influencia o amanhã, e não o contrário. Ame hoje e aproveite Todos os Amanhãs!



O autor, com um crânio humano de um bilhão de anos.

Nota do Tradutor

Essa é uma tradução não oficial, na realidade totalmente Pirata, por assim dizer, feita de fã para outros fãs e eventuais novos fãs dessa obra fantástica.

Muitos nomes dos povos e espécies foram mantidos no seu original em inglês, seja por não ter uma tradução apropriada ou simplesmente por "estética literária".

Espero que essa tradução chegue até você e você compartilhe com outros.

João Lopes – Pouso Alegre MG – Fevereiro de 2024